



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

CARLOS JOSÉ FURTADO FERREIRA

A Alegria da Liturgia
Celebrar a Vida em Cristo

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor Joaquim Augusto Félix de Carvalho

Braga
2024

ÍNDICE

Resumo	4
Abstract.....	4
Siglas e abreviaturas	5
Introdução	7
1. A Alegria Cristã	9
1.1. De que alegria falámos?	9
1.2. A Alegria cristã hoje	21
2. A Alegria da Liturgia.....	29
2.1. A Alegria do Ressuscitado, a Alegria Pascal	29
2.2. Liturgia: Alegria que brota do Mistério Pascal	37
2.3. Domingo, Páscoa semanal: o Dia da Alegria	46
3. A Alegria Celebrada e Vivida	52
3.1. Uma Alegria que se desdobra pelo Ano Litúrgico	52
3.2. Uma Alegria que toca todos os Sacramentos	56
3.3. A Alegria celebrada. O Missal como compêndio da Alegria	60
3.3.1. Ordinário da Missa. Eucaristia: o Sacramento da Alegria	62
3.3.2. Próprio do Tempo. A Alegria própria de cada Tempo	67
3.4. Viver a Alegria celebrada	84
3.5. Que caminhos para uma alegria vivida?	87
3.5.1. Valorização do Domingo.....	87
3.5.2. Valorização do Canto	91
3.5.3. Valorização da Formação Litúrgica	92
3.5.4. Valorização da <i>Lectio Divina</i> e de outros aspetos.....	93
Conclusão.....	97
Bibliografia	100

RESUMO

Há uma evidente ligação entre cristianismo e alegria. O cristianismo é uma religião da alegria. E a Oração da Igreja, a Liturgia, expressa isso mesmo. É a Alegria da Liturgia!

Falamos de alegria cristã, que vai muito além de uma manifestação meramente exterior e tem como fundamento o próprio Deus, vem de Deus, de nos sabermos salvos por Ele.

O Mistério Pascal de Cristo é a fonte da alegria, que se celebra e se manifesta, de forma concreta, nos sacramentos. De forma especial, na Eucaristia e, mais concretamente, na Páscoa semanal, o Domingo, como dia da Alegria, porque dia da Ressurreição.

Assim, a alegria que nos vem da Ressurreição, pela Liturgia, pelos sacramentos, chega até nós, sobretudo com o Domingo, que, com o seu ritmo semanal, marca o nosso quotidiano com a alegria, dá como que o mote para uma alegria vivida. É o dia em que a Igreja pode reencontrar a sua alegria, testemunhá-la e partilhá-la.

O Missal apresenta-se, neste sentido, como compêndio da alegria, da alegria celebrada, que se manifesta nas inúmeras referências à alegria nos seus textos eucológicos, não vinculada a um Tempo ou celebração em específico, mas, antes, transversal a toda a celebração da Igreja.

Palavras-chave: Alegria; Alegria cristã; Liturgia; Páscoa; Mistério Pascal; Domingo.

ABSTRACT

The link between christianity and joy is unmistakable. Christianity is a religion of joy. This is expressed in the Prayer of the Church, the Liturgy. It is the Joy of the Liturgy!

Christian joy goes beyond mere external display and is rooted in God himself; it comes from knowing that we are saved by Him.

The source of this joy is the Paschal Mystery of Christ, which is celebrated and manifested in a concrete way in the sacraments. Especially in the Eucharist and specifically in the weekly Easter Sunday, the day of the Resurrection.

Therefore, the joy that comes from the Resurrection, through the Liturgy and the sacraments, is most evident on Sunday, shaping our daily lives with joy through its weekly rhythm. This day allows the Church to rediscover, witness, and share its joy.

In this sense, the Missal can be seen as a collection of celebrated joy, evident in the numerous references to joy in its eucologic texts. This joy is not limited to a specific season or celebration but permeates the entire Church celebration, which is the Liturgy.

Keywords: Joy; Christian joy; Liturgy; Easter; Paschal Mystery; Sunday.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AAS – *Acta Apostolicae Sedis*

AI – *Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae Aperuit illis*

AL – *Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Amoris Laetitia*

Ap – Livro do Apocalipse

ApL – *Litterae Apostolicae Sub Plumbo Datae Apostolorum Limina*

At – Livro dos Atos dos Apóstolos

CB – Cerimonial dos Bispos

CCE – *Catechismus Catholicae Ecclesiae*

DD – *Epistula Apostolica Dies Domini*

DDes – *Litterae Apostolicae Desiderio Desideravi*

DV – *Litterae Encyclicae Dominum et Vivificantem*

EE – *Litterae Encyclicae Ecclesia de Eucharistia*

Ef – Carta aos Efésios

EG – *Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Evangelii Gaudium*

Ex – Livro do Êxodo

Fl – Carta aos Filipenses

Gal – Carta aos Gálatas

GD – *Adhortatio Apostolica Gaudete in Domino*

GE – *Adhortatio Apostolica Gaudete et Exsultate*

GME – *Allocutio Ioannis XXIII in Sollemni SS. Concilii Inauguratione Gaudet Mater
Ecclesia*

Gn – Livro do Génesis

GS – *Constitutio pastoralis Gaudium et Spes*

Hb – Carta aos Hebreus

IGMR – Instrução Geral do Missal Romano

Is – Livro de Isaías

Jo – Evangelho segundo S. João

Lc – Evangelho segundo S. Lucas

LG – *Constitutio Dogmatica De Ecclesia Lumen Gentium*

Mc – Evangelho segundo São Marcos

Mt – Evangelho segundo São Mateus

Ne – Livro de Neemias

NGAL – Normas Gerais do Ano Litúrgico e Calendário

PF – *Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae Porta Fidei*

PG – *Patrologia cursus completus. Series Graeca*, editor J. P. Migne
PL – *Patrologia cursus completus. Series Latina*, editor J. P. Migne
Rm – Carta aos Romanos
SC – *Constitutio de Sacra Liturgia Sacrosanctum Concilium*
SCAR – *Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Sacramentum Caritatis*
Sl – Livro dos Salmos
VD – *Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Verbum Domini*
Zac – Livro de Zacarias
1 Pe – Primeira Carta de Pedro
1 Ts – Primeira Carta aos Tessalonicenses
2 Cor – Segunda Carta aos Coríntios
2 Tm – Segunda Carta a Timóteo

c. – cerca de

Cf. – Confrontar ou conferir

Vol. – Volume

INTRODUÇÃO

Celebrar com alegria, a Alegria da Liturgia. Celebrar, com alegria, a alegria. Desde logo, há uma coerência que se procura. E se se procura, é porque nem sempre se encontra. E, se nem sempre se encontra, é necessário explicitar isso mesmo: a presença da alegria na Liturgia e, antes disso, na Sagrada Escritura e na Igreja.

Estará ela presente na nossa Liturgia? Será esta uma pontual expressão, ora num Tempo específico, ora numa solenidade ou outra? Está explícita ou apenas implícita? Ou será, antes, uma manifestação transversal?

Na sua estrutura, a presente dissertação divide-se em três capítulos, num percurso que nos leva pela alegria cristã até à alegria da Liturgia, para, depois, olhar ao concreto da celebração e, depois, à vida cristã. Tudo isto com o fio condutor da alegria.

Num primeiro capítulo, procuraremos perceber de que alegria falamos quando nos referimos a alegria cristã, até que ponto o cristianismo é uma religião de alegria. Importa, igualmente, encontrar as raízes bíblicas desta alegria cristã, bem como a sua presença na Igreja dos nossos dias e no contexto da sociedade atual. Há como que uma pergunta que, antes de mais, se impõe, à qual, neste primeiro capítulo, procuraremos dar resposta. De que alegria, afinal, falamos?

Com o segundo capítulo, entramos naquilo que designamos de Alegria da Liturgia. Vamos à fonte da Liturgia, que é o Mistério Pascal de Cristo, a alegria pascal, a alegria da Ressurreição, para, aí, olharmos a Liturgia como alegria que brota desse Mistério, evidenciando a alegria da Liturgia que dá título e mote a este trabalho. Por fim, olhamos à Páscoa semanal, o Domingo – dia da Alegria – no seu significado e fundamento, bem como a importância que tem para a Igreja.

Neste capítulo, vamos ao encontro da fonte da alegria e procuraremos perceber o modo como ela emana, depois, a cada Domingo, pelos sacramentos e, concretamente e sobretudo, pela Eucaristia «resumo e súpula da nossa fé» (*CCE*, 1327). Vamos como que encontrando uma alegria que, nascendo da Páscoa, se vai aproximando da vida concreta de cada um e das suas comunidades.

Já no terceiro capítulo, consideramos a alegria celebrada e vivida. Deste modo, podemos dizer, continuamos o itinerário de uma alegria que, brotando da Páscoa, se vai aproximando até tocar a vida de cada um. Deste modo, olhamos a alegria da Liturgia que se desdobra por todo o ano litúrgico e, conseqüentemente, entra no tempo e no espaço, toca as vidas concretas. Importa perceber de que modo e com que dimensão. Até que ponto molda o ano litúrgico e o vincula à alegria.

E entramos no concreto da celebração: é a alegria celebrada. Depois de vermos o desdobrar da alegria por todo o ano litúrgico, desde a sua fonte, que é o Mistério Pascal, chegamos à Liturgia celebrada, procurando confirmar esta alegria que nos chega. Olhando à celebração dos Sacramentos, importa perceber de que alegria falamos quando nos debruçamos sobre cada um deles, tentando evidenciar que aspetos de uma mesma alegria se destacam em cada um dos diferentes Sacramentos.

A Eucaristia, centro vital da Igreja (cf. *SCAR*, 2) merecerá, como, aliás, também no segundo capítulo, especial atenção. Pretendemos evidenciar a alegria da Eucaristia, que é a «recapitulação de todas as coisas»¹, o Santíssimo Sacramento entre os sacramentos. E, neste sentido da alegria celebrada e vivida, ganha especial relevo o facto de ser aquele que vamos repetindo com ritmo semanal, pelo menos, e, por isso, aquele que anima o nosso caminhar de peregrinos, de «peregrinos da felicidade»², reconhecendo esta busca de felicidade, ou alegria, como um aspeto comum a toda a humanidade³. Olharemos, de forma especial, ao Missal, que está ao serviço deste Sacramento⁴, procurando perceber até que ponto essa alegria se manifesta por todo o Missal e, também, que aspetos ou dimensões dessa mesma alegria estão presentes. Recairemos, sobretudo, em duas partes específicas do Missal: o Ordinário da Missa e o Próprio do Tempo. É, agora, a Eucaristia como Sacramento da Alegria, com especial atenção ao seu *Ordo* e, depois, à alegria manifestada na sua celebração em cada Tempo que compõe o ano litúrgico.

E, neste itinerário, aproximamo-nos, por fim, da vida, da vida concreta de cada crente, procurando encontrar a correspondência entre a alegria celebrada e vivida. Nunca num sentido de separação destas dimensões da vida do crente, mas, antes, no sentido da união entre estas, como dimensões de uma mesma fé⁵, dimensões marcadas pela alegria, a alegria pascal, a alegria cristã.

E, se tal não acontece, importa apontar caminhos. Neste percurso onde se procura evidenciar a alegria da Liturgia, que caminho se impõe? É neste fio condutor, que nos leva da Páscoa à Páscoa semanal, que procuramos um caminho para o redescobrir desta alegria que encontramos na Liturgia, nesta Páscoa que vem até nós, crentes, pela Liturgia.

¹ François Varillon, *Alegria de Crer e de Viver* (Braga: Apostolado da Oração, 2013), 381.

² António Coelho, *Meditações sobre a alegria* (Braga: Apostolado da Oração, 2010), 18.

³ Cf. Coelho, 15.

⁴ Cf. José Cordeiro, «Apresentação», em *Apresentação do Missal Romano na terceira edição* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022), 7.

⁵ Cf. Joseph Ratzinger, «Introdução», em *Catecismo da Igreja Católica. Compêndio* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2005), 10.

1. A ALEGRIA CRISTÃ

No itinerário da Alegria Cristã que se pretende trilhar ao longo deste capítulo, importa, antes de mais, perceber de que alegria falamos, antevendo que não se trata de uma alegria qualquer, que facilmente se confundiria com o prazer⁶. O termo é, em boa verdade, e pelo seu frequente uso, suscetível de levar a confusão de conceitos. Será necessário, portanto, e neste sentido, dar respostas a algumas questões que surgem no aprofundar do conceito de Alegria Cristã. Em que consiste? Qual a sua natureza? Que sinais interiores e exteriores? Qual a causa e fonte da mesma? Que lugar este tema ocupa, hoje, na Igreja? Estes são alguns dos aspetos a que procuraremos responder neste primeiro capítulo. De que alegria falamos e qual o lugar para essa alegria no hoje da Igreja?

1.1. De que alegria falámos?

Quando falamos de Alegria Cristã, importa referir que não nos restringimos a uma alegria vinculada a uma «satisfação somente humana»⁷, muito menos que se caracterize por ser «consumista e individualista», também «muito presente nalgumas experiências culturais de hoje» (*GE*, 128). Não nos referimos àquela que é, por assim dizer, «pão e circo», ou seja, alegrias que «divertem e apaziguam, mas não proporcionam necessariamente alegria interior»⁸. Não nos fixamos numa alegria que signifique «viver de risada em risada» ou que se resuma a «ser engraçado», como refere o Papa Francisco⁹. Do mesmo modo, a Alegria Cristã, também «não será o simples desejo ou a mera vontade de estar alegre»¹⁰, assim como não se «reduz a uma forma de bem-estar ou a um conforto emocional»¹¹.

Quando consideramos a Alegria Cristã, temos presente aquela que é «caraterística essencial da vida do crente em Jesus Cristo e que, por isso, tem motivações e finalidades não puramente humanas, mas reveladas pelo Evangelho, transcendentess»¹². É a «alegria do Evangelho, a alegria de ter sido eleito por Jesus, salvo por Jesus, regenerado por Jesus»; é a

⁶ Cf. Pius-Aimone Reggio, *Por qué la alegría?* (Madrid: Ediciones Rialp, 2012), 11.

⁷ Amedeo Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã* (Prior Velho: Paulinas, 2010), 34.

⁸ Antonio Bravo Tisner, *Meditaciones sobre la alegría cristiana* (Salamanca: Sígueme, 2012), 10.

⁹ Papa Francisco, «Alegria Cristã: meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela de Santa Marta», site, *Vatican*, acedido 12 de dezembro de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180528_alegria-crista.html.

¹⁰ José Frazão Correia, «Olhar as alegrias e as tristezas do nosso mundo - o olhar justo e o consentimento à vida», em *Alegria! Nada nem ninguém te roube a alegria. Atas 11ª Sessão de Estudos de Espiritualidade Inaciana* (Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2016), 92.

¹¹ José Tolentino Mendonça, «Nada nem ninguém te roube a alegria: estratégias e caminhos», em *Alegria! Nada nem ninguém te roube a alegria. Atas 11ª Sessão de Estudos de Espiritualidade Inaciana* (Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2016), 107.

¹² Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 11.

alegria que «é própria da natureza da Encarnação»¹³ e que, no fundo, «vem da certeza de que Jesus nos acompanha, está connosco»¹⁴, da certeza de que Ele nos ama. Pius-Aimone Reggio diz mesmo que esta é a primeira condição para a alegria – amar –, no sentido em que sem amor não há alegria, pois amamos aquilo que nos dá alegria¹⁵. Ou seja, «toda a alegria pressupõe, assim, um certo amor, e também procede de um certo amor»¹⁶, e, neste sentido, «quanto maior é o amor, tanto maior será a capacidade de se alegrar»¹⁷.

Jesus Cristo é, deste modo, a «fonte inesgotável de alegria para o povo, para toda a humanidade»¹⁸. O cristão é «um homem ou uma mulher com a alegria no coração», e, por isso, afirma o Papa Francisco, «não existe um cristão sem alegria», sendo esta o «bilhete de identidade do cristão»¹⁹, pois, «entre a vida cristã e a alegria há uma necessária relação de essência»²⁰. A alegria é uma «expressão do ser em plenitude»²¹. E é, por isso, algo muito mais profundo do que qualquer manifestação meramente exterior.

Não devemos, contudo, contrapor alegrias humanas ou terrenas à alegria cristã, ou transcendente. Efetivamente, não existe «oposição entre as “verdadeiras alegrias humanas” e a “alegria divina”»²², no sentido em que uma não impede a outra, e a primeira até pode ser um dos reflexos da segunda. Assim, de igual modo, podemos dizer que «esta alegria cristã também é *totalmente humana*, não só porque habita no coração e na carne humanos ou porque – habitualmente – pode exprimir-se com palavras e atitudes do homem ou se manifesta no rosto e em traços bem visíveis», mas também porque é, para o humano, «energia e impulso vital» que lhe permite viver «plenamente naquilo que tem de mais humano», dando «valor à sua existência terrena», e viva essa alegria «tornando-o comunicador e contagiador desta alegria de viver, para que os outros usufruam dela»²³, sendo, por isso, «chamado a anunciar a boa (e alegre) notícia»²⁴. A alegria cristã é, deste modo e também, alegria humana²⁵.

A alegria é, em ambos os casos, um termo recorrente e, por vezes, até desgastado, e «ainda bem que a alegria é um termo desgastado», considera Marta García Fernandez, «pois é um indício de que é utilizado e, portanto, de que é algo que preocupa a humanidade desde a sua

¹³ Reggio, *Por qué la alegría?*, 13.

¹⁴ Papa Francisco, *Na Alegria: o encontro com Jesus transforma a nossa tristeza em alegria* (Amadora: Farol, 2020), 15.

¹⁵ Cf. Reggio, *Por qué la alegría?*, 29.

¹⁶ Reggio, 29.

¹⁷ Reggio, 33.

¹⁸ Tisner, *Meditaciones sobre la alegría cristiana*, 77.

¹⁹ Papa Francisco, *Na Alegria: o encontro com Jesus transforma a nossa tristeza em alegria*, 15.

²⁰ Reggio, *Por qué la alegría?*, 38–39.

²¹ Mendonça, «Nada nem ninguém te roube a alegria: estratégias e caminhos», 107.

²² Tisner, *Meditaciones sobre la alegría cristiana*, 56.

²³ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 11.

²⁴ Cencini, 13.

²⁵ Cf. Cencini, 11.

origem»²⁶, até porque, desde sempre, como defende Walter Kasper, a «alegria é um desejo primordial do ser humano», pois «todos os humanos desejam ser felizes»²⁷. E assim é, porque o «ser humano foi criado para a alegria»²⁸.

Deus é, portanto, não só «beleza, como a teologia moderna repete cada vez mais frequentemente, mas também é Alegria»; e não só o É como também é «próprio de Deus *dar alegria*»²⁹. Deus não só é Alegria como é também fonte de Alegria. Podemos, por assim dizer, fazer referência a Deus como sendo a própria Alegria, como o fez o escritor C. S. Lewis, que se converteu ao cristianismo e que assim se referia ao próprio Deus³⁰, depois de deixar cair a ideia de que não existiria «qualquer ligação entre Deus e a Alegria»³¹. Já Blaise Pascal refere que é um Deus que nos enche de alegria³². Também Santo Agostinho exclama, referindo-se ao momento da sua conversão: «ó alegria que tão tarde encontrei!»³³, pois, em Deus, considera, o «justo encontra a sua alegria», em Deus que «é a alegria dos homens de coração reto»³⁴. Assim, participar na «vida de Deus, Trindade de Amor, é a alegria completa (cf. 1 Jo 1, 4)» (VD, 2). E, «com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria» (EG, 1), que se nos apresenta como «fruto do Espírito», sendo, por isso, um «dom que deve ser cultivado», exigindo que o «cristão viva segundo o espírito»³⁵.

Deste modo, como dom que é, a alegria é a «íntima condição de um cristão», um «estilo a assumir»; por conseguinte, somos «chamados a viver na alegria»³⁶. Esta alegria terá de vir sempre «do íntimo, da razão de fé e de vida com Deus», e aqui reside a sua substância, que faz com que esta nunca se torne «simplesmente um gesto exterior, uma expressão puramente comportamental»³⁷, mas que seja muito mais que isso. O cristianismo é, desde as suas origens, «a proclamação da alegria, a única alegria verdadeira na terra»³⁸. Está, por assim dizer, na sua essência. Como refere Tolentino de Mendonça, «somos atravessados, somos conduzidos, somos

²⁶ Marta García Fernández, «“Un Niño nos ha nacido” (Is 9, 5). Algunas anotaciones sobre el tema de la alegría en la Biblia», *Sal Terrae*, La Alegría. «Os lo repito: Estad Alegres» (Fl 4, 4), Tomo 101/11, n.º 1.184 (2013): 975.

²⁷ Walter Kasper, *La alegría del cristiano* (Salamanca: Sal Terrae, 2019), 9.

²⁸ Kasper, 9.

²⁹ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 16.

³⁰ Cf. C. S. Lewis, *Surpreendido pela Alegria* (São Paulo: Mundo Cristão, 1998).

³¹ Lewis, 235.

³² Blaise Pascal, *Pensamientos* (Madrid: El Cid Editor, 2003), 129.

³³ Agostinho, *Confissões*, PL 32, 676.

³⁴ Agostinho, 679.

³⁵ Tisner, *Meditaciones sobre la alegría cristiana*, 68.

³⁶ Mendonça, «Nada nem ninguém te roube a alegria: estratégias e caminhos», 108.

³⁷ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 9.

³⁸ Alexander Schmemmann, *Para la vida del mundo: Liturgia, Sacramentos, Missão* (Salamanca: Sígueme, 2019), 34.

levados pela mão de uma promessa, e essa promessa é a alegria», considerando que a «alegria é sempre um dom»³⁹.

E é isto mesmo que vem espelhado em toda a Sagrada Escritura. Do Antigo ao Novo Testamento, a alegria aparece como uma «palavra-chave do léxico cristão»⁴⁰. Assim, podemos percorrer toda a Escritura com a alegria como palavra-chave, desde o início do Antigo Testamento, com os Génesis, onde encontramos a «alegria de Deus e do homem, na criação», até ao final do Novo Testamento, com o Livro do Apocalipse, onde encontramos a «promessa da alegria sem sombras»; a alegria é como que «um rio pleno de contentamento» que «percorre toda a Bíblia»⁴¹. E, perante isto, a mensagem bíblica, a mensagem cristã, não pode ser outra senão a da alegria⁴². Os textos da Sagrada Escritura revelam a «única verdade que pode dar sentido à vida humana: a certeza de que fomos criados para a alegria ou, se preferirmos, que nascemos para a alegria»⁴³.

A alegria na Bíblia não é, por isso, «uma experiência passageira de um instante»⁴⁴, é, antes, «uma parte essencial da mensagem bíblica», onde «Deus é a raiz última da felicidade»⁴⁵. Esta remete-nos para uma alegria que é «uma qualidade divina e uma característica principal do Deus dos cristãos», e que, por isso, não é «algo de exterior a Deus, mas é *parte dele*»⁴⁶.

No Antigo Testamento, a alegria aparece em várias dimensões:

«alegria de Deus e a alegria do ser humano; a alegria da vida cotidiana, do lar, da família, da amizade; a alegria das pequenas e das grandes coisas; a alegria do ser humano e da criação; a alegria do bem que foi feito, do perigo que foi evitado e a esperança de um mundo melhor; a alegria dos dias e a alegria da eternidade; a alegria da comunicação com Deus; a alegria que vem de um relacionamento harmonioso consigo mesmo, com os outros, com a realidade»⁴⁷.

Com os Salmos, temos um variado e articulado conjunto de «sentimentos que o homem pode ter na sua própria existência e que são sapientemente colocados diante de Deus» (*VD*, 24). Na Exortação Apostólica *Verbum Domini*, o Papa Bento XVI fala-nos de «alegria e sofrimento, angústia e esperança, medo e perplexidade» (*VD*, 24); tudo isto encontra nos salmos a sua expressão. Mas não só nos Salmos se verifica este expressar de sentimentos humanos, e, entre

³⁹ José Tolentino Mendonça, *O Tesouro Escondido. Para uma arte da procura interior* (Prior Velho: Paulinas, 2011), 137.

⁴⁰ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 15.

⁴¹ Cencini, 15.

⁴² Cf. Nuria Calduch-Benages, *Nacidos para la alegría* (Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2016), 31.

⁴³ Calduch-Benages, 31.

⁴⁴ Kasper, *La alegría del cristiano*, 56.

⁴⁵ Calduch-Benages, *Nacidos para la alegría*, 18.

⁴⁶ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 15.

⁴⁷ Calduch-Benages, *Nacidos para la alegría*, 24–25.

eles, o da alegria, no que ao Antigo Testamento respeita. Também no Livro do Êxodo, por exemplo, encontramos expressões de canto de júbilo pela vitória (cf. Ex 15). E, deste modo, nota a referida Exortação: «a palavra que o homem dirige a Deus torna-se também Palavra de Deus, como confirmação do carácter dialógico de toda a revelação cristã», onde se reflete também a alegria, pois a «existência inteira do homem torna-se um diálogo com Deus que fala e escuta, que chama e dinamiza a nossa vida», sendo que «toda a existência do homem está sob o chamamento divino» (VD, 24).

Também nos Profetas encontramos esta referência à alegria. Estes «anunciavam o tempo de Jesus, que estamos a viver, como uma revelação da alegria» (GE, 123). A isso nos exortava Isaías, com o convite a exultar de alegria (cf. Is 12, 6). Aliás, Isaías está «carregado de esperança e alegria»⁴⁸. É ele que nos exorta «sobe a um alto monte, arauto de Sião. Grita com voz forte, arauto de Jerusalém» (Is 40, 9), ou «exulta de alegria, ó terra! Rompei em exclamações, ó montes! Na verdade, o Senhor consola o seu povo e Se compadece dos desamparados» (Is 49, 13). O Livro do profeta Isaías é como que «atravessado por um eixo que dá unidade e, de certa forma, estrutura o livro»⁴⁹, e esse eixo é a alegria. Nele, podemos encontrar um conjunto de termos, símbolos, metáforas e figuras que nos remetem para a alegria⁵⁰.

Esse convite à alegria é comum noutros profetas. É de Zacarias a exortação «exulta de alegria, filha de Sião! Solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém! Eis que o teu Rei vem a ti; Ele é justo e vitorioso» (Zac 9, 9). Também Neemias faz semelhante exortação: «não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é que é a vossa força» (Ne 8, 10).

Na Sagrada Escritura, o «sentimento de alegria e o dom da salvação vão do braço dado», relação que se evidencia «sobretudo nos livros proféticos e nos salmos»⁵¹. São motivo de alegria, na Escritura, a recuperação da saúde, a libertação do inimigo, a experiência da misericórdia divina, concretamente com o perdão dos pecados ou com a percepção de se sentir ouvido por Deus num momento de tribulação⁵². Ou seja, no âmbito da história do Povo de Deus, a «alegria provém da intervenção salvífica de Deus que em todas as circunstâncias está a favor do seu povo, o povo eleito»⁵³.

Contudo, os autores sagrados não relacionam a alegria apenas com os grandes acontecimentos da história de Israel, mas também com os valores humanos, e até com as

⁴⁸ Fernández, «“Un Niño nos ha nacido” (Is 9, 5). Algunas anotaciones sobre el tema de la alegría en la Biblia», 977.

⁴⁹ Fernández, 976.

⁵⁰ Cf. Fernández, 976.

⁵¹ Calduch-Benages, *Nacidos para la alegría*, 27.

⁵² Cf. Calduch-Benages, 27.

⁵³ Calduch-Benages, 25.

pequenas satisfações do dia a dia⁵⁴. As alegrias vêm, deste modo, também da «boa saúde, família, amizade, paz, riqueza ou uma colheita abundante»⁵⁵. Assim sendo, também aqui, como já referido, as alegrias humanas e divinas não estão em oposição, antes convivem.

Por sua vez, no Novo Testamento, a alegria continua a ser uma constante, uma vez que, com Jesus Cristo, é chegada a plenitude do tempo, ou seja, «o tempo de alegria profeticamente anunciado irrompeu»⁵⁶. Esta alegria que agora irrompe no mundo com a vinda de Jesus, com a luz de Cristo, é como que «a luz do sol nascente» que, «agora, antes que o sol esteja totalmente acima do horizonte, transforma o mundo»⁵⁷. Vem dar-nos os meios, a possibilidade, para trocarmos a tristeza pela alegria, e por uma alegria que não é perecível⁵⁸. Tudo isto numa perspectiva escatológica, pois já anteriormente percebemos, com o Antigo Testamento, que os autores sagrados não tratam a alegria de «forma independente, mas sim numa relação muito estreita com o tema da salvação, que vem sempre de Deus»⁵⁹.

Com o Novo Testamento, surge, assim, o «reino messiânico escatológico da alegria», um «novo tempo de alegria» que se «torna uma realidade concreta no presente»⁶⁰. Jesus aparece, neste sentido, como o prometido e anunciado mensageiro da alegria⁶¹. É a própria Alegria.

A palavra «Evangelho», sabemos, originalmente significa muito mais do que os quatro primeiros livros do Novo Testamento ou um estilo literário. «Evangelho» significa originalmente «mensagem de alegria», que é proclamada publicamente por mensageiros da alegria⁶², da Boa Nova. E a

«Boa Nova é a alegria dum Pai que não quer que se perca nenhum dos seus pequeninos (...). O Evangelho é fermento que leveda toda a massa e cidade que brilha no cimo do monte, iluminando todos os povos. O Evangelho possui um critério de totalidade que lhe é intrínseco: não cessa de ser Boa Nova enquanto não for anunciado a todos, enquanto não fecundar e curar todas as dimensões do homem, enquanto não unir todos os homens à volta da mesa do Reino. O todo é superior à parte» (EG, 237).

Como se refere, numa expressão atribuída a Paul Claudel, a «alegria é a primeira e a última palavra do Evangelho»⁶³. Neste sentido, podemos observar que os «acontecimentos que

⁵⁴ Cf. Calduch-Benages, 29.

⁵⁵ Calduch-Benages, 29.

⁵⁶ Kasper, *La alegría del cristiano*, 56.

⁵⁷ Kasper, 56.

⁵⁸ Cf. Reggio, *Por qué la alegría?*, 19.

⁵⁹ Calduch-Benages, *Nacidos para la alegría*, 18.

⁶⁰ Kasper, *La alegría del cristiano*, 53.

⁶¹ Cf. Kasper, 53.

⁶² Cf. Kasper, 52.

⁶³ Citado por: Eder Vasconcelos, *Pedagogia da Alegria: uma senda para encontrar a vivacidade* (São Paulo: Paulinas, 2020), 16.

marcam o início da vida de Jesus se caracterizam pela alegria»⁶⁴, sendo esta o «núcleo de irradiação do Evangelho»⁶⁵. Desde a Anunciação, com o «Alegra-te!» (Lc 1, 28), ao Nascimento, com a «grande alegria» (Lc 2, 10-11) anunciada, aos Magos que, «ao ver a estrela, sentiram uma grande alegria» (Mt 2, 10). Ou seja, podemos concluir que o «motivo desta alegria é a proximidade de Deus, que se fez um de nós», sendo que a «primeira causa da nossa alegria é a proximidade do Senhor, que me acolhe e me ama»⁶⁶.

No começo do Evangelho de Lucas podemos encontrar um refrão que é anunciado e que, considera Tolentino de Mendonça, é como que um «pequeno Evangelho» ou, ainda, um «resumo do grande Evangelho»⁶⁷: «Anuncio-vos uma grande alegria que o será para todo o povo» (Lc 2, 10). Deste modo, é a própria alegria que nos centra no essencial do mistério cristão; por sua vez, sem esta alegria o nosso percurso de fé ficaria como que incompleto. É necessário, considera Tolentino, mergulhar neste «Evangelho da Alegria»⁶⁸. A alegria é, por este mesmo motivo, a «atitude de que depende a substância do gesto evangelizador», pois, «como ouvimos nas palavras que o anjo dirigiu aos pastores, a mensagem cristã é o anúncio de “uma grande alegria” (Lc 2, 10)»⁶⁹. E a razão dessa alegria é uma «Pessoa: Jesus! Jesus é a alegria! Ele é o Deus que se fez homem e que veio ao nosso encontro!»⁷⁰.

Lucas descreve a alegria em Jesus como «estremecimento»: «Jesus estremeceu de alegria sob a ação do Espírito Santo» (Lc 10, 21). Uma forma de explicar a alegria, como «puro estremecimento, expressão da totalidade do sujeito, proferição da alma»⁷¹. Estremecemos «atravessados pela leveza da alegria em nós»⁷², como também Jesus estremece, dando graças ao Pai: «bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra» (Lc 10, 21). Assim, como a «haste de uma flor estremece ao sopro da brisa, como ela treme embalada pela luz, assim somos chamados a este estremecimento da vida, silencioso e surpreendente»⁷³. Também as multidões se alegravam quando Ele passava, «a multidão alegrava-se com todas as maravilhas que Ele

⁶⁴ Bento XVI, «Mensagem do Papa Bento XVI para a XXVII Jornada Mundial da Juventude 2012», site, *Vatican*, acessado 4 de dezembro de 2023, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20120315_youth.html.

⁶⁵ Vasconcelos, *Pedagogia da Alegria: uma senda para encontrar a vivacidade*, 12.

⁶⁶ Bento XVI, «Mensagem do Papa Bento XVI para a XXVII Jornada Mundial da Juventude 2012».

⁶⁷ Mendonça, «Nada nem ninguém te roube a alegria: estratégias e caminhos», 107.

⁶⁸ Mendonça, 107.

⁶⁹ Papa Francisco, «Catequeses. A paixão pela evangelização: o zelo apostólico do crente. O anúncio é alegria», site, *Vatican*, acessado 11 de dezembro de 2023, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2023/documents/20231115-udienza-generale.html>.

⁷⁰ Papa Francisco, «Catequeses. A paixão pela evangelização: o zelo apostólico do crente. O anúncio é alegria».

⁷¹ Mendonça, «Nada nem ninguém te roube a alegria: estratégias e caminhos», 108.

⁷² Mendonça, 108.

⁷³ Mendonça, 108.

realizava» (Lc 13, 17), alegria que surge vinculada à afirmação do dia do Senhor como dia da salvação⁷⁴.

Em Lucas, destaca-se, ainda, a alegria de Maria que, logo perante a novidade trazida por Jesus, cantava «o meu espírito se alegra em Deus, meu salvador» (Lc 1, 47), num hino que canta a gratidão e exultação de Maria e de todo o Povo pelo cumprimento da Promessa⁷⁵. Ela é, assim, «a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor» (EG, 286).

Palavras que foram antecedidas pelas de sua prima, Santa Isabel: «Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor» (Lc 1, 45). Neste sentido, «Maria é feliz porque tem fé, porque acreditou, e, nesta fé, acolheu no seu ventre o Verbo de Deus para O dar ao mundo» (VD, 124). É a alegria recebida da Palavra que pode agora «estender-se a todos aqueles que na fé se deixam transformar pela Palavra de Deus» (VD, 124). Fé que «introduz na vida de comunhão com Deus» (PF, 1), nossa Alegria.

A relação Palavra-alegria, mistério de escuta e alegria, está presente no Evangelho de Lucas em dois textos, e «aparece em evidência precisamente na Mãe de Deus» (VD, 124). Em Lucas 8, 21, Jesus afirma que «minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática». Noutro texto, em resposta a uma mulher que exalta o ventre que O trouxe e os seios que O amamentaram, Jesus revela o segredo daquela que é a verdadeira alegria: «Felizes, antes, os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11, 28). Com estas passagens, «Jesus manifesta a verdadeira grandeza de Maria, abrindo assim também a cada um de nós a possibilidade daquela bem-aventurança que nasce da Palavra acolhida e posta em prática» (VD, 124). Juntamente com Cristo, Maria «recapitula todas as alegrias, vive a perfeita alegria prometida à Igreja (...) e, com toda a razão, os seus filhos na terra, voltando os olhos para a mãe da esperança e da graça, a invocam como causa da sua alegria: “*Causa nostrae laetitiae*”» (GD, 34).

A fórmula «felizes» repete-se, também, nas Bem-aventuranças, que colocam em acordo Lucas (6, 20-47) e Mateus (5-7). São um anúncio de felicidade, uma felicidade que é não só futura e prometida (Lc 6, 23), mas já presente: «os destinatários são felizes no momento em que são felicitados»⁷⁶.

Juntamente com o de Lucas, outro Evangelho que importa referir, pelo lugar que a alegria ocupa nele, é o de João. Neste Evangelho, a vida pública de Jesus inicia-se, precisamente, com a participação nas Bodas de Caná (cf. Jo 2, 1-12). Jesus começa, deste modo,

⁷⁴ Cf. nota rodapé 10-17. *Bíblia Sagrada* (Fátima: Difusora Bíblica, 2015), 1700.

⁷⁵ Cf. nota rodapé 46. *Bíblia Sagrada*, 1667.

⁷⁶ Jacques Dupont, *A Mensagem das Bem-aventuranças* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1990), 5.

a «pregar o Evangelho durante uma festa»; o «primeiro sinal»⁷⁷ ocorre durante os festejos das bodas de Caná. Nelas, inicia a sua atividade com a «alegria festiva de um casamento», e, deste modo, «coloca toda a sua ação sob o signo da alegria nupcial messiânica»⁷⁸. O que se torna mais evidente pelo facto de a alegria estar presente não só no início, com as Bodas de Caná, mas também nas palavras que remetem para o final, nos chamados discursos de despedida, onde Jesus nos assegura: «vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há de converter-se em alegria!» (Jo 16, 20). Isto porque: «hei de ver-vos de novo! Então, o vosso coração há de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria» (Jo 16, 22).

Em João, a alegria que nos é dada por Cristo é alegria completa: «Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa» (Jo 15, 11), numa passagem que é considerada um dos cumes de todo o Evangelho⁷⁹. Aqui somos, de facto, chamados à alegria por Jesus – é a Sua alegria que vem completar e dar sentido à nossa.

Importa referir, de igual modo, o Livro dos Atos dos Apóstolos que, na continuidade do Evangelho de Lucas, reserva atenção à temática da alegria. Em Lucas, tanto no Evangelho como nos Atos, a alegria aparece como característica dos tempos messiânicos e, ao mesmo tempo, como atitude humana perante a salvação anunciada e recebida pela fé em Jesus⁸⁰. Assim, continuamos, em Atos, como que envolvidos pela «grande alegria» (Lc 1, 14) que marca o início do Evangelho, a vinda de Cristo, o Salvador, alegria que se repete, agora, com os Atos dos Apóstolos, desta feita com a alegria da Ressurreição de Cristo, o Salvador, nas primeiras comunidades cristãs.

Esta mesma alegria vem espelhada no primeiro sumário (cf. At 2, 42-47) que este Livro nos apresenta, sumários que, como sabemos, representam o «modelo ideal e o centro de irradiação das experiências anteriores»⁸¹ e nos remetem para a comunidade primitiva de Jerusalém, ou seja, para a Igreja nascente. Esta apresenta-se como uma comunidade modelo, onde se evidencia a alegria como componente da fé, e o louvor a Deus na alegria como característica⁸², que se reflete tanto no Evangelho como nos Atos.

No capítulo 8, com Filipe e o seu serviço, voltamos a ver a marca da alegria como componente da fé, num primeiro momento com o ministério de Filipe na Samaria (cf. At 8, 4-13), onde «houve grande alegria» (At 8, 8). É, por isso, uma fé que traz alegria. Num segundo momento, com o episódio de Filipe e do eunuco etíope, onde, após a conversão, o eunuco segue

⁷⁷ Timothy Radcliffe, *Na margem do mistério. Ter fé em tempos de incerteza* (Prior Velho: Paulinas, 2016), 111.

⁷⁸ Kasper, *La alegría del cristiano*, 55.

⁷⁹ Cf. nota rodapé 9-17. *Bíblia Sagrada*, 1760.

⁸⁰ Cf. nota rodapé 8. *Bíblia Sagrada*, 1791.

⁸¹ Rinaldo Fabris, *Os Atos dos Apóstolos* (São Paulo: Loyola, 1991), 45.

⁸² Cf. nota rodapé 46-47. *Bíblia Sagrada*, 1780.

«o seu caminho cheio de alegria» (At 8, 39), evidenciando-se, uma vez mais, a alegria como sinal distintivo da experiência cristã. E aqui, como já vimos em Lucas (cf. Lc 10, 21), a raiz interior da alegria é o Espírito Santo. O mesmo se confirma depois nos discípulos que «estavam cheios de alegria e do Espírito Santo» (Lc 13, 52).

Esta alegria, sabemos, é um dos frutos do Espírito, que são «perfeições que o Espírito Santo forma em nós, como primícias da glória eterna» (CCE, 1832). E é precisamente graças a esta «força do Espírito que os filhos de Deus podem dar fruto», pois «Aquele que nos enxertou na verdadeira Vide far-nos-á dar os frutos do Espírito» (CCE, 736).

Ora, os frutos do Espírito Santo, e entre eles o da alegria, são-nos mencionados por São Paulo, na sua Carta aos Gálatas (cf. Gal 5, 22-23). Neste elenco, a alegria vem em segundo lugar, como «uma das três virtudes da vida interior», imediatamente depois daquela que é a «maior de todas, o amor, e seguida da paz»⁸³.

E assim entramos noutra conjunto de escritos essenciais a esta temática da alegria, as cartas de Paulo, onde, sabemos, podemos encontrar «40% dos trechos em que, na Escritura, se fala de alegria»⁸⁴. Daí ser considerado o «grande especialista da alegria (...) o "teólogo da alegria"», que aqui aparece associada à graça de «estar em Cristo», neste que é o «ponto mais alto da alegria»⁸⁵. Paulo, tal como João, refletiu e meditou, cuidadosamente, sobre a mensagem de alegria, partindo do mesmo ponto de partida, a morte de Jesus na cruz e a sua ressurreição⁸⁶, ou seja, partindo do Mistério Pascal. Como nos diz Paul Claudel, referindo-se à cruz: «Ali está a alegria, ali está a liberdade, ali a graça, ali a juventude eterna!»⁸⁷.

Em Paulo, o cristianismo é uma «religião da alegria, na medida em que é a religião da graça, da graça que vem do Senhor Jesus, da sua morte e ressurreição»⁸⁸. É neste sentido que surge, na carta aos Filipenses, a exortação aos cristãos: «alegrai-vos no Senhor» (Fl 3, 1). Exortação que surge ainda com maior convicção no final da carta: «alegrai-vos sempre no Senhor! De novo o digo: alegrai-vos!» (Fl 4, 4), e aqui podemos considerar que São Paulo não a aconselha, mas, antes, a exige⁸⁹. O próprio Apóstolo vive essa alegria: «sempre, em toda a minha oração por todos vós. É uma oração que faço com alegria» (Fl 1, 4), numa alegria que se encontra ao longo de toda a Carta⁹⁰ e que reflete a «disposição de ânimo fundamental da vida cristã»⁹¹. Paulo dá mesmo o motivo a este «alegrar-se no Senhor»: «é que, para nós, a cidade a

⁸³ W. G. Morrice, «Gioia», em *Dizionario di Paolo e delle sue lettere* (Milano: San Paolo, 1999), 762.

⁸⁴ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 71.

⁸⁵ Cencini, 71.

⁸⁶ Cf. Kasper, *La alegría del cristiano*, 54.

⁸⁷ Paul Claudel, *A anunciação a Maria* (Cascais: Lucerna, 2006), 196.

⁸⁸ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 71.

⁸⁹ Cf. Reggio, *Por qué la alegría?*, 40.

⁹⁰ Cf. nota rodapé 4. *Bíblia Sagrada*, 1924.

⁹¹ Reggio, *Por qué la alegría?*, 41.

que pertencemos está nos céus, de onde certamente esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo» (Fl, 3, 20).

Amedeo Cencini considera mesmo que há uma espécie de «breve história da alegria» nesta carta, que acaba por ser parte da história da relação do crente com Cristo⁹², sendo que, nesta «história da alegria», a fonte é Cristo, que ressuscitou e agora reina⁹³.

A alegria não é, por isso, algo que «se procure por si mesmo, pelo mero gosto de gozar, mas está ligada a alguma coisa que a motiva, que faz com que se desencadeie e expluda na pessoa»⁹⁴. É tesouro ou pérola, como podemos ver em Mateus (cf. Mt 13, 44), mas também é «fruto de outra coisa, “fruto do Espírito”»⁹⁵, como nos diz São Paulo na Carta aos Gálatas (cf. Gl 5, 22), com os frutos do Espírito já referidos. A alegria é, por isso, «tesouro e fruto, dois símbolos centrais para compreender que a alegria revela onde foi posto o tesouro da tua vida, mas a experimentes somente como fruto da descoberta do tesouro ou consequência da própria tensão de procura»⁹⁶.

É uma alegria que convive, ainda e muitas vezes, com o sofrimento, com a adversidade. A Carta aos Filipenses, já referida, é disso exemplo. Esta Carta é, juntamente com Colossenses e Filémon, uma das denominadas Cartas do Cativo⁹⁷, por ter sido redigida nesse contexto. É nesta mesma Carta que, não obstante este contexto e sabendo que os filipenses viviam «afetados por graves problemas e confrontos»⁹⁸, Paulo dá o «máximo relevo ao dever de conservar a alegria perante o sofrimento»⁹⁹. É por isso que o seu «apelo à alegria não é de forma alguma ingénuo ou estranho à realidade», mas é, por assim dizer, «uma alegria no meio da tribulação e no meio do sofrimento»¹⁰⁰.

A alegria convive, assim, com a dor e o sofrimento, pois sabemos que o que a Bíblia entende por «alegria» não se reduz a «um mero sentimento, a um estado anímico ou emocional»¹⁰¹; o gozo profundo está «intimamente relacionado com amar, com ter amado, com se ter esforçado pelos outros»¹⁰². O sofrimento é, como considera François Varillon, «inevitável», mas acrescenta que «todos nós experimentamos, em maior ou menor grau, pelo

⁹² Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 71.

⁹³ Morrice, «Gioia», 762.

⁹⁴ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 18.

⁹⁵ Cencini, 18.

⁹⁶ Cencini, 18.

⁹⁷ Cf. *Bíblia Sagrada*, 1923.

⁹⁸ Tisner, *Meditaciones sobre la alegría cristiana*, 133.

⁹⁹ Morrice, «Gioia», 762.

¹⁰⁰ Kasper, *La alegría del cristiano*, 55.

¹⁰¹ Fernández, «“Un Niño nos ha nacido” (Is 9, 5). Algunas anotaciones sobre el tema de la alegría en la Biblia», 784.

¹⁰² Fernández, 984.

menos como pressentimento, que existe uma maneira de amar e de sofrer que é compatível com uma alegria muito profunda»¹⁰³.

Existe, ainda, em Paulo, como que um «sofrimento apostólico», que não só não sufocará a alegria, mas resultará em consolo e alegria para os outros (cf. 2 Cor 1, 3-7)¹⁰⁴.

A exortação, ou chamamento, a «viver na alegria é uma constante nas cartas Paulinas»¹⁰⁵. É o Evangelho de Cristo que enche de alegria aqueles que o aceitam com fé e que aderem à comunidade dos discípulos¹⁰⁶, neste caminho de fé que se pretende faça «brilhar, com evidência sempre maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo» (PF, 2). Os apelos do apóstolo repetem-se nas várias cartas. Na Primeira Carta aos cristãos de Tessalónica, refere: «sede sempre alegres» (1 Ts 5,16). Na Carta aos Romanos, depois da tentativa de juntar judeus e gentios, acrescenta: «que o Deus da esperança vos encha de toda a alegria e paz na fé, para que transbordeis de esperança, pela força do Espírito Santo» (Rm 15, 13).

Nos seus escritos, Paulo liga continuamente a alegria à esperança cristã¹⁰⁷, à «esperança da glória de Deus» (Rm 5, 2). Esperança que Paulo, nesta mesma carta, relaciona com a alegria: «sede alegres na esperança» (Rm 12, 12). É a esperança alegre na união com Cristo que constitui o coração da religião de Paulo¹⁰⁸.

A esperança está, deste modo e na gramática paulina, elaborada numa dupla perspetiva, como nos aponta Tolentino de Mendonça: por um lado, «está referida ao futuro de Deus e ao cumprimento escatológico da história (1 Cor 15, 12)»; por outro, relaciona-se com o «mistério pascal de Cristo (Rm 5, 5)», pois a «salvação está em curso no aqui e no agora, no ordinário e no quotidiano da vida»¹⁰⁹. Os cristãos vivem no tempo na medida em que são «membros de uma comunidade escatológica que se configura com uma realidade futura já iniciada, mas que aguarda ainda a sua consumação final, e é por isso inseparável do presente histórico»¹¹⁰.

Esperança e alegria estão, por isso mesmo, inseparavelmente ligadas, como de duas aliadas se tratando¹¹¹. Paulo afirma mesmo que onde não há esperança reina a tristeza (cf. 1 Ts 4, 13). E, nesse mesmo sentido, surge a bênção paulina da Carta aos Romanos: «Que o Deus da esperança vos encha de toda a alegria e paz na fé, para que transbordeis de esperança, pela força

¹⁰³ François Varillon, *A Páscoa de Jesus* (Braga: Apostolado da Oração, 2007), 134.

¹⁰⁴ Cf. Fernández, «“Un Niño nos ha nacido” (Is 9, 5). Algunas anotaciones sobre el tema de la alegría en la Biblia», 982.

¹⁰⁵ Tisner, *Meditaciones sobre la alegría cristiana*, 133.

¹⁰⁶ Cf. Tisner, 133.

¹⁰⁷ Cf. Morrice, «Gioia», 763.

¹⁰⁸ Cf. Morrice, 763.

¹⁰⁹ José Tolentino Mendonça, *Esperar contra toda a esperança* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2015), 15.

¹¹⁰ Mendonça, 16.

¹¹¹ Cf. Mendonça, 24.

do Espírito Santo» (Rm 15, 13), unindo, uma vez mais, a esperança à alegria, no Espírito Santo. A alegria combinada com a esperança pode ser contagiosa¹¹². É esta ligação da alegria com a esperança que faz com que esta possa suportar e superar a tristeza e a melancolia do mundo. A esperança não é um consolo barato; esperança é alegria, certa e esperada¹¹³. É a «alegria escatológica» já presente e transformante¹¹⁴.

Quem «aceita a mensagem bíblica pode ficar alegre e feliz, mesmo nas adversidades e tribulações»¹¹⁵. A alegria autêntica é, então, aquela alegria que «responde a todas as necessidades do ser humano, que sacia a sede das coisas da terra e a saudade do infinito»¹¹⁶. É, deste modo, a «aspiração inalienável que acompanha todo ser humano ao longo de toda a sua vida (...), é o objetivo da sua existência»¹¹⁷. A alegria é uma «promessa que deve ser esperada com plena confiança», na certeza de que, na Nova Jerusalém, seremos «inundados de luz e alegria»¹¹⁸.

1.2. A Alegria cristã hoje

O Concílio Vaticano II trouxe consigo, desde o seu início, a marca da alegria bem presente. *Gaudet Mater Ecclesia*, o «profético discurso»¹¹⁹ de abertura do Concílio Vaticano II pelo Papa João XXIII, é, desde logo, um convite à alegria. E assim se inicia o discurso, numa Igreja que se alegra porque «solenemente se inaugura o Concílio Ecuménico Vaticano II» (*GME*, 1). Marca, deste modo, o tom com que a Igreja deve iniciar e concretizar este Concílio, e esse tom é o da alegria. Com este discurso, o Papa inicia, ainda, uma «nova era na história da Igreja»¹²⁰, que se deveria pautar, deste modo e daqui em diante, pela alegria.

Já no decorrer do Concílio, surge a Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Atual, a Constituição *Gaudium et Spes*, um «documento conciliar que nasceu e cresceu inteiramente a partir da dinâmica do Concílio e que vem acender a “tocha” da alegria e da esperança»¹²¹.

Este documento pastoral vem afirmar, logo no seu início, que as «alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo», o que significa que, «não há realidade alguma verdadeiramente humana

¹¹² Cf. Kasper, *La alegría del cristiano*, 21.

¹¹³ Cf. Kasper, 28.

¹¹⁴ Cf. Kasper, 28.

¹¹⁵ Calduch-Benages, *Nacidos para la alegría*, 31.

¹¹⁶ Calduch-Benages, 31.

¹¹⁷ Calduch-Benages, 30.

¹¹⁸ Calduch-Benages, 31.

¹¹⁹ Kasper, *La alegría del cristiano*, 9.

¹²⁰ Kasper, 84.

¹²¹ Kasper, 22.

que não encontre eco no seu coração», e, deste modo, a «Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história» (GS, 1). Partilha, por isso, com a humanidade também as suas alegrias. É como se a Igreja «recordasse a si mesma que o mundo real e as vidas reais são a sua casa e não quisesse esquecer que a verdade que salva, Jesus Cristo, ou salva as vidas reais, tal como são vividas, ou não salva nada do que toca e interessa à vida»¹²². E a grande alegria da humanidade é o próprio Senhor, que «é o fim da história humana, o ponto para onde tendem os desejos da história e da civilização, o centro do género humano, a alegria de todos os corações e a plenitude das suas aspirações» (GS, 45). Este documento «abordou a questão da alegria, projetou-a muito acima e além das fronteiras confessionais e transformou a alegria, geminada com a esperança, em tema ecuménico»¹²³.

A Igreja, que «adotou este tom positivo e empreendeu um novo caminho de esperança e alegria com o Concílio Vaticano II»¹²⁴, e muito em concreto com estes dois documentos referidos, deve, assim, viver na alegria, numa dinâmica que tem o tema da esperança em ligação com o da alegria¹²⁵, como, aliás, vimos atrás.

Sabemos, contudo, que isso nem sempre acontece, pois a «receção do Concílio não está de modo algum concluída», o que não significa que não seja claro que o «tema da alegria faz parte do pretendido na receção conciliar»¹²⁶. É preciso, neste sentido, seguir o caminho luminoso da esperança e da alegria proposto¹²⁷.

A renovação da teologia e da espiritualidade da Palavra de Deus de origem bíblica é, a par com a renovação litúrgica, a renovação mais importante do Concílio¹²⁸. Renovação que, segundo Walter Kasper, «mudou em profundidade a pregação, a espiritualidade, o estilo e o tom de dizer e de viver a Igreja: tornou-os mais bíblicos, mais eclesiais, mais alegres, mais misericordiosos e, também, mais apegados à vida»¹²⁹.

O Concílio Vaticano II fez ressoar, por isso e de novo na Igreja, o tom da alegria. Alegria essa que a Igreja tem de irradiar num «mundo angustiado e abalado por crises»¹³⁰. Embora nem sempre notado nas décadas seguintes ao Concílio, este tema ganha agora especial notoriedade com o pontificado do Papa Francisco, onde o tema da alegria é recorrente, quer nos seus vários documentos, quer nas suas várias intervenções, como catequeses, homilias e mensagens¹³¹.

¹²² Correia, «Olhar as alegrias e as tristezas do nosso mundo - o olhar justo e o consentimento à vida», 95.

¹²³ Kasper, *La alegría del cristiano*, 84.

¹²⁴ Kasper, 22.

¹²⁵ Kasper, 62.

¹²⁶ Kasper, 9.

¹²⁷ Cf. Kasper, 22.

¹²⁸ Cf. Kasper, 63.

¹²⁹ Kasper, 63.

¹³⁰ Kasper, 84.

¹³¹ Cf. Papa Francisco, *Na Alegria: o encontro com Jesus transforma a nossa tristeza em alegria*.

Basta que, para tal percepção, nos detenhamos nas suas três primeiras exortações apostólicas que são marcadas pela temática da alegria: a *Evangelii Gaudium*, a *Amoris Laetitia* e, ainda, a *Gaudete et Exsultate*.

Na Exortação *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco reflete sobre o alegre anúncio do Evangelho no mundo atual. Evangelho esse que «enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus» e todos «quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento»; ou seja, com Jesus Cristo, «renasce sem cessar a alegria» (*EG*, 1). Esta Exortação é um convite a que se inaugure na Igreja uma nova etapa evangelizadora que seja marcada pela alegria, que indique caminhos para o percurso da Igreja no futuro (cf. *EG*, 1).

Já na Exortação *Amoris Laetitia*, o mesmo Papa aborda a questão do amor na família, defendendo que a «alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja» (*AL*, 1). Acaba por ser um convite a que as famílias cristãs renovem a sua esperança e alegria (cf. *AL*, 65).

Com a Exortação *Gaudete et Exsultate*, o Papa Francisco renova, uma vez mais, o convite a viver na alegria. Aqui o Papa reflete sobre o chamamento à santidade no mundo atual. É o Senhor que «pede tudo e, em troca, oferece a vida verdadeira, a felicidade para a qual fomos criados», e este mesmo Senhor «quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa», num chamamento à santidade que «está patente, de várias maneiras, desde as primeiras páginas da Bíblia» (*GE*, 1). E este caminho de santidade a que somos chamados, refere, é uma «fonte de paz e alegria que o Espírito nos dá» (*GE*, 164).

Contudo, importa referir, não foi preciso esperar mais de 50 anos após a realização do Concílio para que se começasse a ouvir falar de alegria cristã. Logo em 1975, o Papa Paulo VI dedicou uma Exortação Apostólica a este tema, a Exortação *Gaudete in Domino*. Nela, o Papa aborda precisamente a temática da alegria cristã, e isto no âmbito do Ano Jubilar de 1975, que tinha como tema a reconciliação (cf. *Apostolorum Limina*), numa fase em que, passados dez anos após o fim do Concílio Vaticano II, o Ano Santo seria, para Paulo VI, a «conclusão de um tempo de reflexão e de reforma e a abertura de uma nova fase de construção teológica, espiritual e pastoral que se desenvolve sobre os fundamentos laboriosamente lançados e consolidados» (*ApL*, 1), uma fase de reflexão que, neste sentido e segundo o Papa, consistiu nestes 10 anos pós-Concílio. Com a referida Exortação, o Papa Paulo VI, sucessor de João XXIII, no culminar desta fase de reflexão, corrobora com a marca da alegria deixada como mote por João XXIII no discurso de abertura do Concílio já referido. Vemos, deste modo, a alegria presente no início e no final de todo este tempo marcante e definidor de uma nova era para a vida da Igreja.

É neste contexto que surge, assim, a Exortação *Gaudete in Domino*, pois a reconciliação com Cristo mais não é que a «salvação dos homens e a sua felicidade em toda a sua plenitude» (GD, 2), num documento que é publicado na solenidade do Pentecostes desse mesmo ano em que a Igreja celebra a vinda do Espírito Santo, e onde surge o convite a pedir-lhe o dom da alegria (cf. GD, 2). Numa Exortação que considera ser como que um «hino à alegria divina (...) para que encontre eco no mundo inteiro e, antes de mais, na Igreja», difundindo-se nos «corações juntamente com o amor que ela brota, por meio do Espírito Santo» (GD, 4). É um convite a que os cristãos voltem às «fontes da alegria» (GD, 70), na certeza de que a «alegria de ser cristão, vinculado à Igreja “em Cristo”, em estado de graça com Deus, é verdadeiramente capaz de preencher o coração humano» (GD, 72).

A solenidade do Pentecostes foi também, para João Paulo II, ocasião especial para se dirigir aos fiéis, concretamente com a Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem*, sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e no Mundo, onde não poderia faltar o tema da alegria cristã, pois o «Espírito Santo vem “à custa” da “partida” de Cristo» (DEV, 14). E se esta «partida» causou a «tristeza dos Apóstolos – a qual devia atingir o seu ponto culminante na paixão e na morte de Sexta-feira Santa – contudo, a mesma “tristeza havia de converter-se em alegria” (cf. Jo 16, 20)» (DEV, 14). E isto porque «Cristo, efetivamente, inserirá na sua “partida” redentora a glória da ressurreição e da ascensão ao Pai», e, deste modo, a «tristeza através da qual transparece a alegria, é a parte que cabe aos Apóstolos na conjuntura da “partida” do seu Mestre, uma partida “benéfica”, porque graças a ela havia de vir um outro “Consolador”» (DEV, 14), o Espírito Santo. Deste modo, à «custa da Cruz, operadora da Redenção, vem o Espírito Santo, pelo poder de todo o mistério pascal de Jesus Cristo; e vem para permanecer com os Apóstolos desde o dia de Pentecostes, para permanecer com a Igreja e na Igreja e, mediante ela, no mundo» (DEV, 14).

O Espírito Santo, o «Celeste Consolador» como cantamos na sua solenidade no Hino de Hora Intermédia¹³², é, por isso, portador da alegria que vem de Deus para a Igreja e para o Mundo hoje. É a Ele, Espírito Santo, que a Igreja «pede a alegria e a consolação, que só ele, verdadeiro consolador, pode trazer descendo ao mais profundo dos corações humanos» (DEV, 67). A Igreja,

«com o seu coração, que inclui em si todos os corações humanos, pede ao Espírito Santo a felicidade que só em Deus tem a sua completa realização: a alegria que “ninguém pode tirar” (cf. Jo 16, 22), a alegria que é fruto do amor e, portanto, de Deus que “é Amor”; pede

¹³² Cf. Hino da Hora Intermédia da solenidade do Pentecostes. *Liturgia das Horas*, vol. II (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 2013), 855.

“a justiça, a paz e a alegria no Espírito Santo”, nas quais, segundo São Paulo, consiste o “Reino de Deus” (cf. Rom 14, 17; Gl 5, 22)» (*DEV*, 67).

A razão da alegria cristã não é, por isso, a Igreja¹³³. A Igreja é, como vimos, portadora dessa alegria. A razão dessa alegria é o próprio Deus, como se «revelou para a nossa salvação em Jesus Cristo», e Jesus Cristo é «permanentemente presente na sua palavra e nos seus sacramentos, particularmente na celebração da Eucaristia»¹³⁴.

Também com o Papa Bento XVI, o tema da alegria esteve presente. Na sua Mensagem para a XXVII Jornada Mundial da Juventude, no ano de 2012, partindo da passagem da Carta de São Paulo aos Filipenses «Alegrai-vos sempre no Senhor!» (Fl 4, 4), o Papa Bento XVI reflete sobre o tema da alegria. Considera que a «alegria é um elemento central da experiência cristã», olhando a Jornada Mundial da Juventude como manifestação dessa alegria, pois é «experiência de uma alegria intensa, a alegria da comunhão, a alegria de ser cristãos, a alegria da fé»¹³⁵. Hoje, a Igreja, como já foi referido, tem a «vocação de levar ao mundo a alegria, uma alegria autêntica e duradoura», notando a «imensa necessidade de sentir que a mensagem cristã é uma mensagem de alegria e de esperança», com uma fé que «confere uma felicidade e uma alegria verdadeira, plena e duradoura»¹³⁶.

Se a anterior Mensagem, com a temática da alegria, surge no seguimento da Jornada Mundial da Juventude em Madrid, no ano de 2011, também o Papa Francisco faz a mesma opção e, no seguimento da Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, no ano de 2023, escolhe também a alegria, aqui diretamente relacionada com a esperança, para tema da sua primeira Mensagem pós-Jornada Mundial da Juventude.

Notamos, por isso, que a Jornada Mundial da Juventude é, por assim dizer, especial ocasião para a manifestação da alegria cristã. O Papa Francisco recorreu ao tema da alegria para a Mensagem para a XXXVIII Jornada Mundial da Juventude 2023, partindo, como Bento XVI, de São Paulo, agora com uma expressão da Carta aos Romanos, «Alegres na Esperança» (Rm 12, 12).

Tendo como ponto de partida, além da referida passagem, a Constituição *Gaudium et Spes*, o Papa Francisco diz querer falar das «alegrias e esperanças, mas também das tristezas e angústias dos nossos corações e da humanidade que sofre»¹³⁷. Alegria, e esperança, que «não é

¹³³ Cf. Kasper, *La alegría del cristiano*, 62.

¹³⁴ Kasper, 62.

¹³⁵ Bento XVI, «Mensagem do Papa Bento XVI para a XXVII Jornada Mundial da Juventude 2012».

¹³⁶ Bento XVI.

¹³⁷ Papa Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para a XXXVIII Jornada Mundial da Juventude 2023», site, *Vatican*, acedido 12 de dezembro de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20231109_messaggio-giovani_2023.html.

fruto do esforço humano, do engenho ou da arte», mas a «alegria que deriva do encontro com Cristo», pois a «alegria cristã vem do próprio Deus, de nos sabermos amados por Ele»¹³⁸.

Certo é que, não obstante toda esta presença do tema – desde os Papas e o Magistério, à teologia mais recente –, os católicos não são grandes especialistas no tema da alegria¹³⁹. É certo que a alegria do cristão tem decaído muito nos últimos séculos¹⁴⁰. Entre as várias causas que se poderiam atribuir, a educação espiritual tem a sua importância, no sentido em que «esta educação e formação foi com demasiada frequência mais moral que especificamente cristã», o que fez com que se desse «mais importância à necessidade das virtudes morais, que (...) apontam mais à perfeição do homem em si mesmo, que à necessidade de praticar as virtudes teologais, que realizam a união do homem com Deus»¹⁴¹, e da prática das quais depende, para Pius-Aimone Reggio, a alegria¹⁴².

Tolentino de Mendonça nota que este tema da alegria se tornou, no espaço teológico e eclesial, «um motivo tratado com alguma parcimónia»¹⁴³. Contudo, quem tem fé deveria «conhecer bem a alegria e os motivos da alegria»¹⁴⁴. Alegria à qual nos é dado acesso pela «Porta da Fé» (cf. At 14, 27), que «introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja», porta que «está sempre aberta para nós» (PF, 1). Porta que é possível cruzar «quando a Palavra de Deus é anunciada e o coração se deixa plasmar pela graça que transforma» (PF, 1), num caminho que tem início com o Batismo (cf. Rm 6, 4). Assim, acedemos à Fé que «cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria» (PF, 7).

A Fé é, assim, experiência de alegria, sendo, contudo, necessário «redescobrir o caminho da fé para fazer brilhar, com evidência sempre maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo» (PF, 2). Nesta linha, Bento XVI apresenta uma dificuldade, no sentido em que, muitas vezes, os cristãos sentem «maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária», pressuposto que «não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado» (PF, 2). E isto porque, «enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente compartilhado no seu apelo aos conteúdos da fé e aos valores por ela inspirados, hoje parece que já não é assim em grandes sectores da sociedade devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas» (PF, 2).

¹³⁸ Papa Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para a XXXVIII Jornada Mundial da Juventude 2023».

¹³⁹ Cf. Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 6.

¹⁴⁰ Cf. Reggio, *Por qué la alegría?*, 106.

¹⁴¹ Reggio, 106.

¹⁴² Cf. Reggio, 105.

¹⁴³ Mendonça, «Nada nem ninguém te roube a alegria: estratégias e caminhos», 109.

¹⁴⁴ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 6.

Aliás, a investigação científica diz-nos, precisamente, que as pessoas com fortes convicções religiosas possuem um nível de felicidade significativamente mais elevado do que as pessoas sem crenças religiosas¹⁴⁵. Na prática, contudo, esta questão não se revela assim tão certa e evidente, pois, «frequentemente, não damos um testemunho de alegria»¹⁴⁶. Aliás, sabemos que a «espiritualidade cristã, centrada na interioridade e na eternidade, é inevitavelmente menos dada ao riso»¹⁴⁷.

Se tivermos em conta o contexto atual, torna-se ainda mais difícil, pois, se «olharmos para a sociedade em que vivemos e virmos de que maneira a alegria está presente nela, então, a situação mostra-se-nos em toda a sua complexidade e contraditoriedade», ou seja, como é que a «Igreja – com as suas proibições, as suas penitências e a cruz como seu símbolo – pode falar de felicidade a uma sociedade do bem-estar, dos alucinógenos e das emoções extremas»¹⁴⁸.

O difícil contexto de viragem histórica, de profunda mudança, em que o mundo hoje vive torna a mensagem de alegria e esperança do cristianismo ainda mais difícil. É um «tempo charneira, de fraturas profundas, de viragens radicais, de recomposições originais»¹⁴⁹, sendo «louváveis os sucessos que contribuem para o bem-estar das pessoas, por exemplo, no âmbito da saúde, da educação e da comunicação» (EG, 52). Não podemos esquecer, ainda assim, que a «maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente», que «aumentam algumas doenças», que o «medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos» (EG, 52). Assim, frequentemente, a alegria de viver desvanece-se, crescendo a falta de respeito e a violência, bem como a desigualdade social, levando a que seja necessário lutar para viver e, ainda assim, vivendo com pouca dignidade (cf. EG, 52).

Importa reconhecer que «o maior “desgaste” da alegria é causado pelo sofrimento» e que ainda «não experimentamos dor e alegria em estado quimicamente puro, pois não há dor tão grande que não deixe uma lacuna para o amor, nem alegria tão intensa que não contenha nem mesmo um miligrama de sofrimento»¹⁵⁰.

Outro aspeto é, segundo Cencini, a «atenção a este mundo atual que nos faz descobrir que, hoje, a felicidade se tornou um *stress*, uma obrigação continuamente afirmada pelos *mass media* e publicidade num mundo em que o otimismo serve para induzir ao consumo»; e isto

¹⁴⁵ Cf. Cencini, 6.

¹⁴⁶ Cencini, 6.

¹⁴⁷ Isidro Pereira Lamelas, «De Demócrito e Isaac a Jesus Cristo: O riso na construção do Deus dos cristãos», *REVER: Revista de Estudos da Religião* 23, n.º 1 (2023): 25, <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2023vol23i1a2>.

¹⁴⁸ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 8.

¹⁴⁹ Correia, «Olhar as alegrias e as tristezas do nosso mundo - o olhar justo e o consentimento à vida», 96.

¹⁵⁰ Fernández, «“Un Niño nos ha nacido” (Is 9, 5). Algunas anotaciones sobre el tema de la alegría en la Biblia», 976.

leva-nos uma «alegria superficial e falsa, artificial e passageira, onde quase já nunca se sorri e onde – quando muito – o riso se tornou um ritual televisivo coletivo e repetitivo»¹⁵¹. Existe uma «confusão entre alegria e prazer», levando a «formas superficiais e descentradas onde o homem moderno procura a sua alegria», como «drogas, dinheiro, sexo, compras, vícios, gratificações imediatas»¹⁵², entre outros.

Urge, perante este contexto, que a «Igreja, precisamente porque “casa da Palavra” evangélica, isto é, bela e fonte de alegria», se torne «casa e, simultaneamente, escola de comunhão na alegria verdadeira, tanto mais humana quanto divina»¹⁵³. E a Igreja só pode cumprir a sua missão, ou seja, ser a salvação do mundo, sendo, antes de mais, portadora do dom divino da alegria, do dom do Espírito Santo¹⁵⁴.

Assim, não podemos continuar a colocar a alegria «entre os *optional* da vida e do testemunho crente ou a considerá-la algo natural ou uma questão de caráter, e nem sequer um simples acessório estético que facilita a aproximação e torna simpático o anunciador», isto porque a alegria tem de ser uma «questão de conteúdo, de maturidade e de solidez interior, de experiência e de sabedoria de vida»¹⁵⁵. A alegria é o resultado de «uma comunhão humano-divina cada vez mais universal» (*GD*, 43).

¹⁵¹ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 7.

¹⁵² María Prieto Ursúa, «Sucedáneos de la Alegría», *Sal Terrae, La Alegría. «Os lo repito: Estad Alegres»* (Fl 4, 4), Tomo 101/11, n.º 1.184 (2013): 988.

¹⁵³ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 7.

¹⁵⁴ Cf. Schmemmann, *Para la vida del mundo: Liturgia, Sacramentos, Missão*, 76.

¹⁵⁵ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 9.

2. A ALEGRIA DA LITURGIA

Vimos já os muitos motivos que nos podem levar a afirmar, com poucas razões para dúvidas, que o cristianismo é, de facto, a «religião da alegria»¹⁵⁶. Alegria esta que, sendo vislumbrada no Antigo Testamento, se realiza plenamente em Cristo¹⁵⁷, centro da nossa fé. Importa, por isso, que nos fixemos no Seu Mistério Pascal, na alegria pascal que da consumação deste Mistério brota, bem como na sua celebração no eterno *hodie* da Igreja, ou seja, na Liturgia¹⁵⁸ – atualização do Mistério Pascal e, conseqüentemente, da sua alegria, a alegria prometida por Cristo (cf. Jo 6, 22) –, desembocando, depois, e de forma especial, na celebração da Eucaristia e na Páscoa semanal, o Domingo.

Procuramos, neste itinerário Páscoa – Liturgia – Domingo, entender o vínculo existente entre estes mistérios que estão no centro da fé da Igreja. Vínculo que só pode ser de alegria, uma alegria pascal.

2.1. A Alegria do Ressuscitado, a Alegria Pascal

Se em Cristo temos o centro da nossa fé, no Seu Mistério Pascal temos o «centro do centro da nossa fé»¹⁵⁹. E se «Jesus Cristo é a nossa alegria»¹⁶⁰, se n'Ele encontramos a própria Alegria, como referido atrás, então, no que é o centro do seu Mistério, o Mistério Pascal, temos a grande Fonte da alegria de um cristão, a alegria pascal.

Contudo, este não é somente o mistério central do cristianismo, como afirmamos, é mais do que isso. Podemos dizer que é o próprio cristianismo¹⁶¹. Não basta, por isso, «dizer que as festas pascais são o centro do ano eclesiástico», pois elas são igualmente o «núcleo para onde tudo converge e a fonte de onde tudo jorra»¹⁶². O cristianismo é, deste modo, «uma religião da alegria, na medida em que é a religião da graça, da graça que vem do Senhor Jesus, da sua morte e ressurreição»¹⁶³.

Por Mistério Pascal entende-se, então, a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus, «é o mistério de Jesus *ele próprio* que no drama da sua existência de morte, ressurreição e manifestação ao mundo, é consumado na sua identidade humana e divina»¹⁶⁴. Pertence ao

¹⁵⁶ Coelho, *Meditações sobre a alegria*, 122.

¹⁵⁷ Cf. Coelho, 59.

¹⁵⁸ Cf. José Cordeiro, *A sacramentalidade da celebração eucarística* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2024), 11.

¹⁵⁹ Urs Von Balthasar, *Teodrammatica IV: L'azione* (Milano: Jacka Book, 1986), 123.

¹⁶⁰ Kasper, *La alegría del cristiano*, 101.

¹⁶¹ Cf. Varillon, *A Páscoa de Jesus*, 11.

¹⁶² Louis Bouyer, *O Mistério Pascal* (Lisboa: União Gráfica, 1969), 9.

¹⁶³ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 71.

¹⁶⁴ Jorge Teixeira da Cunha, «A Eucaristia e a Missão da Igreja. Uma reflexão sobre a Sacramentum caritatis de Bento XVI», *Didaskalia* XXXVIII, n.º 2 (2008): 318.

«coração da fé cristológica, ao núcleo do Novo Testamento e ao centro da celebração litúrgica»¹⁶⁵. Falámos, portanto, da «ação salvífica de Deus»¹⁶⁶, que, por Cristo, e como se refere no Prefácio I Dominical do Tempo Comum, «pelo seu mistério pascal (...) realizou a obra admirável de nos chamar do pecado e da morte à glória de geração escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo resgatado»¹⁶⁷. É, neste sentido, a «Fonte que anima todo o quotidiano cristão, devendo informar, desde a raiz, tudo o que fazemos, todas as nossas atividades, todos os nossos comportamentos»¹⁶⁸. A alegria da ressurreição, do Mistério Pascal, é, para todo o cristão, a «alegria do dom da vida, que o cristão acolhe permanentemente e que lhe dá força para dar a própria vida, sem medo de perdê-la»¹⁶⁹.

O termo «Mistério Pascal» foi utilizado pela primeira vez e de forma recorrente¹⁷⁰, por Melitão de Sardes (?-180). Este afirma, numa homilia de Páscoa, que:

«o mistério pascal é um mistério novo e antigo, eterno e transitório, corruptível e incorruptível, mortal e imortal. É mistério antigo em relação à Lei, novo em relação à Palavra encarnada; é transitório na sua figura, eterno pela graça; é corruptível pela imolação do cordeiro, incorruptível pela vida do Senhor; é mortal pela sua sepultura na terra, imortal pela sua ressurreição de entre os mortos»¹⁷¹.

A celebração anual da Páscoa, e o Tempo Pascal que inaugura, é, por assim dizer, «uma viagem para a alegria»¹⁷². Dela, a «Igreja nasce e renasce»¹⁷³. É o ponto mais alto do ano litúrgico, o centro¹⁷⁴, em que Cristo, «morrendo destruiu a morte e ressuscitando restaurou a vida»¹⁷⁵. E se aqui falámos, mais especificamente, da celebração da Páscoa anual, importa ter em conta que «no seu todo, o culto cristão não é mais do que uma celebração contínua da Páscoa»¹⁷⁶, aspeto que a anamnese das diferentes Orações Eucarísticas evidencia, desde logo, com o Cântone Romano:

«Celebrando agora, Senhor, o memorial
da bem-aventurada paixão de Jesus Cristo,
vosso Filho, nosso Senhor,

¹⁶⁵ Gabino Uríbarri Bilbao, *El Hijo se hizo carne. Cristología fundamental* (Salamanca: Sígueme, 2021), 76.

¹⁶⁶ Carlos Cabecinhas, «Celebração Litúrgica do Mistério Pascal», *Communio* 2, n.º XXVII (2010): 182.

¹⁶⁷ Prefácio I Dominical do Tempo Comum. *Missal Romano* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022), 556.

¹⁶⁸ António Couto, «“Todos lá nascemos”: a celebração do Mistério Pascal», *Igreja e Missão*, n.º 200 (2005): 237.

¹⁶⁹ João Manuel Duque, *No corpo do tempo* (Braga: Frente e Verso, 2021), 109.

¹⁷⁰ Cf. Cabecinhas, «Celebração Litúrgica do Mistério Pascal», 181.

¹⁷¹ Melitão de Sardes, *A Páscoa*, PG 5, 1208.

¹⁷² António Couto, *A Nossa Páscoa* (Lisboa: Paulus, 2013), 61.

¹⁷³ José Cordeiro, «Apresentação», em *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021), 5.

¹⁷⁴ Cf. Rinaldo Falsini, *A Liturgia* (Apelação: Paulus, 1999), 145.

¹⁷⁵ Prefácio Pascal I. *Missal Romano*, 542.

¹⁷⁶ Bouyer, *O Mistério Pascal*, 9.

da sua ressurreição de entre os mortos
e da sua gloriosa ascensão aos céus»¹⁷⁷.

Aliás, a este propósito, para os cristãos dos três primeiros séculos, esta era mesmo a única festa¹⁷⁸, e as que depois surgem mais não são do que «uma celebração desdobrada do acontecimento pascal»¹⁷⁹. Assim, a «primeira páscoa não passava de uma imagem; a de Cristo é a Páscoa central da história»¹⁸⁰.

A celebração anual da Páscoa, a «festa das festas e a solenidade das solenidades» (CCE, 1169), é marcada, desde o seu início, pela alegria. É a «alegria pascal pela redenção»¹⁸¹, pois a «Páscoa de Cristo efetua o Mistério que significa», ou seja, ela é «Cristo que morreu e ressuscitou de uma vez para sempre, fazendo que partilhássemos da Sua morte e ressuscitássemos para a Sua vida»¹⁸². Neste sentido, a Páscoa não é uma simples comemoração, mas é a «Cruz e o Sepulcro vazio hoje presentes», sendo que, agora, «já não é a Cabeça que deve estender-se na Cruz, para se erguer do Sepulcro; é o Seu Corpo, a Igreja, e neste Corpo é cada um dos Seus membros que somos nós»¹⁸³. Assim, a ação por Cristo realizada outrora é a Páscoa de há dois mil anos, e a que hoje tornamos nossa é a Páscoa que celebramos¹⁸⁴. E, assim sendo, a «glória que dela nos há-de vir, como veio para Ele, é a Páscoa eterna pelos eleitos celebrada no Céu, o banquete do Cordeiro imolado e glorioso»¹⁸⁵. Celebrar o Mistério Pascal é, por isso, «celebrar toda a ação salvífica de Deus, fazendo os crentes participar dessa mesma salvação»¹⁸⁶, é saborear, já na terra, a alegria prometida do Céu¹⁸⁷.

A alegria, como referido, marca a celebração da Páscoa desde o seu início. No começo da sua celebração, com a Vigília Pascal, a mãe de todas as vigílias, como a denominou Santo Agostinho¹⁸⁸, surge um «solene convite à alegria»¹⁸⁹ com o Precónio Pascal, que «opera um salto transcendente, no qual a noite cósmica em que se comemora a primeira celebração pascal do ano litúrgico, se torna aquela noite em que, pela Liturgia, se torna presente a realidade da

¹⁷⁷ Oração Eucarística I ou Cânone Romano. *Missal Romano*, 650.

¹⁷⁸ Cf. Cabecinhas, «Celebração Litúrgica do Mistério Pascal», 185.

¹⁷⁹ J. M. Bernal, *Para vivir el Año Litúrgico. Una visión genética de los ciclos y de las fiestas* (Estella: Verbo Divino, 1997), 37.

¹⁸⁰ Varillon, *A Páscoa de Jesus*, 76.

¹⁸¹ Walter Kasper, *La Liturgia de la Iglesia* (Cantabria: Sal Terrae, 2015), 39.

¹⁸² Bouyer, *O Mistério Pascal*, 11.

¹⁸³ Bouyer, 11.

¹⁸⁴ Cf. Bouyer, 10.

¹⁸⁵ Bouyer, 10.

¹⁸⁶ Cabecinhas, «Celebração Litúrgica do Mistério Pascal», 182.

¹⁸⁷ Cf. Oração coletiva de Terça-feira da oitava da Páscoa. *Missal Romano*, 356.

¹⁸⁸ Agostinho, *Sermão 223 A*, PL 38, 1092.

¹⁸⁹ Bouyer, *O Mistério Pascal*, 343.

noite simbólica das trevas que Jesus Ressuscitado veio iluminar»¹⁹⁰. Iluminação que vem simbolizada na chama do círio pascal que, antes, foi preparado, imediatamente depois da Bênção do fogo, entrando já na procissão que antecede o Precónio. Este convite à alegria surge logo no início do Precónio Pascal, com o *Exsultet*,

«Exulte de alegria a multidão dos anjos,
exultem as assembleias celestes,
ressoem hinos de glória
para anunciar o triunfo de tão grande Rei.
Rejuble também a terra,
inundada por tão grande claridade,
porque a luz de Cristo, o Rei eterno,
dissipa as trevas de todo o mundo.
Alegre-se a Igreja, nossa mãe,
adornada com os fulgores de tão grande luz,
e ressoem neste templo as aclamações do povo de Deus»¹⁹¹.

Com as primeiras palavras do Precónio, é toda a Igreja, a que peregrina na terra e a celeste, que é convocada à alegria pascal, porque a «Ressurreição lhe comunica a inesgotável fecundidade que lhe permitirá gerar na luz um sem número de almas»¹⁹², e à Igreja une-se toda a criação. A alegria que se canta é a «grande alegria cósmica»¹⁹³.

O *Exsultet* do Precónio Pascal «canta um mistério realizado acima das esperanças proféticas», no sentido em que, no «alegre anúncio da ressurreição, a própria dor do homem é transfigurada», pois a «plenitude da alegria surge da vitória do Crucificado, do seu Coração trespassado, do seu corpo glorificado» (*GD*, 28), é a «alegria completa» (Jo 15, 11). A alegria espelhada pelo Precónio, e em especial pelo seu *Exsultet*, «tira o mundo das suas profundezas e aponta para a razão mais profunda da alegria do cristão», alegria que o «Aleluia Pascal e os antigos motetos pascais, ecumenicamente comuns até hoje, testemunham de forma impressionante»¹⁹⁴.

Nada nem ninguém pode ficar indiferente a esta alegria: «esta é a noite»¹⁹⁵! A «noite bendita», a noite que «brilha como o dia», em que a «escuridão é clara como a luz», a «noite santa» e «ditosa» que

¹⁹⁰ Pedro Ferreira de Almeida e Gonçalves Rodrigues, «“Oh noite ditosa, em que o céu se une à terra”. Uma leitura da dimensão cósmica do Exultet e da Vigília Pascal» (Braga, Universidade Católica Portuguesa, 2022), 89, <http://hdl.handle.net/10400.14/39390>.

¹⁹¹ Precónio Pascal. *Missal Romano*, 322.

¹⁹² Bouyer, *O Mistério Pascal*, 345.

¹⁹³ Bouyer, 345.

¹⁹⁴ Kasper, *La alegría del cristiano*, 33.

¹⁹⁵ Precónio Pascal. *Missal Romano*, 323.

«afugenta os crimes,
lava as culpas;
restitui a inocência aos pecadores,
dá alegria aos tristes;
derruba os poderosos,
dissipa os ódios,
estabelece a concórdia e a paz»¹⁹⁶.

Esta «noite de graça»¹⁹⁷ só pode, por tudo isto, ser noite de alegria, na qual se parecem quebrar todas as barreiras¹⁹⁸. Uma noite em que celebramos a Vigília daquela que «é a suprema e mais nobre de todas as solenidades»¹⁹⁹. Esta é a «noite ditosa, em que o céu se une à terra, em que o homem se encontra com Deus!»²⁰⁰. É, digamos, a «alegria dum mundo regenerado ao qual se encontra unido o homem reconciliado consigo mesmo na mútua união do mundo e do homem com o seu Criador»²⁰¹.

Noite que inaugura um tempo de luz e alegria, é o que nos diz Sophia de Mello Breyner Andresen, no seu poema *Casa de Deus*, escrito na Páscoa de 1990, poema que assim termina: «Celebramos a Páscoa/ Aqui celebramos a claridade/ Porque Deus nos criou para a alegria»²⁰². Nesta Luz, neste «Sol de justiça está a fonte de toda a alegria para os que O contemplam»²⁰³. Este tempo inaugurado, onde se dá «lugar à alegria pascal, que, na sua plenitude, se prolonga por cinquenta dias»²⁰⁴, é o Tempo Pascal, que se prolonga até à solenidade do Pentecostes, onde se manifesta a «plenitude do mistério pascal»²⁰⁵. Este Tempo é a Ressurreição como «pura semente de alegria»²⁰⁶, como cantamos num dos hinos da Liturgia das Horas deste Tempo, que faz com que os cristãos, «libertos da tristeza, do pecado e da morte» – como cantamos num outro hino – cantem o mistério «desta Páscoa florida»²⁰⁷. Encontramos, por isso, e neste Tempo, a «plenitude da alegria pascal»²⁰⁸, que os cinco Prefácios da Páscoa, bem como os da Ascensão e o de Pentecostes, reforçam. Todos eles repetem a expressão.

O Mistério Pascal é, assim e aqui no tempo, a alegria do Reino tornada realidade, pois esta alegria só pode brotar da celebração conjunta da Morte e Ressurreição do Senhor (cf. *GD*,

¹⁹⁶ Precónio Pascal. *Missal Romano*, 323–24.

¹⁹⁷ Precónio Pascal. *Missal Romano*, 324.

¹⁹⁸ Cf. Romano Guardini, *O Espírito da Liturgia* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017), 20.

¹⁹⁹ *Missal Romano*, 311.

²⁰⁰ Precónio Pascal. *Missal Romano*, 324.

²⁰¹ Bouyer, *O Mistério Pascal*, 345.

²⁰² Sophia de Mello Breyner Andresen, *Obra Poética* (Porto: Assírio & Alvim, 2015), 922.

²⁰³ Gregório de Agrigento, *Sobre o Ecclesiastes*, PG 98, X, 1138.

²⁰⁴ *Missal Romano*, 311.

²⁰⁵ Prefácio da solenidade de Pentecostes. *O Mistério de Pentecostes. Missal Romano*, 420.

²⁰⁶ Hino de Vésperas do Tempo Pascal. *Liturgia das Horas*, 2013, II:490.

²⁰⁷ Hino de Vésperas do Tempo Pascal. *Liturgia das Horas*, II:492.

²⁰⁸ Cf. *Missal Romano*, 420/542-555.

28). É aquilo que identificamos como «paradoxo da condição cristã que esclarece de forma única a da condição humana: nem as provas, nem os sofrimentos são eliminados deste mundo, mas adquirem um novo significado», tudo isto na certeza da participação na «redenção realizada pelo Senhor e na sua glória» (GD, 28).

A alegria pascal é a de uma «nova presença de Cristo ressuscitado, dispensando o Espírito aos seus, para que neles habite»; assim, o «Espírito Paráclito é dado à Igreja como princípio inesgotável da sua alegria de esposa de Cristo glorificado» (GD, 29). O Mistério Pascal proporciona «esperança e alegria tal é, em definitivo, o conteúdo libertador da revelação pascal», pois, «com a força do Amor trinitário», são aniquiladas as «forças destruidoras do mal e da morte» (VD, 13). Como refere Pedro, na sua primeira Carta: «é por isso que exultais de alegria» (1 Pe 1, 6).

Assim, o «futuro que os cristãos antecipam será a plena consumação de um percurso que se iniciou com a morte e a ressurreição do Senhor», pois a «ressurreição de Cristo é a primícia que garante a ressurreição futura de todos aqueles que estão em Cristo»²⁰⁹ – grande causa da nossa alegria, uma alegria pascal. É aquilo a que Tolentino de Mendonça chama de «futuro pascal», futuro que é «tão certo que negá-lo equivale a declarar vã toda a estrutura da fé, equivale a negar que Deus nos prometeu um tal destino glorioso»²¹⁰.

Já verificamos anteriormente a presença da temática da alegria em toda a Sagrada Escritura. Vimos que é o próprio Cristo que nos fala da Sua alegria e quer que a nossa alegria seja completa (cf. Jo 15, 11). Esta alegria verifica-se, de modo bastante evidente, com a Ressurreição, com as denominadas Aparições Pascais, relatadas nos Evangelhos, que «são motivo de alegria transbordante e permanente»²¹¹. Aqui, Maria de Magdala é a primeira testemunha da alegria pascal (cf. VD, 94).

Encontramos esta alegria, aqui de forma mais imediata, no Evangelho segundo São Mateus. O termo «alegria» encontra-se com frequência no Evangelho de Mateus para «significar o encontro daquilo que é considerado importante, decisivo ou definitivo (cf. Mt 2,10; 13, 44; 25, 21.23)»²¹², o que acontece igualmente com o testemunhar da Ressurreição. Neste Evangelho, Maria de Magdala e a outra Maria dirigiram-se ao sepulcro, «terminado o sábado, ao romper do primeiro dia da semana» (Mt 28, 1), ou seja, naquele que virá a ser designado, desde o princípio, pela comunidade cristã como «dia do Senhor», o Domingo (cf. Ap 1, 10). É lá, no túmulo, que um anjo lhes anuncia a Ressurreição de Jesus, motivando nelas um misto de «temor e grande alegria» (Mt 28, 8). São as primeiras testemunhas desta «grande

²⁰⁹ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 27.

²¹⁰ Mendonça, 27.

²¹¹ Tisner, *Meditaciones sobre la alegría cristiana*, 51.

²¹² Manuel Isidro Alves, «Ressurreição e fé pascal», *Didaskalia*, n.º 19:2 (1989): 421.

alegria», que é a alegria pascal. Mateus contrasta, neste aspeto, com Marcos, onde o «medo acentuado»²¹³ adia esta referida alegria nas mulheres que se dirigiram ao sepulcro e que, por esse medo, nada contam a ninguém (cf. Mc 16, 8).

Já no Evangelho segundo São Lucas, a alegria do Ressuscitado faz-se notar aquando da Sua aparição aos Onze (cf. Lc 24, 36-43), onde os apóstolos «na sua alegria, não queriam acreditar de assombrados que estavam» (Lc 24, 41), pelo que foi necessário que Jesus lhes abrisse a mente para que pudessem compreender as Escrituras (cf. Lc 24, 45). Neste mesmo Evangelho, depois da Ascensão, com que se concluem as narrativas pascais e, ao mesmo tempo, o próprio Evangelho, os discípulos regressaram a Jerusalém «com grande alegria» (Lc 24, 52), neste que «representa o ponto mais alto – o clímax – da construção teológica do primeiro volume da obra lucana»²¹⁴. É curioso, aliás, notar a clara marca da alegria no Evangelho de Lucas. O Evangelho começa com a notícia da «grande alegria» (Lc 2, 10), atrás referida, e termina com este regresso a Jerusalém, novamente com a marca da «grande alegria» (Lc 24, 52). É a alegria de saber que a «nossa humanidade entrou no Céu: pela primeira vez»²¹⁵!

O encontro com o Ressuscitado é, também no Evangelho segundo São João, causa de alegria (cf. Jo 20, 19-23). Neste encontro, os «discípulos passam do medo dos judeus à alegria de ver o Senhor»²¹⁶. Os discípulos «alegraram-se ao verem o Senhor» (Jo 20, 20), o que acontece no primeiro dia da semana (cf. Jo 20, 19) e se vem a repetir oito dias depois, já com a presença de Tomé (cf. Jo 20, 26-29). Assim, a aparição do Ressuscitado «liberta os temerosos discípulos do medo e da tristeza», a sua «saudação de paz e a certeza da presença do Senhor transforma a tristeza em alegria»²¹⁷. Este encontro com o Ressuscitado (cf. Jo 20,19-23) trata-se, portanto, de uma «cristofania litúrgica, que celebra a revelação da identidade de Jesus ressuscitado com o Crucificado e a transmissão à Igreja dos bens messiânicos de que Cristo é portador»²¹⁸, e entre esses bens está o da alegria que, juntamente com os restantes, faz do cristão uma nova criatura²¹⁹.

Nos quatro Evangelhos, a dúvida e o medo adiaram a «alegria» de alguns, que só no encontro com o Ressuscitado se manifestou. Tomé é disso exemplo: não acreditou até ver. Mas é o próprio Ressuscitado quem lhe diz: «Porque me viste, acreditaste. Felizes os que acreditam sem terem visto!» (Jo 21, 29). Esta alegria só está ao alcance daqueles que acreditam, e, acreditando, superam os impedimentos. A vida cristã «não pode ser compreendida senão a partir

²¹³ Alves, 421.

²¹⁴ Alves, 496.

²¹⁵ Papa Francisco, *Na Alegria: o encontro com Jesus transforma a nossa tristeza em alegria*, 40.

²¹⁶ Alves, «Ressurreição e fé pascal», 501.

²¹⁷ Alves, 503.

²¹⁸ Alves, 507.

²¹⁹ Cf. Alves, 507.

da surpresa e da alegria que vem do encontro com o Ressuscitado, de ver o Senhor com fé»²²⁰. Com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 13-35), acontece processo idêntico: os discípulos «compreendem, por fim, que estão continuamente na presença de Jesus, pelo dom da Fé pascal»²²¹. Assim, o espanto e a alegria caracterizam o encontro com o Ressuscitado²²², numa promessa que havia sido deixada por Jesus no chamado *Discurso de Despedida* (cf. Jo 16, 22).

A marca da alegria pascal está, assim, presente desde o primeiro momento. Tema que marca os escritos cristãos desde os primeiros séculos. É disso exemplo Justino de Roma (100-165), referindo que

«nenhum dos antes nascidos ofereceu, ao ser crucificado, alegria para as nações, e ninguém também depois dele. Em troca, Cristo, que foi crucificado, morreu e ressuscitou em nosso tempo, não só reinou ao subir ao céu, mas pela sua doutrina, pregada pelos apóstolos em todas as nações, é a alegria de todos os que esperam a imortalidade que ele nos prometeu»²²³.

O mesmo, além desta identificação da Páscoa como fonte de alegria, faz o convite universal: «Que as nações se alegrem: o Senhor reinou pelo madeiro»²²⁴.

Nesta mesma linha, São Leão Magno (400-461) afirmou que «a ressurreição do Senhor foi causa de nossa alegria»²²⁵. Já Leôncio de Constantinopla (485-543) convida a que passemos o dia de Páscoa com júbilo e alegria, porque

«vimos o que tínhamos desejado, tocámos o que procurámos, compreendemos o que ouvimos, porque se levantou a Primavera dos cristãos, desabrocharam as flores dos santos, cresceram os lírios dos novos iluminados e resplandecem os filhos da piscina batismal. Verdadeiramente *Eis o dia que o Senhor fez; passemos-lo em júbilo e alegria*»²²⁶.

Ou, ainda, João Crisóstomo (347-407), que afirma que «ninguém, neste dia, pode estar triste»²²⁷. O mesmo que evidencia a

«grandeza da alegria pascal, dado que até os poderes celestes fazem festa juntamente connosco e connosco se alegram pelos nossos bens... Nem mesmo o Senhor deles e nosso Se envergonha de a celebrar..., mas até o deseja, pois foi Ele que disse: Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco. Se desejou comer a Páscoa, é evidente que também desejou celebrar a festa»²²⁸.

²²⁰ Tisner, *Meditaciones sobre la alegría cristiana*, 52.

²²¹ Mendonça, *O Tesouro Escondido. Para uma arte da procura interior*, 107.

²²² Cf. Tisner, *Meditaciones sobre la alegría cristiana*, 52.

²²³ Justino de Roma, *Apologia I*, PG 6, 391.

²²⁴ Justino de Roma, 391.

²²⁵ Leão Magno, *Sermão da Ascensão do Senhor II*, PL 54, 397.

²²⁶ Leôncio de Constantinopla, *Homílias Pascais*, PG 86b, 2009.

²²⁷ João Crisóstomo, *Homílias de Páscoa*, PG 50, 436.

²²⁸ João Crisóstomo, 436.

As celebrações anuais da Páscoa do Senhor são e foram desde o seu início, por tudo isto, motivo de grande alegria, sendo o «dia (*hodie*) por excelência da passagem à vida nova, a festa das festas»²²⁹, num dia que, depois da Vigília da noite marcada, não só mas também, pelo convite à alegria do Precónio Pascal, confirma essa mesma alegria: «este é o dia que o Senhor fez: exultemos e cantemos de alegria» (Sl 117, 24). Eis-nos chegados ao «dia que não conhecerá noite»²³⁰.

2.2. Liturgia: Alegria que brota do Mistério Pascal

Do Mistério Pascal de Cristo nasce a Liturgia da Igreja, da qual a «Ressurreição de Jesus é o seu primeiro jorro impetuoso»²³¹. A Liturgia «vive dos sacramentos», toda ela «gravita em torno da Eucaristia e dos sacramentos», que celebram a «ação salvífica de Cristo na Igreja nascida da Páscoa»²³². Temos, deste modo, em Cristo ressuscitado, que já vimos ser a fonte da nossa alegria, também a «fonte inesgotável da Liturgia»²³³. Aqui nasceu a Liturgia²³⁴ e, a partir de então, a «economia da salvação tornou-se Liturgia»²³⁵.

O plano salvífico de Deus alcança, então, a sua eficácia na celebração da Liturgia, ou seja, na celebração dos Sacramentos (cf. *DDes*, 25). Pela Liturgia realiza-se a obra da Redenção (cf. *SC*, 2), é «o instrumento da salvação»²³⁶. Deste modo, no centro da Liturgia que celebramos, ou seja, no centro da celebração dos sacramentos, temos o Mistério da Páscoa de Cristo²³⁷, temos, então, a alegria pascal. A Liturgia «nada mais é do que uma resposta a esta alegria, à sua aceitação, à sua celebração, à afirmação da sua realidade»²³⁸. Por este motivo, desde o seu início, a Igreja jamais «deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal» (*SC*, 6), onde Cristo se faz sempre presente (cf. *SC*, 7). Ressalva o Papa Francisco que «a fé cristã ou é um encontro com Ele vivo, ou não existe», e, continua, «a Liturgia garante-nos a possibilidade de tal encontro» (*DDes*, 10). Na Liturgia «é-nos garantida a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e de fazer chegar até nós a força do seu mistério pascal» (*DDes*, 11). Esta permite «ver a Deus na celebração dos Mistérios, e ao vê-lo tirar vida da sua Páscoa» (*DDes*, 43).

²²⁹ Cordeiro, *A sacramentalidade da celebração eucarística*, 11.

²³⁰ Jean Corbon, *A Fonte da Liturgia* (Lisboa: Paulinas, 1999), 38.

²³¹ Corbon, 39.

²³² José Cordeiro, «Apresentação», em *A Eucaristia. Evocação e Celebração do Mistério Pascal* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019), 6.

²³³ Corbon, *A Fonte da Liturgia*, 39.

²³⁴ Cf. Corbon, 39.

²³⁵ Corbon, 40.

²³⁶ Guardini, *O Espírito da Liturgia*, 94.

²³⁷ Cf. Cordeiro, «Apresentação», 2019, 6.

²³⁸ Schmemmann, *Para la vida del mundo: Liturgia, Sacramentos, Missão*, 74.

A Liturgia é não só o «cume para o qual se encaminha a ação da Igreja» como, também, a «fonte de onde dimana toda a sua energia» (SC, 10), sendo que «não há aspeto da vida eclesial que não encontre o seu ápice e a sua fonte na Liturgia» (DDes, 37). É a «oração da Igreja, originada e conduzida pelo próprio Espírito Santo, em que Cristo, sempre de novo, se torna nosso contemporâneo, entrando na nossa vida»²³⁹, é o «centro inspirador da Igreja e da vida cristã»²⁴⁰, é a «fé da Igreja em ato»²⁴¹, a «Igreja em oração»²⁴².

Nela não se diz «eu», mas «nós», com raras exceções²⁴³. Esta não é, por isso, expressão do indivíduo, mas da totalidade dos fiéis, ou seja, da Igreja²⁴⁴. O sujeito litúrgico, o sujeito celebrante que atua na Liturgia, é «sempre e somente Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo» (DDes, 15). Não resulta, por isso, apenas da soma das pessoas que se encontram na igreja em determinado momento, não é apenas uma assembleia reunida: «ela ultrapassa todos os limites de um espaço determinado e abarca todos os crentes da terra inteira», ultrapassando, inclusivamente, também «os limites do tempo»²⁴⁵. Os fiéis sentem-se, assim, «fortemente unidos entre si por um princípio de vida positivo que lhes é comum», ou seja, uma «vida comum» que é o próprio «Cristo vivo», Ressuscitado, pois a «sua vida é a nossa vida»²⁴⁶, ou seja, a Sua alegria é a nossa alegria.

Como refere Romano Guardini, «há condições e circunstâncias da vida, nas quais o crente se torna de modo particular consciente da unidade que o envolve; e uma destas condições mais perfeitas é a Liturgia»²⁴⁷.

A razão de ser desta não é o humano, mas Deus e, por isso, na Liturgia o humano concentra o olhar, não em si, mas em Deus: volta-se todo para o esplendor de Deus²⁴⁸. É um estar diante de Deus²⁴⁹. Na Liturgia, «deixamos de falar sobre Deus, para falarmos a Deus e agirmos em Deus»²⁵⁰. Estamos diante de Deus, nossa alegria, por inteiro e sendo fiéis ao nosso destino divino, o de ser filhos de Deus²⁵¹, numa «mescla sublime de seriedade e de alegria divina que nela transparece»²⁵², num «Pai celeste, que encontra a sua alegria e delícias em estar

²³⁹ Joseph Ratzinger, *Introdução ao Espírito da Liturgia* (Prior Velho: Paulinas, 2020), 5.

²⁴⁰ Ratzinger, 5.

²⁴¹ José Cordeiro, *Corações ao alto. Introdução à Liturgia da Igreja* (Lisboa: Paulus, 2014), 9.

²⁴² Cordeiro, 15.

²⁴³ Cf. Guardini, *O Espírito da Liturgia*, 33.

²⁴⁴ Cf. Guardini, 33.

²⁴⁵ Guardini, 33.

²⁴⁶ Guardini, 34.

²⁴⁷ Guardini, 34.

²⁴⁸ Cf. Guardini, 72.

²⁴⁹ Cf. Guardini, 72.

²⁵⁰ José Cordeiro, «Da Liturgia à Vida», *Didaskalia II*, n.º XLIV (2014): 203.

²⁵¹ Cf. Guardini, *O Espírito da Liturgia*, 76.

²⁵² Guardini, 77.

assim no meio dos filhos dos homens»²⁵³. Assim, na Liturgia o crente coloca-se diante de Deus, «sob os olhos de Deus, em beleza, liberdade e santa alegria», celebrando ou, como refere Guardini, executando o «jogo da Liturgia que o próprio Deus regulamentou»²⁵⁴. É a «celebração da alegria do Pai»²⁵⁵. É uma «alegria que proporcionamos ao Pai, deixando-nos encontrar por Ele, é o ímpeto de exultação que a Liturgia projeta sem cessar»²⁵⁶. Um Pai que se alegra porque, sendo a fonte, vê o humano também tornar-se fonte e corresponder à sua sede eterna²⁵⁷.

A partir da hora em que o Filho do homem foi glorificado (cf. Jo 12, 16), começou a glorificação do Pai, pela Liturgia, onde a cada instante novos filhos adotivos nascem para a sua alegria²⁵⁸. Quando acolhe esta alegria, que é a glorificação, o Pai não a guarda, mas antes a faz «jorrar de novo em maior amor e vida»²⁵⁹, na santificação do humano. O mistério da santidade torna-se, assim, Liturgia²⁶⁰. Caraterizam a Liturgia, neste sentido, duas linhas convergentes, uma ascendente e outra descendente: a «glorificação de Deus e a santificação do homem»²⁶¹. As duas linhas convergentes são, deste modo, dinâmica de alegria. Toda a Liturgia tende, assim, para «a alegria, aquela alegria que só pode surgir do contacto entre o homem e Deus, da sua superação dos limites da existência terrena»²⁶². Está orientada para o louvor, pois a «nossa alegria precisa, de facto, de encontrar uma voz»²⁶³. Toda a criação «encontra aqui a sua meta e consumação, o louvor do Criador», e louvamos «não por este ser vaidoso e desejar que se lhe diga quão estupendo Ele é, mas porque o que dizemos em louvor é verdadeiro, e a verdade deve ser expressada»²⁶⁴.

Na sua alegria, a Liturgia mantém o céu aberto aos humanos²⁶⁵; é encontro, por Cristo e no Espírito Santo, com Deus, nossa alegria. O céu, que muitas vezes parece tão nublado, abre-se com a Liturgia²⁶⁶. Esta é essencialmente doxológica, num «fluxo e refluxo sempre novo da comunhão trinitária participada pela criação inteira»²⁶⁷. Trata-se de «viver a Liturgia como obra

²⁵³ Guardini, 78.

²⁵⁴ Guardini, 79.

²⁵⁵ Corbon, *A Fonte da Liturgia*, 46.

²⁵⁶ Corbon, *A Fonte da Liturgia*.

²⁵⁷ Cf. Corbon, 46.

²⁵⁸ Cf. Corbon, 47.

²⁵⁹ Corbon, 47.

²⁶⁰ Cf. Corbon, 47.

²⁶¹ José Cordeiro, «Apresentação», em *Liturgia: a vitalidade da Igreja* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018), 5.

²⁶² Joseph Ratzinger, *Caminhar juntos na Fé* (Braga: Apostolado da Oração, 2005), 110.

²⁶³ Timothy Radcliffe, *A arte de viver em Deus. A imaginação cristã para elevar o real* (Prior Velho: Paulinas, 2021), 333.

²⁶⁴ Radcliffe, 333.

²⁶⁵ Cf. George Augustin, *Colaboradores da vossa alegria. O ministério sacerdotal hoje* (Prior Velho: Paulinas, 2015), 361.

²⁶⁶ Cf. Kasper, *La alegría del cristiano*, 65.

²⁶⁷ Corbon, *A Fonte da Liturgia*, 47.

da Santíssima Trindade»²⁶⁸, onde o Pai é a fonte e o fim da Liturgia, Cristo significa e realiza o seu Mistério Pascal e age pelos sacramentos e a missão do Espírito Santo é a de preparar para o encontro com Cristo e tornar presente a Sua obra salvífica pelo dom da comunhão na Igreja crente e orante²⁶⁹. Assim, a «qualificação reconhecida da espiritualidade litúrgica» é, «ao Pai (*ad Patrem*), pelo Filho (*per Filium*), no Espírito Santo (*in Spiritu*)»²⁷⁰. Ou seja, todo o «dom salvífico vem do Pai (*ex Patre*), pelo Filho (*per Filium*), no Espírito Santo (*in Spiritu*) e no Espírito Santo, pelo Filho, volta de novo ao Pai»²⁷¹. A fórmula «*a, per, in, ad*» expressa, deste modo, a já referida dinâmica de alegria descendente e ascendente que abarca toda a Liturgia²⁷², e que se evidencia nas orações e, concretamente, nas doxologias finais.

A Palavra de Deus ocupa um lugar essencial na Liturgia da Igreja. É na escuta da Palavra revelada que se fundamenta o próprio rito litúrgico²⁷³. Uma breve passagem pelos vários rituais das celebrações dos sete sacramentos é suficiente para reparar num aspeto: todos propõem que a receção do respetivo sacramento seja antecedida pela escuta da Palavra. Como refere o Papa Francisco, a «relação entre o Ressuscitado, a comunidade dos crentes e a Sagrada Escritura é extremamente vital para a nossa identidade» (*AI*, 1), sendo que a Liturgia, como antes o havia afirmado também Bento XVI, «constitui, efetivamente, o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente da nossa vida», sendo que «cada ação litúrgica está, por sua natureza, impregnada da Sagrada Escritura» (*VD*, 52), que, por sua vez, está impregnada de alegria, como vimos anteriormente. Assim se entende que seja «enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia» (*SC*, 24), sendo que, com o seu espírito e da sua inspiração, nasce muito do que se realiza na Liturgia (cf. *SC*, 24).

A Liturgia, «pela Ascensão, entrou no seio do Pai, mas pelo Pentecostes penetra a carne de toda a humanidade», ou seja, «pelo Espírito Santo a Liturgia toma “corpo” na Igreja»²⁷⁴, no «dia em que se cumpre a festa da Páscoa»²⁷⁵.

Podemos considerar, após o até aqui referido, que a Liturgia se apoia em três aspetos constitutivos: «a escuta da Palavra, a visão da Glória e a experiência do Mistério»²⁷⁶.

O primeiro encontro com a «sua Páscoa é o acontecimento que marca a vida de todos os crentes: o nosso Batismo» (*DDes*, 12). O que «significa ser-se mergulhado na sua Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão; um ser-se mergulhado na sua ação pascal» (*DDes*, 12). É o

²⁶⁸ Cordeiro, «Da Liturgia à Vida», 208.

²⁶⁹ Cf. Cordeiro, 208.

²⁷⁰ Cordeiro, 208.

²⁷¹ Cordeiro, 208.

²⁷² Cf. Cordeiro, 208.

²⁷³ Cf. Cordeiro, 206.

²⁷⁴ Corbon, *A Fonte da Liturgia*, 54.

²⁷⁵ Corbon, 57.

²⁷⁶ Cordeiro, «Da Liturgia à Vida», 206.

«fundamento de toda a vida cristã, o pórtico da vida no Espírito e a porta que dá acesso aos outros sacramentos» (CCE, 1213).

Ora, se pelo Batismo, e com os sacramentos da Iniciação Cristã, recebemos a alegria da «vida nova de Cristo» (CCE, 1420), não deixamos de, na nossa condição ainda terrena, estar sujeitos «ao sofrimento, à doença e à morte», numa vida que «pode ser enfraquecida e até perdida pelo pecado» (CCE, 1420). É, por isso, o próprio Cristo, «médico das nossas almas e dos nossos corpos», (CCE, 1421), quem perdoou os pecados e restituiu a saúde ao paralítico (cf. Mc 2, 1-12), quem institui os sacramentos de Cura, ou seja, da Reconciliação e da Santa Unção.

O sacramento da Reconciliação traz, de forma especial, também consigo a marca da alegria. Aliás, este é referido, também, como «sacramento da alegria»²⁷⁷. Alegria que é também marca da conversão, uma das designações deste: «sacramento da Conversão» (CCE, 1423). Este dinamismo de alegria e conversão foi descrito por Jesus na denominada parábola do «filho pródigo» e do «pai misericordioso» (cf. Lc 15, 11-24). Entre os diversos aspetos próprios do processo de conversão (cf. CCE, 1439), e como parte integrante do mesmo, podemos destacar a «alegria do pai» e a vida nova «cheia de alegria» (CCE, 1439). Tudo isto porque um dos filhos «volta para Deus e para o seio da família que é a Igreja» (CCE, 1439).

Com o sacramento da Reconciliação, podemos dizer que Deus dá uma grande festa, pois «Deus não só oferece perdão, reconciliação e cura, mas quer dar todas essas iguarias aos que estiverem presentes, como prova da sua alegria»²⁷⁸. Na parábola do filho pródigo, bem como na da ovelha perdida (cf. Lc 15, 4-7) ou da dracma perdida (cf. Lc 15, 8-10), o convite de Deus é sempre o mesmo: «alegrai-vos comigo». Deus alegra-Se! Somos chamados a unirmo-nos a essa alegria²⁷⁹. É, assim, o «sacramento da alegria reencontrada»²⁸⁰. O próprio Jesus, durante a sua vida pública, não só «perdoou os pecados como também manifestou o efeito desse perdão», sendo sinal disso o facto de «admitir os pecadores à sua mesa», de «se sentar à mesa deles», gestos que exprimem o «perdão de Deus e o regresso ao seio do povo de Deus» (CCE, 1443). É o «perdão de Deus e a reconciliação com a Igreja» (CCE, 1440), que é convidada a alegrar-se com Deus por isso.

A alegria de Deus neste sacramento não é «por terem sido resolvidos os problemas do mundo, não por se terem acabado a tristeza e o sofrimento humanos, não porque milhares de

²⁷⁷ Papa Francisco, «Um novo olhar sobre a confissão, o sacramento da alegria», *Vatican*, 2021, <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-09/papa-francisco-confissao-sacramento-alegria-editorial.html>.

²⁷⁸ Henri Nouwen, *O regresso do filho pródigo* (Braga: Apostolado da Oração, sem data), 145.

²⁷⁹ Cf. Nouwen, 146.

²⁸⁰ Bento XVI, «Mensagem do Papa Bento XVI para a XXVII Jornada Mundial da Juventude 2012», site, *Vatican*, 2012, 5, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20120315_youth.html.

peças se tenham convertido»²⁸¹, a alegria de Deus prende-se ao facto de um dos seus filhos, que se tinha perdido, ter sido encontrado²⁸². O pai do filho pródigo «entrega-se totalmente à alegria que lhe dá o facto de o filho ter voltado»²⁸³. O banquete oferecido é uma imagem que exprime toda a «alegria e a beleza do dom oferecido e recebido»²⁸⁴.

Por fim, não poderíamos deixar de destacar a Eucaristia, igualmente denominada como sacramento da alegria²⁸⁵, ao qual daremos especial atenção, não fosse este o «Santíssimo Sacramento», como é reconhecido, entre os Sacramentos.

Na última Ceia, Cristo institui

«o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura» (SC, 47).

A Eucaristia, fonte e centro de toda a vida cristã (cf. LG, 11; SC, 10), e onde, de «celebração em celebração, anunciando o mistério pascal de Jesus “até que Ele venha” (1Cor 11, 26), o Povo de Deus em peregrinação avança pela porta estreita da cruz para o banquete celeste, em que todos os eleitos se sentarão à mesa do Reino» (CCE, 1344). A Eucaristia é «tensão para a meta», tensão escatológica, «antegoço da alegria plena prometida por Cristo (cf. Jo 15, 11); de certa forma, é antecipação do Paraíso» (EE, 18), do Reino e, portanto, da sua alegria, uma alegria escatológica²⁸⁶. É celebrada na «ardente expectativa de Alguém» (EE, 18). Sobretudo na Liturgia Eucarística, é-nos «dado saborear antecipadamente a consumação escatológica para a qual todo o homem e a criação inteira estão a caminho» (SCAR, 30). Quem se «alimenta de Cristo na Eucaristia não precisa de esperar o Além para receber a vida eterna: já a possui na terra, como primícias da plenitude futura, que envolverá o homem na sua totalidade», pois, na Eucaristia, recebemos a «garantia também da ressurreição do corpo no fim do mundo», é a garantia da «ressurreição futura» (EE, 18). Chegados à Mesa da Eucaristia, «nada mais nos falta para a felicidade que procuramos»²⁸⁷. Como refere Gregório de Agrigento (559–630), «os que comem deste pão e bebem deste vinho místico, enchem-se verdadeiramente de alegria e felicidade e podem exclamar em alta voz: “Destes ao meu coração uma grande alegria”»²⁸⁸. A Eucaristia, assim como o Batismo, é «essencialmente o sacramento da morte e

²⁸¹ Nouwen, *O regresso do filho pródigo*, 146.

²⁸² Cf. Nouwen, 146.

²⁸³ Nouwen, 147.

²⁸⁴ Bruno Forte, *Porquê confessar-se? A Reconciliação e a beleza de Deus* (Lisboa: Paulus, 2013), 19.

²⁸⁵ Cf. Schmemmann, *Para la vida del mundo: Liturgia, Sacramentos, Missão*, 35.

²⁸⁶ Cf. Ricardo Blázquez, *La Iglesia. Misterio, Comuni3n, Misión* (Salamanca: Sígueme, 2017), 137.

²⁸⁷ Nicolau Cabasilas, *A vida em Cristo* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2020), 119.

²⁸⁸ Greg3rio de Agrigento, *Sobre o Ecclesiastes*, PG 98, VIII, 1072.

da ressurreição de Cristo, o sinal eficaz do mistério pascal»²⁸⁹. A Eucaristia dá cumprimento à Páscoa judaica e antecipa a Páscoa final da Igreja, na glória do Reino (cf. *CCE*, 1340).

Este Sacramento é, no seguimento do dito anteriormente, a «forma contínua de aparição pascal que desperta a fé em Jesus e institui a Igreja como comunidade de abertura ao Reino»²⁹⁰. A Eucaristia é o caminho da Igreja até à dimensão do Reino²⁹¹. E, tal como nas aparições pascais referidas, aqui também não pode deixar de estar presente a alegria, pois a celebração da Eucaristia, sendo «atualização sacramental da Boa Nova», só pode ser uma «celebração de alegria»²⁹². Do mesmo modo que o Senhor ressuscitado apareceu aos seus discípulos enquanto comiam, e naquelas aparições os seus olhos se abriram, O reconheceram e todos se alegraram (cf. Mt 28, 8; Lc 24, 31, 41; Jo 20, 20); do mesmo modo, em cada Eucaristia, o mesmo Senhor ressuscitado está no meio de nós de maneira sacramental²⁹³. E, tal como Tomé, «podemos tocá-lo e, como ele, devemos prostrar-nos adorando-o (cf. Jo 20, 19-23)»²⁹⁴. Aliás, também a comunidade primitiva de Jerusalém celebrou a fração do pão com alegria (cf. At 2, 46), como se verifica no primeiro sumário do Livro dos Atos dos Apóstolos já referido.

Desde o Pentecostes, quando «a Igreja, povo da nova aliança, iniciou a sua peregrinação para a pátria celeste, este sacramento divino foi ritmando os seus dias, enchendo-os de consoladora esperança» (*EE*, 1). E vive-os com alegria (cf. *EE*, 1).

Neste sentido, na vida da Igreja, a «participação na alegria do Senhor é inseparável da celebração do mistério eucarístico, onde comem e bebem o seu Corpo e Sangue» e, assim sustentados, «como caminhantes, no caminho da eternidade, já recebem sacramentalmente as primícias da alegria escatológica» (*GD*, 42). A Eucaristia é «celebração e festa de alegria», na qual, «juntamente com todos os anjos e santos, concelebramos a Liturgia do céu (cf. Hb 12, 22-24)»²⁹⁵. Assim, os cantos de alegria da Liturgia Celeste, presentes no Livro do Apocalipse (cf. Ap 4; 5; 19), encontram o seu eco também na Liturgia da Igreja. Une-se em louvor a Igreja Peregrina na Terra com toda a criação implícita no hino eucarístico de louvor a Deus²⁹⁶, e a Igreja Celeste, a Jerusalém do Alto, como evidenciam os vários Prefácios, como o Prefácio III Dominical do Tempo Comum,

«Por Ele, a multidão dos anjos
adora a vossa majestade

²⁸⁹ François Varillon, *Síntese da Fé Católica* (Braga: Apostolado da Oração, 1997), 68.

²⁹⁰ Cunha, «A Eucaristia e a Missão da Igreja. Uma reflexão sobre a Sacramentum caritatis de Bento XVI», 312.

²⁹¹ Cf. Schmemmann, *Para la vida del mundo: Liturgia, Sacramentos, Missão*, 37.

²⁹² Kasper, *La alegría del cristiano*, 65.

²⁹³ Cf. Kasper, 65.

²⁹⁴ Kasper, 65.

²⁹⁵ Kasper, 65.

²⁹⁶ Cf. Kasper, 65.

e exulta eternamente na vossa presença.
Permiti que nos associemos às suas vozes,
dizendo (cantando) com alegria»²⁹⁷.

Com este «permiti que nos associemos», une-se em canto a Igreja Peregrina e a Igreja Celeste, pois «com eles, também nós proclamamos»²⁹⁸ a glória de Deus, cantamos com os anjos²⁹⁹. E tudo isto, como não poderia deixar de ser, «com alegria», que é, aliás, mencionada por vários Prefácios. A Liturgia, e concretamente a Eucaristia, é, por isso, «também e sempre Liturgia cósmica»³⁰⁰. É como que «um raio de glória da Jerusalém celeste, que atravessa as nuvens da nossa história e vem iluminar o nosso caminho» (EE, 19). É, verdadeiramente, um «pedaço de céu que se abre sobre a terra» (EE, 19), é o «culto do céu aberto»³⁰¹ ou, como refere São João Crisóstomo, é mistério que «faz da Terra Céu»³⁰². Ou seja, é a «entrada na glorificação de Deus que abrange céus e terra e que é iniciada com a cruz e a ressurreição»³⁰³.

Já mencionamos as linhas convergentes da Liturgia: a Eucaristia é, por excelência, «o ponto a partir do qual todas as linhas divergem e para o qual convergem»³⁰⁴; é o «ponto de encontro de duplo movimento, de Deus para o homem e do homem para Deus, no qual consiste toda a religião»³⁰⁵; é o «caminhar da Humanidade, rumo a Cristo, é o caminhar de Cristo rumo aos homens»³⁰⁶. É, como referido, dinamismo que só pode ser de alegria. E o «ponto central e culminante de toda a celebração da Eucaristia»³⁰⁷, onde se atinge o máximo desta convergência, é a Oração Eucarística³⁰⁸, que é uma «oração de ação de graças e de consagração» (IGMR, 78), ou seja, é uma «oração de ação de graças e louvor ao Pai e, ao mesmo tempo, é uma súplica pronunciada sobre o pão e o vinho, dentro da qual se repete e reatualiza o que Jesus mandou fazer»³⁰⁹. É, se quisermos, o ponto central e culminante da dinâmica de alegria atrás referida, que une, neste dinamismo, a humanidade que louva o seu Senhor e Deus que santifica e salva os humanos.

A Eucaristia é, por tudo isto, a «porta da Igreja para a alegria do seu Senhor»³¹⁰. O teólogo ortodoxo Alexander Schmemmann refere que não há outra maneira de entrar nesta alegria

²⁹⁷ Prefácio III Dominical do Tempo Comum. *Missal Romano*, 560.

²⁹⁸ Prefácio III Dominical do Tempo Comum. *Missal Romano*, 560.

²⁹⁹ Cf. Joseph Ratzinger, *Un Canto Nuevo para el Señor* (Salamanca: Sígueme, 2011), 149.

³⁰⁰ Kasper, *La alegría del cristiano*, 65.

³⁰¹ Ratzinger, *Introdução ao Espírito da Liturgia*, 37.

³⁰² João Crisóstomo, *Epístola I aos Coríntios*, PG 61, 205.

³⁰³ Ratzinger, *Introdução ao Espírito da Liturgia*, 37.

³⁰⁴ François Varillon, *Alegria de Crer e de Viver*, 381.

³⁰⁵ Varillon, *Síntese da Fé Católica*, 67.

³⁰⁶ Ratzinger, *Introdução ao Espírito da Liturgia*, 37.

³⁰⁷ Cordeiro, *A sacramentalidade da celebração eucarística*, 35.

³⁰⁸ Cf. Cordeiro, 35.

³⁰⁹ Cordeiro, 35.

³¹⁰ Schmemmann, *Para la vida del mundo: Liturgia, Sacramentos, Missão*, 37.

– a alegria do Senhor, esta alegria completa – que não seja «através da única ação que desde o começo foi para a Igreja tanto a fonte como a plenitude da alegria, que é o mesmo que dizer, através do sacramento da alegria, a Eucaristia»³¹¹. E «entrar nesta alegria, para testemunhá-la no mundo, é de facto a própria vocação da Igreja, a sua liturgia essencial», é o «sacramento pelo qual “ela se torna o que é”»³¹². A Igreja «vive da Eucaristia» (EE, 1). E esta «verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja» (EE, 1). Assim, «entre os sinais visíveis, através dos quais a Igreja exprime a sua vida e atualiza o seu ser, a Eucaristia ocupa um lugar privilegiado»³¹³. É o «sacramento central para o qual os demais sacramentos estão ordenados», é o «resumo de toda a substância da fé»³¹⁴.

Quando falamos de Eucaristia, falamos, portanto, de alegria, pois, a «verdadeira alegria é reconhecer que o Senhor permanece no nosso meio, companheiro fiel do nosso caminho» (SCAR, 97), sendo esta uma «promessa ligada à Mesa» que faz-nos habitar «em Cristo e Cristo em nós»³¹⁵, permanecendo em nós e nós n’Ele (cf. Jo 6, 56). Na Eucaristia descobrimos que «Cristo, morto e ressuscitado, Se manifesta como nosso contemporâneo no mistério da Igreja, seu corpo» (SCAR, 97). Cristo é, «para nós, ao mesmo tempo, hóspede e morada: felizes somos nós por tal morada! Felizes somos nós de sermos morada de tal hóspede»³¹⁶.

Neste Sacramento, com tudo o que abarca e em tudo o que concretiza, são recapituladas todas as coisas³¹⁷, é a «unidade de Deus e do homem em Cristo; do passado, do presente e do futuro; da natureza e da história; do acolhimento e do dom; da morte e da vida»³¹⁸. É sacramento de alegria.

Toda a Liturgia da Igreja nasce e vive unida, deste modo, à alegria pascal. Por ela, sabemos que Cristo permanece connosco, sabemos que «Ele está connosco, tal como na manhã de Páscoa»³¹⁹. A «celebração da Igreja nasceu da Páscoa e para celebrar a Páscoa»³²⁰, sendo esta o fundamento de toda a vida cristã, de toda a Liturgia, da nossa fé.

³¹¹ Schmemmann, 35.

³¹² Schmemmann, 37.

³¹³ Varillon, *Síntese da Fé Católica*, 67.

³¹⁴ Varillon, 70.

³¹⁵ Cabasilas, *A vida em Cristo*, 121.

³¹⁶ Cabasilas, 121–22.

³¹⁷ Cf. François Varillon, *Alegria de Crer e de Viver*, 381.

³¹⁸ François Varillon, 381.

³¹⁹ Hino de Vésperas. *Liturgia das Horas*, vol. III (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 2000), 56.

³²⁰ Luís Manuel Pereira da Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021), 89.

2.3. Domingo, Páscoa semanal: o Dia da Alegria

A Eucaristia, como centro da vida da Igreja e sacramento de alegria, tem no Domingo – o «dia da alegria»³²¹ – dia da sua especial celebração. Pois a Igreja, a cada semana, no dia a que chamou Domingo, dia do Senhor³²², celebra a «Ressurreição do Senhor, como a celebra também uma vez no ano na Páscoa, a maior das solenidades, unida à memória da sua Paixão» (SC, 102). O Domingo tem, deste modo, na celebração do Mistério Pascal «o seu fundamento e centro, sendo o principal dia de festa para os cristãos»³²³.

«Dia da alegria», o Domingo é, assim, e de maneira especial, o dia em que a Igreja faz memória da Ressurreição de Cristo, em que celebra o Seu Mistério Pascal, e, por isso, de forma mais vincada, torna presente e comunica o dom da salvação mediante um plano sacramental³²⁴. Sendo, como vimos, certo que a alegria cristã deve caracterizar toda a nossa vida, e não só um dia da semana, claro é, também, que o Domingo, pelos motivos apresentados, «é, a título especial, um dia de alegria, mais ainda um dia propício para educar à alegria, descobrindo novamente os seus traços autênticos e as suas raízes profundas» (DD, 57).

Este dia é a Páscoa Semanal, como se anuncia na solenidade da Epifania do Senhor, pois, «em cada domingo, Páscoa da semana, a santa Igreja torna presente, este grande acontecimento, no qual Cristo venceu o pecado e a morte»³²⁵. Com este solene anúncio, fica bem patente a centralidade da Páscoa, «centro de todo o ano litúrgico» e de onde «procedem todos os dias santos»³²⁶, bem como o significado do Domingo para os cristãos, na certeza de que sempre «a Igreja peregrina sobre a terra proclama a Páscoa do seu Senhor»³²⁷. Trata-se, portanto, da «celebração continuada deste mesmo e único Mistério de Cristo, solenizado em cada Domingo»³²⁸. Temos, assim, no Domingo, o «fundamento e o centro de todo o ano litúrgico» (SC, 106).

O Domingo fica, deste modo, marcado pela celebração da Eucaristia, a sua celebração é, sobretudo, o que caracteriza este dia³²⁹, numa Igreja que «não vive a partir de si mesma, mas a partir da Eucaristia»³³⁰. No seu já referido «movimento ascendente», a Eucaristia é um «evento jubiloso, permeado de reconhecimento e de esperança», o que é «particularmente ressaltado na Missa dominical, pela sua especial ligação com a memória da ressurreição» (DD,

³²¹ Cordeiro, *Corações ao alto. Introdução à Liturgia da Igreja*, 110.

³²² Entre outras denominações possíveis. Cf. Cordeiro, 110.

³²³ Cordeiro, 109.

³²⁴ Cf. Cordeiro, 109.

³²⁵ Anúncio da Páscoa e das festas móveis. *Missal Romano*, 171.

³²⁶ Anúncio da Páscoa e das festas móveis. *Missal Romano*, 171.

³²⁷ Anúncio da Páscoa e das festas móveis. *Missal Romano*, 171.

³²⁸ Cordeiro, *Corações ao alto. Introdução à Liturgia da Igreja*, 110.

³²⁹ Cf. Cordeiro, 111.

³³⁰ Cordeiro, *A sacramentalidade da celebração eucarística*, 39.

43). Já no seu «movimento descendente», é Deus que vem até nós (cf. *DD*, 43), e tem como principal fruto a «alegria eucarística» (*DD*, 43).

Na Eucaristia dominical, assume, igualmente, especial relevo a sua dimensão sacrificial, pois, de facto, «a Missa é uma atualização viva do sacrifício do Gólgota» (*DD*, 43). Sacrifício a que Cristo une o sacrifício da Igreja, pois «o sacrifício de Cristo torna-se também o sacrifício dos membros do seu Corpo» (*DD*, 43). Só pode ser motivo de grande alegria para os cristãos o facto de a sua vida, o seu louvor, o seu sofrimento, a sua oração, o seu trabalho, enfim, as suas alegrias e tristezas, se poderem unir às de Cristo e à sua total oblação (cf. *DD*, 43). Tudo adquire, assim, um novo valor para o cristão (cf. *DD*, 43) que se une a Cristo. O Domingo acaba por ser o dia desta união, da renovação da mesma, pois «esta participação da comunidade inteira assume uma visibilidade particular na assembleia dominical, que permite trazer ao altar a semana que passou com todo o peso humano que a caracterizou» (*DD*, 43).

Este dia é uma «das mais antigas e mais importantes instituições cristãs»³³¹. Chega-nos da «tradição apostólica, que nasceu do próprio dia da Ressurreição de Cristo» (*SC*, 106), ou seja, é de origem apostólica³³². A «reunião dos fiéis para a celebração do Mistério Pascal era a nota dominante do Domingo cristão nos primórdios da Igreja»³³³, no sentido em que «a primeira celebração litúrgica cristã da Páscoa foi o Domingo, antes mesmo da Páscoa anual»³³⁴. No início do século II, na Carta de Plínio (c. 112), o Moço, a Trajano, já se afirmava que os cristãos «se reúnem num dia certo, antes do nascer do sol, para cantarem louvores a Cristo, como a um Deus»³³⁵. Também Justino de Roma, na sua *Apologia I*, faz idêntica referência, ao afirmar, sobre os cristãos, que «no chamado dia do Sol, todos os que habitam nas cidades ou nos campos se reúnem num mesmo lugar»³³⁶. No século III, Pedro de Alexandria afirmava: «Nós celebramos o domingo como um dia de alegria, por causa d'Aquele que ressuscitou nesse dia»³³⁷.

O dia do Senhor surge na Igreja nascente, como referido, vinculado à celebração da Ressurreição e, por isso mesmo, como fator de distinção, pois surge como que «ao arrepio das tradições religiosas dos dois mundos no seio dos quais nasceu o cristianismo, o mundo judaico e o mundo pagão»³³⁸. É um primeiro sinal vivível da Igreja nascente, uma comunidade que se reúne no «primeiro dia da semana», como é denominado nos quatro Evangelhos (cf. Mt 28, 1;

³³¹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Instrução Pastoral sobre o Domingo e sua celebração* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1978), 2.

³³² Cf. Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 91.

³³³ Conferência Episcopal Portuguesa, *Instrução Pastoral sobre o Domingo e sua celebração*, 3.

³³⁴ Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 89.

³³⁵ Citado por Conferência Episcopal Portuguesa, *Instrução Pastoral sobre o Domingo e sua celebração*, 6.

³³⁶ Justino de Roma, *Apologia I*, PG 6, 430.

³³⁷ Pedro de Alexandria, *Epístola Canónica*, PG 18, 507.

³³⁸ Conferência Episcopal Portuguesa, *Instrução Pastoral sobre o Domingo e sua celebração*, 6.

Mc 16, 1-2; Mc 16, 9; Lc 24, 1; Jo 20, 1; Jo 20, 19; Jo 20, 26), destacando-se, desde a Igreja primitiva a diferença que faziam «entre o Domingo e os outros dias de semana», o que levava a que o esperassem como «um dia de alegria e de festa»³³⁹, e é, neste sentido, um primeiro sinal visível de distinção em relação aos judeus. Antes de ser um preceito, o Domingo foi, deste sempre, uma questão de identidade cristã³⁴⁰.

Importa notar que, «após o pôr-do-sol de sábado, recomeça a vida no judaísmo»³⁴¹. O Domingo é, deste modo, como que a vida nova da ressurreição. É o início, o «início da Criação, é o início da recriação na Igreja, encontro com o Criador e com Cristo Ressuscitado»³⁴². É o «eco semanal da primeira experiência do Ressuscitado» (DD, 56). Nele, de forma especial, o cristão é «chamado a lembrar a salvação que lhe foi oferecida no Batismo e que o tornou homem novo em Cristo» (DD, 25). Aliás, importa notar que a «Liturgia põe em evidência esta dimensão batismal do Domingo», e fá-lo de duas formas, «exortando a celebrar os batismos, para além da Vigília Pascal, também neste dia da semana» e, também, «sugerindo, como oportuno rito penitencial no início da Missa, a aspensão com a água benta, que evoca precisamente o evento batismal em que nasce toda a existência cristã» (DD, 25). É o dia da «Vida Nova» em Cristo.

No Domingo, encontramos, por isso, um duplo conteúdo: é «o primeiro dia, isto é, a festa da criação, o nosso fundamento continua a ser a Criação, acreditamos em Deus Criador» e é o dia do «encontro com o Ressuscitado, que renova a Criação»³⁴³.

O «primeiro dia da semana» destaca-se, assim, nos quatro Evangelhos, como o dia da Ressurreição, sendo a primeira designação para o Domingo³⁴⁴. O Evangelho de São João é, contudo, o que mais destaca este dia. Além de referir, como os restantes Evangelhos, que encontraram o sepulcro vazio no «primeiro dia da semana» (Jo 20, 1), assinala, ainda, que o encontro com os discípulos foi «na tarde daquele dia, o primeiro da semana» (Jo 20, 19), o que se repetiu «oito dias depois» (Jo 20, 26), já com a presença de Tomé. Nas duas aparições do Ressuscitado aos discípulos, a comunidade que estes compunham estava reunida. É uma comunidade, desde o seu início, dominical³⁴⁵. E, por isso, não se pode «deixar de conservar o tom da alegria com que os discípulos acolheram o Mestre» (DD, 56), pois estes alegraram-se (cf. Jo 20,20).

³³⁹ João Cassiano, *Instituições Cenobitas*, PL 49, 150.

³⁴⁰ Cf. Julián López Martín, *El Domingo dia del Señor* (Madrid: Editorial Católica, 1985), 7.

³⁴¹ Nota de rodapé. *Bíblia. Os Quatro Evangelhos e os Salmos* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019), 111.

³⁴² Bento XVI, «Encontro do Papa Bento XVI com o Clero de Roma», site, *Vatican*, acedido 11 de junho de 2024, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130214_clero-roma.html.

³⁴³ Bento XVI.

³⁴⁴ Cf. Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 91.

³⁴⁵ Cf. *Bíblia. Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 330.

Este dado dos «oito dias depois», mencionado em João (cf. Jo 20, 26), constitui um elemento novo que é este ritmo semanal, o que, considerando a data posterior da redação do Evangelho de São João, acaba por ser reflexo da experiência de reuniões realizadas com este ritmo semanal, dominical, desde a Igreja primitiva³⁴⁶, que se reunia no «dia do Senhor» (Ap 1, 10), como também é referido o Domingo, numa expressão utilizada pelo Livro do Apocalipse.

Os relatos da Ressurreição e as aparições do Ressuscitado permitem retirar quatro elementos acerca da temática do Domingo³⁴⁷. Desde logo, que é o dia da Ressurreição; depois, que é o dia das aparições do Ressuscitado, ou seja, do encontro com Este. Um outro elemento é o ritmo semanal/dominical, inaugurado pelo próprio Cristo. Por fim, uma comunidade que se reúne à volta do Ressuscitado, reconhecendo-O, por exemplo, ao partir do pão (cf. Lc 24, 13-35), ou, reunindo-se à volta d'Aquele que se lhes dá a conhecer (cf. Lc 24, 35), como referem algumas das traduções mais recentes desta passagem³⁴⁸.

Também no Livro dos Atos dos Apóstolos se faz referência à reunião do «primeiro dia da semana», onde estavam «reunidos para partir o pão» (At 20, 7), referindo-se que Paulo «partiu o pão, comeu e falou» (At 20, 11). Aqui, destacam-se, além do dia, as referências à pregação de Paulo, à Eucaristia e à comunidade reunida.

Foi igualmente num Domingo que nos foi enviado o Espírito Santo, que, como se canta na Sequência de Pentecostes, se pede, venha «encher de gozo nossos corações»³⁴⁹. E aqui, novamente numa ligação profunda à Páscoa, pois o Pentecostes acontece num Domingo, cinquenta dias após a Páscoa, que é o «Domingo dos domingos»³⁵⁰; e, por isso, o VIII Domingo da Páscoa, ou seja, o próprio Tempo Pascal, consiste naquilo a que podemos denominar de «semana de domingos»³⁵¹ ou «grande Domingo, como se fosse um só dia com o de Páscoa»³⁵².

Importa referir alguns documentos da Igreja Primitiva nas suas referências ao Domingo. Um deles, o catecismo dos primeiros cristãos, a *Didaqué*, datada de finais do I século e que retrata a tradição viva dos primeiros cristãos e das primeiras comunidades, permitindo conhecer as práticas da Igreja nascente, faz já referência ao Domingo como algo instituído, dedicando-lhe um capítulo: «Reúne-te com os irmãos no dia do Senhor para partir o pão e agradecer»³⁵³.

Outro documento que faz referência ao Domingo é a *Didascalía*, do século III, que faz uma descrição ampla do Domingo, no seu capítulo II. Desta referência, importa destacar que a

³⁴⁶ Cf. Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 92.

³⁴⁷ Cf. Silva, 92.

³⁴⁸ Cf. *Bíblia. Os Quatro Evangelhos e os Salmos*.

³⁴⁹ Sequência da solenidade de Pentecostes. *Lecionário Dominical. Ano A* (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 1992), 238.

³⁵⁰ Martín, *El Domingo dia del Señor*, 14.

³⁵¹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Instrução Pastoral sobre o Domingo e sua celebração*, 7.

³⁵² Martín, *El Domingo dia del Señor*, 16.

³⁵³ *Didaqué. O catecismo dos primeiros cristãos* (Lisboa: Paulus, 2014), 41.

«celebração do Domingo como Memorial do Senhor Ressuscitado produz inevitavelmente a alegria cristã»³⁵⁴, no sentido em que, diz-nos o documento, «o primeiro dia da semana deveis passá-lo todo na alegria»³⁵⁵.

Deste modo, o Domingo, «pelo que nele celebramos e como celebramos, é um dia de alegria»³⁵⁶ que celebra a alegria pascal, pois tem na Páscoa o seu centro e a sua fonte. É o dia da alegria para os cristãos. É o «seu dia de alegria e do repouso»³⁵⁷. E, se o é, é porque isso resulta precisamente do facto de ser o «dia do Senhor», o dia do Senhor ressuscitado (cf. *DD*, 82). É o «dia principal da celebração da Eucaristia, porque é o dia da ressurreição», o «dia por excelência da assembleia litúrgica, o dia da família cristã» (*CCE*, 1193). À alegria e ao repouso, acrescenta-se ainda um outro, a caridade fraterna (cf. *SCAR*, 73), que mais não é do que viver segundo o que se celebra (cf. *SCAR*, 73).

O Domingo é, como dia sacramental, aquele que «transforma em tempo novo cada instante da nossa vida»³⁵⁸, é «instituído para amparo da vida cristã» (*DD*, 84). Dia «de oração, de comunhão, de alegria, ele repercute-se sobre a sociedade, irradiando sobre ela energias de vida e motivos de esperança» (*DD*, 84). É «jorro de vida, alegria, festa, Liturgia criadora»³⁵⁹.

É, assim, o «anúncio de que o tempo, habitado por Aquele que é o Ressuscitado e o Senhor da história, não é o túmulo das nossas ilusões, mas o berço dum futuro sempre novo» (*DD*, 84). Este «convite a olhar para diante» (*DD*, 84), com esperança e expectativa, torna a Igreja «companheira e sustentáculo da esperança dos homens», Igreja que, «Domingo a Domingo, iluminada por Cristo, caminha para o Domingo sem fim da Jerusalém celeste» (*DD*, 84). É o «Domingo sem ocaso», ou seja, aquele tempo que não conhece fim, que «será tempo de alegria, de alegria puríssima, nunca mais sujeita a ser tocada por uma qualquer sombra de tristeza»³⁶⁰. Assim, a «alegria cristã nunca será plena aqui nesta terra»³⁶¹, mas, antes, a Igreja, reunida na assembleia eucarística e especialmente ao Domingo, que «saboreia antecipadamente a alegria dos novos céus e da nova terra» (*DD*, 37), pois é a «plenitude da participação com Cristo antes da glória»³⁶².

Sublinhámos já, da Igreja peregrina, que a «referência à ressurreição de Cristo e o ritmo semanal desta memória solene ajudam a lembrar o carácter de peregrino e a dimensão

³⁵⁴ Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 96.

³⁵⁵ *Didascalia et constitutiones apostolorum*, ed. Franz Xaver Funk (Paderborn: In libreria Ferdinandi Schoeningh, 1905), 170.

³⁵⁶ Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 100.

³⁵⁷ Cordeiro, *Corações ao alto. Introdução à Liturgia da Igreja*, 109.

³⁵⁸ Corbon, *A Fonte da Liturgia*, 139.

³⁵⁹ Corbon, 139.

³⁶⁰ Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 84.

³⁶¹ Cencini, 84.

³⁶² Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 330.

escatológica do Povo de Deus», sendo que, «domingo a domingo, a Igreja vai avançando para o último “dia do Senhor”, o domingo sem fim» (DD, 37). Andamos «de Eucaristia em Eucaristia, para podermos participar da plenitude daquilo que a Eucaristia celebra, que é a redenção de Cristo»³⁶³, daí uma das denominações da Eucaristia ser pão dos peregrinos³⁶⁴. A expectativa da vinda de Cristo faz-se especialmente «visível em cada celebração eucarística», e o Domingo «antecipa de algum modo a realidade escatológica da Jerusalém celeste» (DD, 37), projeta-nos para a vida em Deus³⁶⁵. Com a antecipação dessa realidade, é antecipada também a sua alegria, pois o Reino de Deus é um reino de alegria (cf. Rm 14, 17). A Liturgia, e em especial a Eucaristia, na sua celebração dominical, antecipa a alegria futura do reino: «no Céu alegria»³⁶⁶.

Pela sua ligação ao Sacramento da Eucaristia e à celebração da Ressurreição, o Domingo reveste-se de toda a alegria que encontra nestes a sua fonte. É o dia da alegria por excelência, da alegria cristã, da alegria pascal. E assim, os cristãos só podem viver este dia semanal do Senhor ressuscitado sobretudo como dia de alegria (cf. DD, 55), a ponto de poderem afirmar, como afirmaram os cerca de cinquenta cristãos que celebravam a Eucaristia aquando da perseguição do imperador Diocleciano, no século IV: «não podemos viver sem o Domingo»³⁶⁷.

Ora, esta alegria foi-nos prometida por Cristo: «Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há de converter-se em alegria» (Jo 16, 20). Ele mesmo que havia rezado ao Pai para que os discípulos tivessem «a plenitude da sua alegria» (cf. Jo 17,13). Neste sentido, o «carácter festivo da Eucaristia dominical exprime a alegria que Cristo transmite à sua Igreja através do dom do Espírito» (DD, 56). Espírito Santo que «está presente ininterruptamente em cada dia da Igreja, irrompendo, imprevisível e generoso, com a riqueza dos seus dons; mas, na assembleia dominical congregada para a celebração semanal da Páscoa, a Igreja coloca-se especialmente à escuta d'Ele e com Ele tende para Cristo, no desejo ardente do seu regresso glorioso» (DD, 85).

Toda esta alegria manifesta-se e é visível na Liturgia celebrada e, de forma especial, no Domingo, Páscoa semanal. Os cristãos são os «iniciados e incessantemente adentrados numa existência pascal»³⁶⁸, Páscoa a Páscoa, Domingo a Domingo, nos Sacramentos celebrados, e até mesmo, «ao começar a jornada, ao meio-dia e ao entardecer»³⁶⁹, com a Liturgia das Horas. É a Alegria celebrada.

³⁶³ Silva, 330–31.

³⁶⁴ Cf. Silva, 338.

³⁶⁵ Cf. Silva, 338.

³⁶⁶ Sequência da solenidade de Pentecostes. *Lecionário Dominical. Ano A*, 238.

³⁶⁷ Eusébio de Cesareia, *Atas dos Mártires da Abitínia*, PG 20, XI, 1448.

³⁶⁸ Blázquez, *La Iglesia. Misterio, Comuni3n, Misión*, 131.

³⁶⁹ Oraç3o conclusiva das Laudes de Quinta-feira da semana I do saltério. *Liturgia das Horas*, 2000, III:764.

3. A ALEGRIA CELEBRADA E VIVIDA

Vimos a presença do tema da alegria na Sagrada Escritura, bem como a fonte inesgotável dessa mesma alegria, que é o Mistério Pascal de Cristo. Se o cristianismo é a religião da alegria, como vimos até aqui, esta mesma alegria tem, evidentemente, que ser celebrada. *Lex credendi*, *Lex orandi* ou *celebrandi*³⁷⁰: o cristão crê no que celebra e celebra o que crê. Ora, uma alegria acreditada tem de ser celebrada e, neste sentido, vivida: *Lex vivendi*³⁷¹.

Da relação entre Páscoa, com a sua alegria pascal, Liturgia, como jorro desta mesma alegria, e Domingo, como dia da Alegria, temos a alegria celebrada, que nos impele à alegria vivida. E, neste vínculo e nesta coerência e correspondência, sobressai, como pudemos perceber até aqui, a Eucaristia, e, de forma muito especial, a dominical, Páscoa semanal.

3.1. Uma Alegria que se desdobra pelo Ano Litúrgico

Referimos atrás que o ano litúrgico, com o seu respetivo calendário litúrgico, surge como que sendo um desdobrar da comemoração da Páscoa, da única Páscoa de Cristo, na contemplação e celebração do Seu Mistério Pascal. O ano litúrgico, como unidade celebrativa, tem precisamente o seu centro na solenidade da Páscoa³⁷². A alegria pascal desdobra-se, por isso, e em consequência disso, pelo ano litúrgico.

O ano ou tempo litúrgico caracteriza-se pela «circularidade» própria do tempo, permitindo à Igreja visitar, a cada ano, de forma especial na Eucaristia e, concretamente, na dominical, «todo o mistério de Cristo, desde a encarnação até ao seu retorno»³⁷³, faz como que a «síntese da história da salvação»³⁷⁴. Assim, este tempo, ou ciclo, consiste num «ano no qual se celebra e se faz presente o mistério de Cristo»³⁷⁵, é «realidade simbólica e salvífica»³⁷⁶.

A componente temporal é intrínseca à Liturgia, pois esta deve ser considerada «como um momento da história salvífica»³⁷⁷. Na Liturgia, na sua celebração, «o nosso tempo assume o valor de *kairos* ou momento salvífico»³⁷⁸. A Liturgia enche «todo o tempo do mistério de Cristo»³⁷⁹.

³⁷⁰ Cf. Ratzinger, «Introdução», 10.

³⁷¹ Cf. Ratzinger, 10.

³⁷² Cf. Julián López Martín, «Tiempo Sagrado, Tiempo Liturgico y Misterio de Cristo», em *La Celebración en la Iglesia. Ritmos y Tiempos de la Celebración*, vol. III (Salamanca: Sígueme, 2014), 43.

³⁷³ Anscar J. Chupungco, «Apresentação», em *O Ano Litúrgico* (São Paulo: Paulinas, 1991), 5.

³⁷⁴ Matias Augé, «Teologia do Ano Litúrgico», em *O Ano Litúrgico* (São Paulo: Paulinas, 1991), 28.

³⁷⁵ Chupungco, «Apresentação», 5.

³⁷⁶ Martín, «Tiempo Sagrado, Tiempo Liturgico y Misterio de Cristo», 60.

³⁷⁷ Augé, «Teologia do Ano Litúrgico», 11.

³⁷⁸ Augé, 28.

³⁷⁹ Augé, 29.

Assim, o ano litúrgico, o tempo litúrgico, é «continuação do tempo bíblico ou histórico-salvífico no qual sucederam os eventos da salvação: as celebrações do ano litúrgico tornam eficaz no presente a realidade salvífica de tais eventos»³⁸⁰. E se, tal como vimos, no tempo bíblico, a ação salvífica, ou seja, a certeza de que somos salvos, andava de braço dado com a alegria, ou seja, era motivo de alegria³⁸¹, este tempo, o da Igreja e da Liturgia, em continuidade, só pode ser de alegria, sempre em crescendo porque é uma Igreja que, como vimos, caminha, Domingo a Domingo, até ao Domingo sem ocaso, na alegria plena do Céu. O ano litúrgico é, assim, «um tempo que se repete, como uma espiral progressiva, e vai em direção à parusia»³⁸². E, ainda que pareçam todos iguais, é na medida em que nos abrimos à ação progressiva da graça que neles opera que deixamos que atuem em nós «como uma broca» que, «além de girar, vai penetrando em profundidade»³⁸³.

Embora saibamos que, em Cristo, tudo se cumpriu, sabemos também que, por outro lado, tudo se deve cumprir ainda, ou seja, a «ação salvífica de Deus em Cristo deve cumprir-se, de modo histórico-sacramental, em nós, no tempo da Igreja»³⁸⁴, com a Liturgia. Ao longo do ano litúrgico, «a configuração com Cristo realiza-se por meio dos sacramentos» e, por isso, a Igreja «nunca separou a vida sacramental da celebração do ano litúrgico, antes situou aquela em estreita relação e dependência com este»³⁸⁵. A ação salvífica estende-se, assim, a todos os tempos e a toda a humanidade por meio da memória-anamnese litúrgica³⁸⁶, tornando o tempo presente parte da história da salvação, evento salvífico.

Cristo inaugurou o «ano da graça do Senhor» (Is 61, 1-2; Lc 4, 21) e, neste sentido, para o cristão, «é festa não um dia em particular da semana, mas toda a sua vida inaugurada pelo evento pascal»³⁸⁷. Todos são dias de alegria, porque todos são evento salvífico de Deus. E o centro do dia ocupa-o a celebração eucarística³⁸⁸. Embora a Liturgia tenha em conta o ritmo semanal, com o Domingo como «festa primordial dos cristãos»³⁸⁹, os restantes dias são designados como feriais; ora, «*feriae* quer dizer dias de festa», isto para nos dizer que, para a Liturgia, «todo o dia é festivo, do ponto de vista da santificação do tempo pela presença permanente de Cristo ressuscitado na sua Igreja (cf. Mt 28, 20)»³⁹⁰. O «mistério de Cristo torna-

³⁸⁰ Augé, 11.

³⁸¹ Cf. Calduch-Benages, *Nacidos para la alegría*, 27.

³⁸² Augé, «Teologia do Ano Litúrgico», 29.

³⁸³ François Cassingena-Trévedy, *La Belleza de la Liturgia* (Salamanca: Sígueme, 2008), 63.

³⁸⁴ Augé, «Teologia do Ano Litúrgico», 24.

³⁸⁵ Martín, «Tiempo Sagrado, Tiempo Liturgico y Misterio de Cristo», 63.

³⁸⁶ Cf. Augé, «Teologia do Ano Litúrgico», 25.

³⁸⁷ Augé, 25–26.

³⁸⁸ Cf. Martín, «Tiempo Sagrado, Tiempo Liturgico y Misterio de Cristo», 41.

³⁸⁹ Julián López Martín, *El Domingo, Fiesta de los Cristianos* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1992), 149.

³⁹⁰ Martín, «Tiempo Sagrado, Tiempo Liturgico y Misterio de Cristo», 42.

se assim a vida da Igreja, e a Igreja, por sua vez, prolonga e completa o mistério de Cristo»³⁹¹. Poderíamos dizer que prolonga e completa a Sua alegria, dia após dia. É uma presença festiva. É «Cristo, festa da Igreja»³⁹².

A Liturgia requer o nosso tempo³⁹³. E podemos ir mais longe, como considera François Cassingena-Trévedy, que afirma que «toma todo o nosso tempo; a Liturgia restitui o tempo Àquele que é o seu único Senhor», no sentido em que nos ocupa «com Cristo», sendo um tempo a Ele «totalmente dedicado»³⁹⁴. Um tempo que, como vimos, e pelo que já vimos, só pode ser de alegria, de festa.

A salvação realizada por Cristo é celebrada, assim, pela Liturgia «dentro do tempo», e, sem «esta concretização no aqui e agora» das nossas vidas, a «obra salvífica de Cristo seria uma abstração ou uma ideia»³⁹⁵. E é neste sentido que esta faz a diferença na vida do crente, entra no tempo, no concreto da vida de cada um. Como vimos a reforçar ao longo dos capítulos, traz alegria aos que a celebram.

Ao longo de cada ciclo de um ano, a alegria e o caráter festivo da Liturgia vai sendo mais ou menos acentuado. As próprias comemorações assumem diferentes intensidades: solenidades; festas; memórias; tempos fortes, etc. (cf. *NGAL*, 8-15). É comum, contudo, que todas estas dimensões do calendário sejam marcadas pela alegria, pelo júbilo, pela exaltação, às quais também o Tempo Comum não é estranho. Assim, a «Liturgia cristã organizou o seu próprio ciclo festivo», onde se vai «destacando agora um aspeto e depois outro, mas colocando em relevo todos os mistérios da vida de Jesus Cristo»³⁹⁶. O ano litúrgico é, assim, «ano de Cristo, ano cristão que vive de Cristo»³⁹⁷, nossa alegria.

O caráter festivo da Liturgia corresponde àquilo que, segundo Julián López Martín, é reconhecido à humanidade: «fazer festa é uma necessidade irrenunciável»³⁹⁸. E vemos a festa precisamente «como experiência de alegria», no sentido em que «a dimensão da alegria é uma das componentes constantes da festa»³⁹⁹. Este caráter festivo, esta alegria prometida por Cristo, revela-se, depois da Ressurreição, como «um dos distintivos da comunidade pascal e de cada um dos cristãos»⁴⁰⁰. Alegria que, sabemos, se manifesta, desde logo e antes de tudo, na fração do pão (cf. At 2, 46).

³⁹¹ Augé, «Teologia do Ano Litúrgico», 34.

³⁹² Martín, *El Domingo, Fiesta de los Cristianos*, 153.

³⁹³ Cf. Cassingena-Trévedy, *La Belleza de la Liturgia*, 61.

³⁹⁴ Cassingena-Trévedy, 61.

³⁹⁵ Martín, «Tiempo Sagrado, Tiempo Liturgico y Misterio de Cristo», 29.

³⁹⁶ Martín, 61.

³⁹⁷ Martín, 61.

³⁹⁸ Martín, *El Domingo, Fiesta de los Cristianos*, 153.

³⁹⁹ Augé, «Teologia do Ano Litúrgico», 27.

⁴⁰⁰ Martín, *El Domingo, Fiesta de los Cristianos*, 150.

Celebrar a Eucaristia, diariamente e de forma especial aos domingos, festas e solenidades, não deixa de ser celebrar uma festa, sem banalizar o conceito, é celebrar a festa da Ressurreição. É característico da «festa cristã o ter o seu centro na ação eucarística»⁴⁰¹. E celebrar «uma festa é uma forma de glorificar ao Senhor e de lhe dar graças»⁴⁰². A festa, neste sentido, «converte-se assim num encontro entre o “tempo” divino e o tempo dos homens em benefício deste»⁴⁰³. Festa que «não suprime a tragédia da vida, mas antes a assume e a recompõe»⁴⁰⁴. Fazer festa é «imitar o descanso divino do sétimo dia, quando Deus viu que tudo era muito bom»⁴⁰⁵. Tudo isto tomando consciência e não esquecendo que a fonte e cume de toda a celebração festiva e o verdadeiro centro da festa é a Eucaristia⁴⁰⁶.

Além da Eucaristia no seu centro, a festa cristã, ou o caráter festivo da sua celebração, tem consigo outras características, enumeradas por Julián López Martín, e que importa ter em conta. Desde logo, a festa cristã é «sinal da presença do Senhor no meio dos seus», realçando-se o seu «caráter lúdico, festivo e libertador (...) como epifania do poder divino e do tempo que não tem fim» e que «alcança o seu cume nesta presença pessoal de Cristo entre os seus, e destes n’Ele»⁴⁰⁷. Outro aspeto que evidencia na festa cristã é «o valor prefigurativo e escatológico da festa eterna do céu», na medida em que as «festas cristãs não são meras figuras imitativas e anunciadoras da festa que não tem fim, antes são já uma prenda e uma participação, não total e ainda imperfeita, da alegria celeste»⁴⁰⁸. Uma outra nota acerca da mesma é «a primícia da palavra de Deus proclamada, narrada, explicada, celebrada e atualizada na ação ritual (...) a presença da Palavra na festa consiste na referência a Cristo e ao seu Mistério Pascal de todas as Sagradas Escrituras»⁴⁰⁹.

O ano litúrgico traz consigo, na sua circularidade e aparente repetição, a marca da alegria. É interessante notar que, no seu ciclo de três anos (A, B e C), a Liturgia da Palavra dominical coloca no I Domingo do ano A⁴¹⁰ e no último Domingo do ano C⁴¹¹ a temática da alegria, concretamente no respetivo salmo. Assim, a ligação entre os ciclos propostos faz-se pela alegria: é a alegria que os une, é o seu elo. E, porque não, que nos une também. Alegria que é o próprio Cristo.

⁴⁰¹ Martín, «Tiempo Sagrado, Tiempo Liturgico y Misterio de Cristo», 52.

⁴⁰² Martín, 48.

⁴⁰³ Martín, 48.

⁴⁰⁴ Martín, 48.

⁴⁰⁵ Martín, 48.

⁴⁰⁶ Cf. Martín, 52.

⁴⁰⁷ Martín, 51.

⁴⁰⁸ Martín, 51.

⁴⁰⁹ Martín, 52.

⁴¹⁰ Cf. *Lecionário Dominical. Ano A*, 54.

⁴¹¹ Cf. *Lecionário Dominical. Ano C* (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 1994), 406.

Mais interessante é ainda notar a escolha feita pelo Pe. Manuel Luís, no seu Livro dos Salmos musicados. No primeiro Domingo do ano A (I Domingo do Advento) o refrão é «Que alegria quando me disseram: “Vamos para a casa do Senhor!”»⁴¹². Já no último Domingo do Ano C (solenidade de Cristo Rei) o refrão do salmo é «Iremos com alegria para a casa do Senhor». O que no início do ciclo é uma alegria transmitida, no final é uma convicção. A alegria transmitida torna-se convicção.

3.2. Uma Alegria que toca todos os Sacramentos

A alegria celebrada de que vimos falando, tal como a Liturgia da Igreja, não se limita ao sacramento da Eucaristia, embora não o deixemos de ter como centro do nosso estudo, concretamente naquela que é a nossa Páscoa semanal, ou seja, a Eucaristia dominical. Contudo, um rápido olhar pelos rituais dos sacramentos, bem como pelas Missas Rituais, no que respeita aos Sacramentos e preparação destes, permite-nos confirmar a presença transversal da temática da alegria cristã por todos eles, salientando-se, entre os diferentes sacramentos, ora uma, ora outra perspectiva dessa mesma alegria.

O Batismo, como a Eucaristia, são, essencialmente, «sacramento da morte e da ressurreição de Cristo, o sinal eficaz do Mistério Pascal»⁴¹³. Neste sentido, a celebração do Batismo não pode ficar indiferente à alegria pascal. É, por isso, como se afirma nos seus preliminares, «necessário que se torne manifesta a alegria da ressurreição»⁴¹⁴ na sua celebração. Alegria que não se deve limitar somente a pais e padrinhos, indicando o ritual ser conveniente que a assembleia celebrante seja alargada a familiares, amigos e membros da comunidade em questão, para que tomem «parte ativa na celebração do Batismo», a fim de se manifestar a «fé comum e se exprima comunitariamente a alegria com que os neobatizados são recebidos na Igreja»⁴¹⁵. Comunidade cristã que, assim, os recebe «com muita alegria»⁴¹⁶.

O renascimento cristão, que o Batismo significa⁴¹⁷, implica que se fale de vida, da vida nova do neobatizado. Algumas das Orações apontam para a alegria na vida de um cristão. E, muitas vezes, não só do Batizado mas também dos seus pais e padrinhos, bem como das famílias cristãs, e, ainda, da comunidade que celebra e, em última instância, também da própria Igreja e, facto que se evidencia pela introdução no ritual da Ladainha dos Santos, onde se unem a Igreja peregrina a celeste.

⁴¹² Manuel Luís, *Salmos Responsoriais* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019), 16.

⁴¹³ François Varillon, *Síntese da Fé Católica* (Braga: Apostolado da Oração, 1997), 68.

⁴¹⁴ *Celebração do Baptismo* (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 2017), 15.

⁴¹⁵ *Celebração do Baptismo*, 15.

⁴¹⁶ Ritual do Batismo. *Celebração do Baptismo*, 42.

⁴¹⁷ Cf. Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 319.

Sabemos que é Cristo quem «encheu o mundo de alegria»⁴¹⁸. A vida como membro da Igreja que com o Batismo se inicia só pode ser causa de alegria para os neobatizados⁴¹⁹. Estes são chamados, por isso, a «anunciarem com alegria a todos os povos o Evangelho»⁴²⁰. Inicia-se, portanto, uma vida que deve ser marcada pela alegria.

Com o sacramento da Confirmação «é Deus que nos confirma com o seu Espírito»⁴²¹, Deus «que é paz e alegria no Espírito Santo»⁴²². A alegria de que aqui se fala é, por isso, a alegria que vem e é fruto do Espírito Santo, que nos conduz «às alegrias do reino de Deus»⁴²³. Há um convite à alegria no Senhor, com a receção deste sacramento: «Alegrai-vos no Senhor, vós que fostes iluminados, saboreastes o dom celeste e recebestes o Espírito Santo»⁴²⁴. Tudo isto «reunidos em assembleia festiva para celebrar os prodígios dum novo Pentecostes»⁴²⁵.

Com este sacramento espera-se, ainda, que os confirmados, como se reza na Oração depois da comunhão da sua Missal ritual, alegrem a Igreja, «com a sua santidade, e, por sua caridade e boas obras, a façam crescer no mundo»⁴²⁶. Presença da alegria que a Bênção solene proposta reforça: «Espírito Santo, que acendeu no coração dos discípulos o fogo da caridade, e vos conduza, unidos e sem pecado, às alegrias do reino de Deus»⁴²⁷.

Através do «sacramento da Penitência podemos sempre recomeçar de novo a vida: Ele acolhe-nos, restitui-nos a dignidade de seus filhos»⁴²⁸. Com a absolvição há, assim, alegria do pai⁴²⁹, como, aliás, vimos no anterior capítulo. Há alegria do Pai e há alegria do penitente, como se evidencia numa das despedidas propostas: «Feliz daquele que foi perdoado da sua culpa, e absolvido dos seus pecados. Alegra-te, irmão, e exulta no Senhor. Vai em paz»⁴³⁰. É uma alegria que se evidencia desde o início da sua celebração, onde nos reunimos para «sentirmos a alegria do perdão de Deus»⁴³¹.

O dom do perdão traz consigo, assim, alegria e paz, na certeza de que o próprio Deus se alegra. Neste sacramento, na sua celebração, evidencia-se, por isso, a alegria como dom para o penitente e a alegria do próprio Deus, é a alegria cristã nestas duas dimensões, numa alegria

⁴¹⁸ Ritual do Batismo. *Celebração do Baptismo*, 219.

⁴¹⁹ Cf. *Celebração do Baptismo*, 151.

⁴²⁰ Ritual do Batismo. *Celebração do Baptismo*, 214.

⁴²¹ Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 329.

⁴²² Ritual da Confirmação. *Celebração da Confirmação* (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 2018), 31.

⁴²³ Ritual da Confirmação. *Celebração da Confirmação*, 33.

⁴²⁴ Antífona da Comunhão. *Celebração da Confirmação*, 55.

⁴²⁵ Prefácio. Missa Ritual para a Confirmação. *Missal Romano*, 1154.

⁴²⁶ Oração depois da comunhão. *Celebração da Confirmação*, 409.

⁴²⁷ Bênção solene. Missa Ritual para a Confirmação. *Missal Romano*, 1157.

⁴²⁸ Bento XVI, *Os Sacramentos. Sinais de Deus no Mundo* (Cascais: Lucerna, 2020), 56.

⁴²⁹ Cf. *Celebração da Penitência* (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 1997), 17.

⁴³⁰ Ritual da Reconciliação. *Celebração da Penitência*, 48.

⁴³¹ *Celebração da Penitência*, 370.

que nunca é, por isso, solitária. Assim, em ação de graças, podemos rezar deste modo: «Vós enviastes o vosso Filho ao mundo para destruir o pecado e a morte pela sua paixão e nos restituir a vida e a alegria pela ressurreição»⁴³², não esquecendo que é «Jesus Cristo, o Bom Pastor, que vai à procura da ovelha perdida, e que, depois de a encontrar, a recebe com alegria»⁴³³.

Justificados, pedimos que n'Ele «encontremos a nossa alegria, e ponhamos a nossa glória na retidão de coração»⁴³⁴, neste sacramento que devemos «receber com alegria»⁴³⁵, apontando desde já à «alegria da salvação», a «alegria sem fim»⁴³⁶.

A Eucaristia, «o Sacramento dos sacramentos»⁴³⁷, merecerá, como até aqui, especial atenção, a que corresponderemos adiante. Por enquanto, olhámos a celebração do sacramento da Santa Unção ou Unção dos Enfermos ou, ainda, como é denominado o seu ritual, Unção e Pastoral dos Doentes⁴³⁸.

Como na celebração dos restantes sacramentos, também aqui a alegria pascal «deve transparecer em todo o rito»⁴³⁹. Quando o sacramento é administrado a uma pessoa de idade avançada com a oração de unção é pedido que o recetor do sacramento manifeste na alegria o amor de Cristo⁴⁴⁰, que é, assim, sentida mesmo na debilidade, na dificuldade. Quando o sacramento é administrado em situação de perigo de vida, então a alegria aqui presente aponta já às «alegrias eternas»⁴⁴¹, certos de que Jesus Cristo «nos remiu com a sua paixão e ressurreição»⁴⁴².

Por tudo isto, como nos recorda o Prefácio Comum VIII, «é verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação louvar-Vos e dar-Vos graças, em todos os momentos da nossa vida, na saúde e na doença, no sofrimento e na alegria, por Cristo, vosso servo e nosso Redentor»⁴⁴³. Pedimos, ainda, que «nos alegremos de os ver sãos e salvos»⁴⁴⁴.

Com o sacramento da Ordem, pelo qual «alguns fiéis são instituídos em nome de Cristo e recebem o dom do Espírito Santo para apascentarem a Igreja pela palavra e pela graça de Deus»⁴⁴⁵, destacam-se duas perspetivas da alegria que este sacramento traz consigo, ambas

⁴³² Ritual da Reconciliação. *Celebração da Penitência*, 68.

⁴³³ Ritual da Reconciliação. *Celebração da Penitência*, 81.

⁴³⁴ Ritual da Reconciliação. *Celebração da Penitência*, 82.

⁴³⁵ Ritual da Reconciliação. *Celebração da Penitência*, 83.

⁴³⁶ Ritual da Reconciliação. *Celebração da Penitência*, 351.

⁴³⁷ Corbon, *A Fonte da Liturgia*, 111.

⁴³⁸ Cf. *Unção e Pastoral dos Doentes* (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 1994).

⁴³⁹ *Unção e Pastoral dos Doentes*, 66.

⁴⁴⁰ Cf. Ritual da Unção do Doente. *Unção e Pastoral dos Doentes* (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, sem data), 60.

⁴⁴¹ Ritual da Unção e Viático. *Unção e Pastoral dos Doentes*, 91.

⁴⁴² Ritual da Unção e Viático. *Unção e Pastoral dos Doentes*, 87.

⁴⁴³ Prefácio Comum VIII. *Missal Romano*, 624.

⁴⁴⁴ Oração sobre as oblatas. Missal Ritual para a Unção dos Enfermos. *Missal Romano*, 1161.

⁴⁴⁵ *Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos* (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 1992),

demonstradas, sobretudo, pelas diferentes propostas de homilias que o ritual oferece para cada um dos três graus do sacramento da Ordem.

Uma primeira perspectiva é a alegria da Igreja pelo sacramento que se administra e pelo motivo de alegria que se espera que estes ordenados sejam para todos, em todos os três graus deste sacramento. Com o terceiro grau, com a ordenação episcopal, é lançado ao Povo de Deus, à Igreja, o seguinte repto: «Recebei, pois, com santa alegria, este nosso irmão, que nós, os Bispos aqui presentes, mediante a imposição das mãos agregamos ao nosso colégio episcopal»⁴⁴⁶. Bispo que, se espera, encontre no progresso dos fiéis na santidade a sua alegria⁴⁴⁷ e para quem, se pede, o Senhor «dê a felicidade na vida presente»⁴⁴⁸. Já na ordenação presbiteral espera-se que o viver dos presbíteros seja «motivo de alegria para os fiéis de Cristo»⁴⁴⁹. Uma alegria que é, aliás, manifestada ainda antes da receção do sacramento, com o rito de admissão às ordens sacras, onde se manifesta, aquando das questões feitas aos candidatos, que «é com alegria que a Igreja recebe o vosso propósito. Queira Deus consumir o bem que em vós começou»⁴⁵⁰.

Uma outra perspectiva é a alegria com que se concretiza o exercício do ministério recebido com o sacramento da Ordem. Aqui, os diáconos são desafiados, na proposta de homilia para esta celebração, a servir ao Senhor e, servindo ao Senhor, servir também os humanos com alegria⁴⁵¹, imprimindo uma marca de alegria em todo o seu ministério. Aspeto que é reforçado no segundo grau do sacramento, com a ordenação dos presbíteros: «realizai, pois, com verdadeira caridade e alegria constante, o ministério de Cristo Sacerdote, não procurando os vossos interesses, mas sim os de Jesus Cristo»⁴⁵².

Por fim, o Matrimónio, o mais antigo, o primeiro dos sacramentos, como era reconhecido pelos teólogos da Idade Média⁴⁵³ pela sua vinculação com o relato da Criação (cf. Gen 2, 18-24) e que se evidencia pelas leituras do Livro do Génesis propostas pelo ritual, não pode deixar de estar, também, vinculado à alegria de que vimos falando.

Falámos de uma alegria que fica patente logo desde o início da celebração, onde se deve manifestar «que a Igreja toma parte na sua alegria»⁴⁵⁴, na alegria do casal. É, deste modo, uma alegria que não se restringe apenas ao casal mas que se alarga a toda a Igreja, que naquele

⁴⁴⁶ Ordenação do Bispo. *Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos*, 27.

⁴⁴⁷ Cf. Bênção solene. Missa Ritual para as Ordens Sacras - um Bispo. *Missal Romano* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022), 1177.

⁴⁴⁸ Bênção solene. Missa Ritual para as Ordens Sacras - um Bispo. *Missal Romano*, 1178.

⁴⁴⁹ Ordenação dos Presbíteros. *Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos*, 75.

⁴⁵⁰ Rito de Admissão às Sagradas Ordens. *Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos*, 244.

⁴⁵¹ Cf. Ordenação dos Diáconos. *Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos* (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 1992), 119.

⁴⁵² Ordenação dos Presbíteros. *Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos*, 75.

⁴⁵³ Cf. Bento XVI, *Os Sacramentos. Sinais de Deus no Mundo*, 89.

⁴⁵⁴ *Celebração do Matrimónio* (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 2008), 23.

momento se manifesta em todos quantos participam na celebração do sacramento: «reunimo-nos com alegria na casa do Senhor para participarmos nesta celebração acompanhando *N.* e *N.* no dia em que se propõem constituir o seu lar»⁴⁵⁵. Acompanhamos os noivos na sua alegria que se torna, com este sacramento, alegria de toda a Igreja.

Alegria do casal que, se espera, continue por toda a sua vida. No caso do Matrimónio se realizar com Eucaristia, indica-se que se acrescente, na Oração Eucarística, a interceção de que o casal tenha a alegria de uma vida longa e feliz⁴⁵⁶. Aspeto que se reforça numa das Bênçãos nupciais: «eles Vos louvem, Senhor, na alegria e Vos procurem na tristeza; no trabalho sintam a vossa ajuda e nas dificuldades a vossa consolação; e, depois de uma vida longa e feliz, venham a alcançar, com todos estes seus amigos, a felicidade do reino dos Céus»⁴⁵⁷. Fala-se, portanto, de uma alegria prometida, no reino dos Céus, mas que se vive desde já, aqui na Terra.

É uma vida plena de alegria, da Terra ao Céu. Uma alegria que tem a sua fonte em Deus Pai: «Deus Pai todo-poderoso vos conceda a sua alegria»⁴⁵⁸. Esposos que, se pede, testemunhem «a fé na sua ressurreição, esperando com alegria a sua vinda gloriosa»⁴⁵⁹.

Não podemos, ainda, esquecer que todos os sacramentos, conforme os diferentes rituais, sejam ou não administrados dentro da Missa, têm prevista uma prévia Liturgia da Palavra. Também esta, como é natural, marca as celebrações dos sacramentos pelo tom da alegria que, um pouco por todos os sacramentos, a Sagrada Escritura contém.

Com os sacramentos, que são a especial fonte que pode alimentar e tornar fecunda a vida de fé dos crentes⁴⁶⁰ e que tocam as várias dimensões da vida humana e acompanham os cristãos nas várias etapas das suas vidas, Deus dá-nos, como vimos até aqui, a Sua alegria. A vida do cristão só pode ser, como se evidencia pela celebração dos sacramentos, de alegria. A vida do cristão que se deixe alimentar e fecundar pelos sacramentos fica marcada e cheia dessa alegria que tem em Deus a sua fonte.

3.3. A Alegria celebrada. O Missal como compêndio da Alegria

Depois de termos desenvolvido toda a dimensão da alegria subjacente ao Mistério Pascal, à Liturgia e, concretamente, à Eucaristia, como sacramento da alegria⁴⁶¹, sobretudo ao

⁴⁵⁵ Ritual do Matrimónio. *Celebração do Matrimónio*, 24.

⁴⁵⁶ Cf. Ritual do Matrimónio. *Celebração do Matrimónio* (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 2008), 41–42.

⁴⁵⁷ Ritual do Matrimónio. *Celebração do Matrimónio*, 97.

⁴⁵⁸ Ritual do Matrimónio. *Celebração do Matrimónio*, 195.

⁴⁵⁹ Bênção solene no fim da Missa Ritual para o Matrimónio. *Missal Romano*, 1221.

⁴⁶⁰ Elio Guerriero, «Introdução», em *Os Sacramentos. Sinais de Deus no Mundo* (Cascais: Lucerna, 2020),

7.

⁴⁶¹ Cf. Schmemmann, *Para la vida del mundo: Liturgia, Sacramentos, Missão*, 35.

Domingo, dia do Senhor, importa ir ao concreto dos rituais, da celebração, e agora do Missal, olhando a concretização desta dimensão da alegria cristã, da alegria celebrada na Eucaristia.

Goffredo Boselli afirma mesmo que o cristão é, precisamente, aquele que «tem numa mão a Bíblia e na outra o Missal» e «nunca a Bíblia sem o Missal e nunca o Missal sem a Bíblia»⁴⁶². O Missal, como «referência normativa da celebração eucarística bem celebrada»⁴⁶³, está ao serviço deste Mistério, da Eucaristia⁴⁶⁴, sendo um importante veículo da Tradição, da regra da oração e da fé herdada dos Padres e enriquecida a cada geração⁴⁶⁵. É o livro da oração da Igreja⁴⁶⁶, o livro do «testemunho do vínculo entre *lex orandi* e *lex credendi*»⁴⁶⁷, que já referimos, colocando em relação a fé acreditada e celebrada e, por isso mesmo, indicando «a pleno título a correta maneira de crer»⁴⁶⁸. Importa, neste sentido, perceber que alegria nos é transmitida pela fé celebrada, de que alegria o Missal é veículo e qual a dimensão dessa alegria transmitida.

A Liturgia, e concretamente a Eucarística é, essencialmente, «ana-fórica (porque a Liturgia inteira é anáfora, um “levar até acima”)), ela é, sobretudo, «louvor e intercessão»⁴⁶⁹. E o louvor é, como nos diz Monique Lorrain, «a alma gémea da alegria», pois «louvar é alegrar-se com a Criação, com os outros, com Deus e poder dizer, como Maria: “O Todo-poderoso fez em mim grandes coisas: santo é o seu Nome” (Lc 1, 49)»⁴⁷⁰.

A Eucaristia está estruturada de modo que se encontram nela «a bênção e a súplica, a conversão e a adoração, a memória (*anamnesis*) e a oferenda (*prósfora*), a petição (*epiclesis*) e a interceção, o louvor (*doxologia*) e a comunicação de todos os bens, etc.»⁴⁷¹. E aqui temos aquele que é «o protótipo do que é a festa cristã integral»⁴⁷², e a festa cristã integral é a celebração da Eucaristia. É, concretamente e no seguimento do que vimos abordando, a «celebração do Domingo, dia do Senhor, dia da Igreja, dia da Palavra e da Eucaristia, Oitavo dia»⁴⁷³.

⁴⁶² Goffredo Boselli, *O sentido espiritual da liturgia* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019), 181.

⁴⁶³ Cordeiro, «Apresentação», 2022, 7.

⁴⁶⁴ Cf. Cordeiro, 7.

⁴⁶⁵ Cf. José da Peixoto, «A nova edição do missal português», em *Apresentação do Missal Romano na terceira edição* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022), 52–53.

⁴⁶⁶ Cf. Boselli, *O sentido espiritual da liturgia*, 177.

⁴⁶⁷ Boselli, 181.

⁴⁶⁸ Boselli, 183.

⁴⁶⁹ Cassingena-Trévedy, *La Belleza de la Liturgia*, 92.

⁴⁷⁰ Monique Lorrain, *Discernir. O que é que se passa em nós?* (Braga: Apostolado da Oração, 2008), 26.

⁴⁷¹ Martín, «Tiempo Sagrado, Tiempo Liturgico y Misterio de Cristo», 52.

⁴⁷² Martín, 53.

⁴⁷³ Martín, 52–53.

Assim, *per ritus et preces*⁴⁷⁴, manifesta-se a alegria que tem em Deus a sua Fonte. E é neste sentido que importa olhar o Missal que é, todo ele e por assim dizer, um compêndio da alegria, a alegria cristã celebrada.

3.3.1. Ordinário da Missa. Eucaristia: o Sacramento da Alegria

Importa olhar, em primeiro lugar ao Ordinário da Missa. A alegria é manifestada não raras vezes, como poderemos confirmar, pela Antífona de entrada proposta pelo Missal, evidenciando-se, desde logo, a alegria pela celebração que se inicia. Na verdade, o primeiro motivo da nossa alegria já lá está, na comunidade que se reúne para celebrar, primeiro sinal da presença real de Cristo (cf. *SC*, 7), que marca o verdadeiro início da celebração. Reunidos em nome da Trindade, bendizemos, desde logo, a Deus por isso mesmo: «Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo»⁴⁷⁵, resposta à saudação do celebrante principal, que, com o novo Missal, tem várias alternativas possíveis⁴⁷⁶; entre estas, importa destacar a que tem presente a alegria: «O Deus da esperança, que, pela ação do Espírito Santo, nos alegra com a sua paz, esteja convosco»⁴⁷⁷.

Aos domingos, especialmente no Tempo Pascal, pode optar-se pela Aspersão dominical da água benta, substituindo o Ato penitencial⁴⁷⁸. Esta reaviva «a memória da Páscoa e a graça do Batismo»⁴⁷⁹. Água que, no Tempo Pascal, pedimos, «nos faça reviver o Batismo que recebemos e nos leve a participar na alegria dos nossos irmãos, batizados na Páscoa de nosso Senhor Jesus Cristo»⁴⁸⁰.

O Hino do *Gloria* é um «antiquíssimo e venerável hino com que a Igreja, congregada no Espírito Santo, glorifica e suplica a Deus e ao Cordeiro» (*IGMR*, 53), e que evidencia ações que traduzem a alegria celebrada na Liturgia: «nós Vos louvamos, nós Vos bendizemos, nós Vos adoramos, nós Vos glorificamos, nós Vos damos graças, por vossa imensa glória»: é a glorificação do Pai que caracteriza a Liturgia, naquilo que atrás referimos como dinâmica de alegria, que se traduz nestas ações.

As Orações coletas exprimem, muitas vezes, como veremos, a alegria celebrada, assim como toda a Liturgia da Palavra que se segue. Sendo certo que temos como objeto de estudo o Missal, por olharmos sobretudo aos textos litúrgicos como expressão da alegria celebrada, não

⁴⁷⁴ Cf. Cordeiro, *A sacramentalidade da celebração eucarística*, 25.

⁴⁷⁵ Ritos Iniciais. *Missal Romano*, 476.

⁴⁷⁶ Cf. Peixoto, «A nova edição do missal português», 41.

⁴⁷⁷ Ritos Iniciais. *Missal Romano*, 479.

⁴⁷⁸ Cf. *Missal Romano*, 486.

⁴⁷⁹ Aspersão dominical da água benta. *Missal Romano*, 490.

⁴⁸⁰ Aspersão dominical da água benta. *Missal Romano*, 488.

podemos ignorar a alegria tantas vezes expressa na Liturgia da Palavra, não fosse a Sagrada Escritura percorrida, toda ela, pela alegria⁴⁸¹. Alegria de onde, naturalmente, os lecionários vão beber abundantemente, pois, também eles, nos seus ciclos, percorrem toda a Escritura. Atinge o seu ápice na proclamação do Evangelho, o «eixo à volta do qual se estrutura toda a celebração da Palavra, iluminando o que fica para trás, apontando caminhos novos»⁴⁸², com uma «mensagem de alegria»⁴⁸³, que deve ser proclamada, em coerência, por mensageiros da alegria⁴⁸⁴ e, por isso, aclamada com alegria pela assembleia celebrante, com o canto do *Aleluia*, ou outro que o tempo litúrgico prescreva, e terminando a proclamação com a aclamação conclusiva⁴⁸⁵. As restantes leituras são, na sua conclusão, também aclamadas, ao passo que, com o Salmo, todos cantam ou recitam o refrão⁴⁸⁶. Toda a assembleia celebrante entra em diálogo com a Palavra de Deus proclamada, presença real de Cristo (cf. *SC*, 7), cantando ou aclamando porque motivo de alegria e, muitas vezes, expressão direta dessa mesma alegria.

A recitação do *Credo* ou Símbolo dos Apóstolos surge como que em resposta à Palavra escutada⁴⁸⁷; nela professamos aquilo em que acreditamos e, por isso, damos as razões da nossa alegria, rezando, de seguida, uns pelos outros na Oração dos Fiéis.

Chegados à Liturgia Eucarística, no convite à Oração sobre as oblatas, pede-se que oremos «para que as nossas alegrias e tristezas de cada dia, unidas ao sacrifício de Cristo, sejam aceites por Deus Pai todo-poderoso»⁴⁸⁸, convite a uma oração que, como veremos, exprime muitas vezes, também ela, a alegria.

A Oração Eucarística, coração da celebração⁴⁸⁹, não pode deixar de manifestar a alegria. O júbilo, a exultação e a alegria são manifestados, desde logo, pelo Prefácio, já com os «corações ao alto», ou seja, «em Deus»⁴⁹⁰, que é uma ação de graças onde se enunciam as obras de Deus, que são motivo da nossa gratidão⁴⁹¹ e, por isso mesmo, da nossa alegria. E evidenciam-na, não raras vezes, de forma direta. Um pouco por todo o ano litúrgico, sobressai o convite ao canto do *Sanctus*, que, muitas vezes se afirma «dizendo (cantando) com alegria»⁴⁹². O Prefácio é rezado como que em crescendo e vai desembocar no *Sanctus*⁴⁹³, que vem como que sublinhar

⁴⁸¹ Cf. Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 15.

⁴⁸² Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 168.

⁴⁸³ Kasper, *La alegría del cristiano*, 52.

⁴⁸⁴ Cf. Kasper, 52.

⁴⁸⁵ Cf. *Missal Romano*, 499.

⁴⁸⁶ Cf. *Missal Romano*, 497.

⁴⁸⁷ Cf. Enzo Bianchi, *Presbíteros: Palavra e Liturgia* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2020),

12.

⁴⁸⁸ Liturgia eucarística. *Missal Romano*, 505.

⁴⁸⁹ Cf. Cordeiro, *A sacramentalidade da celebração eucarística*, 55.

⁴⁹⁰ Diálogo do Prefácio. *Missal Romano*, 508.

⁴⁹¹ Cf. Cordeiro, *A sacramentalidade da celebração eucarística*, 60.

⁴⁹² Por exemplo: *Missal* 568

⁴⁹³ Cf. Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 131.

e coroar o dito até aqui, agora já com toda a assembleia ou, melhor dizendo, com toda a Igreja, a Terrena e a Celeste⁴⁹⁴.

Destacaria, ainda, nesta linha do exultar, a aclamação «Mistério da Fé!», onde afirmamos, aclamando, o mistério da fé perante o qual todos adoram, anunciando a morte, proclamando a ressurreição, confessando a expectativa da vinda na glória do Senhor Jesus»; é toda a Igreja a participar «no evento da salvação do mundo»⁴⁹⁵. Por fim, com a Doxologia final, temos a «síntese da oração e da vida cristã», onde todos proclamamos «alegremente, com força e com amor» o «Amén!», que deve ser «adesão sólida ao que foi dito e realizado»⁴⁹⁶.

Destacam-se algumas Orações Eucarísticas no que respeita à alegria exprimida. É o caso da Oração Eucarística IV. Com Prefácio próprio e de uso obrigatório, esta Oração apresenta-se singular na sua natureza, contendo um sumário da história da salvação⁴⁹⁷.

Se, na história da salvação, a alegria está presente, como pudemos anteriormente concluir, nesta Oração não poderia ser diferente. Assim, desde logo, no seu Prefácio próprio, expressa-se a alegria: «Deus de bondade e fonte da vida, criastes o universo para encher de bênçãos todas as criaturas e a muitas alegrar na claridade da vossa luz», introduzindo-se o canto do *Sanctus*, também em tom de alegria: «também nós e, pela nossa voz, a criação inteira, aclamamos o vosso nome, cantando com alegria»⁴⁹⁸.

A Oração Eucarística prossegue, no seu momento *post Sanctus* – nesta Oração mais desenvolvido – onde, no percurso pela história da salvação realça Cristo na sua condição humana, que «anunciou a salvação aos pobres, a libertação aos oprimidos, a alegria aos que sofrem»⁴⁹⁹. É Cristo, portador da alegria.

Entre as Orações Eucarísticas da Reconciliação, destaca-se a Oração Eucarística «da Reconciliação» I, desde logo no Prefácio próprio, onde se afirma: «Senhor, Pai santo, é verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação dar-Vos graças, porque a todo o momento nos chamais a uma vida mais feliz»⁵⁰⁰. Ora, somos sempre chamados à felicidade, e isso é motivo para dar graças. E celebramos, como se afirma no momento anamnético, «enquanto esperamos o feliz dia da sua vinda gloriosa»⁵⁰¹.

⁴⁹⁴ Cf. Silva, 133.

⁴⁹⁵ Bianchi, *Presbíteros: Palavra e Liturgia*, 17.

⁴⁹⁶ Bianchi, 17.

⁴⁹⁷ Cf. *Missal Romano*, 679.

⁴⁹⁸ Oração Eucarística IV. *Missal Romano*, 679.

⁴⁹⁹ Oração Eucarística IV. *Missal Romano*, 681.

⁵⁰⁰ Oração Eucarística da Reconciliação I. *Missal Romano*, 731.

⁵⁰¹ Oração Eucarística da Reconciliação I. *Missal Romano*, 739.

No que respeita à Oração Eucarística, que pode ser utilizada nas Missas por diversas necessidades, ou Oração Eucarística V, como é denominada, encontramos, entre as suas quatro variantes, referências à alegria celebrada.

Entre estas, na II, «Deus guia a sua Igreja no caminho da salvação», evidencia-se onde leva a Sua Igreja, neste referido caminho da salvação: «Com o poder do vosso braço guiastes outrora o povo de Israel através do deserto e agora acompanhais sempre a Igreja, peregrina sobre a terra, com o poder do Espírito Santo, e a conduzis através dos tempos à alegria perfeita do vosso reino»⁵⁰². Nas interceções falámos de alegria presente:

«Confirmai na unidade os que fomos chamados a participar da vossa mesa, para que todos nós, em comunhão com o nosso papa N., o nosso bispo N., com todos os bispos, presbíteros, diáconos e todo o povo cristão, seguindo os vossos caminhos na fé e na esperança, possamos irradiar no mundo a confiança e a alegria»⁵⁰³.

A «peregrinação sobre a terra» rumo à alegria perfeita no Céu, mas vivida já na alegria, e numa alegria que irradia, que se partilha.

Na variante III da Oração, temos «Jesus, caminho para o Pai». E assim nos dirigimos ao Pai no seu Prefácio próprio: «Ele é o caminho que nos conduz até Vós, é a verdade que nos liberta, é a vida que nos enche de alegria»⁵⁰⁴. Nas interceções, voltamos ao tema da alegria, onde pedimos, ao jeito da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: «Tornai-nos atentos e generosos para com as necessidades dos irmãos, de modo que, participando nas suas dores e angústias, alegrias e esperanças, lhes levemos fielmente a boa nova da salvação e sigamos, juntamente com eles, o caminho do vosso reino»⁵⁰⁵.

Nas Orações Eucarísticas para Missas com crianças, a alegria expressada merece, também, a nossa atenção. O início do Prefácio da I Oração é demonstrativo do que se celebra e de como se celebra: «Deus, nosso Pai, Vós nos reunistes neste lugar santo e aqui estamos, felizes e contentes, para Vos louvar, para Vos aclamar, para Vos bendizer»⁵⁰⁶. Com linguagem mais acessível às crianças, diz-nos, também a nós, o que celebramos e como celebramos, pois a Eucaristia é só uma, onde, com manifesta alegria, louvamos, aclamamos e bendizemos. E continua: «Louvado sejas (...) pela alegria que nos dais»⁵⁰⁷.

⁵⁰² Oração Eucarística para Diversas Necessidades II. *Missal Romano*, 764.

⁵⁰³ Oração Eucarística para Diversas Necessidades II. *Missal Romano*, 768.

⁵⁰⁴ Oração Eucarística para Diversas Necessidades III. *Missal Romano*, 770.

⁵⁰⁵ Oração Eucarística para Diversas Necessidades III. *Missal Romano*, 775.

⁵⁰⁶ Oração Eucarística para as Missas com Crianças I. *Missal Romano*, 1423.

⁵⁰⁷ *Missal Romano*, 1423.

Na conclusão da Oração Eucarística, manifesta-se, novamente, a alegria que vem de Deus: «Deus, nosso Pai, ao contemplarmos tudo o que fazeis por meio do vosso Filho, Jesus Cristo, o nosso coração enche-se de amor e de alegria»⁵⁰⁸.

Com a Oração II, para missas com crianças, mantém-se o tom da alegria, desde logo no começo do seu Prefácio: «Deus, nosso Pai, que sois tão bom, sentimo-nos contentes por estarmos reunidos junto de Vós. Queremos agradecer-Vos e, com Jesus Cristo, na vossa Igreja, cantar-Vos a nossa alegria»⁵⁰⁹. Ele que «veio para tirar do coração dos homens todo o pecado e maldade que não nos deixam ser amigos, nem nos deixam ser felizes»⁵¹⁰. Abre caminho à felicidade.

Ainda direcionada às crianças, há uma III Oração. Nesta, no seu Prefácio, fala-se em «viver juntos as nossas dificuldades e as nossas alegrias»⁵¹¹. Apresenta-se o motivo pelo qual se dá graças a Deus: «Porque sois a fonte da vida, chamastes-nos a viver e quereis que sejamos felizes para sempre»⁵¹². Já Cristo «veio trazer-nos a boa nova de que fomos criados para viver e sermos felizes para sempre junto de Vós», Ele que «percorreu antes de nós o caminho que leva à glória do céu»⁵¹³. Com a celebração da Eucaristia «cheios de alegria, lembramos o que Jesus fez para nos salvar»⁵¹⁴, e para a Eucaristia somos chamados com alegria⁵¹⁵. E a alegria não se fica por aqui, não se fica pela celebração, pedimos a «graça de levarmos a toda a gente a alegria e a paz»⁵¹⁶, de modo especial na Páscoa, onde se pede que o coração dos cristãos fique cheio com a verdadeira alegria da Páscoa, e que procurem levar esta alegria a todos os que estão tristes⁵¹⁷.

Há uma manifesta alegria que, com estas Orações para missas com crianças, percorre, de forma mais explícita, toda a celebração. E será esta a diferença. Nas restantes a alegria está igualmente presente e percorre toda a celebração, mas de forma implícita, digamos. Aqui, com uma linguagem mais indicada para as crianças, essa alegria deve ser mais concretamente evidenciada, daí explícita. Contudo, a Eucaristia é só uma e, nesse sentido, a alegria é, também ela, a mesma.

Entre os Ritos da Comunhão, que numa primeira parte reforçam a nossa condição de filhos de Deus⁵¹⁸, da Oração dominical até à Saudação da paz, destaca-se, depois disso, o

⁵⁰⁸ *Missal Romano*, 1427.

⁵⁰⁹ Oração Eucarística para as Missas com Crianças II. *Missal Romano*, 1430.

⁵¹⁰ *Missal Romano*, 1431.

⁵¹¹ Oração Eucarística para as Missas com Crianças III. *Missal Romano*, 1436.

⁵¹² *Missal Romano*, 1436.

⁵¹³ *Missal Romano*, 1437.

⁵¹⁴ *Missal Romano*, 1440.

⁵¹⁵ Cf. *Missal Romano*, 1441.

⁵¹⁶ *Missal Romano*, 1441.

⁵¹⁷ Cf. *Missal Romano*, 1441.

⁵¹⁸ Cf. *Missal Romano*, 690.

convite: «Felizes os convidados para a Ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo»⁵¹⁹, felicidade que se repete noutras duas possibilidades de convite⁵²⁰. Somos felizes porque convidados ao banquete da Eucaristia, neste que é como que o consumir, de forma mais direta e palpável, da alegria que vimos celebrando, experimentando-a de forma mais concreta. Alegria que, depois, se expressa nas Antífonas de comunhão propostas e nas Orações depois da comunhão, com frequentes referências à alegria, como veremos.

As Orações sobre o povo propostas são, também elas, expressão da alegria celebrada. Nelas, pede-se, precisamente, «alegre-se sempre a vossa família, Senhor, na celebração dos santos mistérios», e que viva «sempre na alegria do vosso louvor»⁵²¹.

A própria despedida assume, também ela, com a última versão do Missal, um tom alegre, numa das suas formulações: «A alegria do Senhor seja a vossa força. Ide em paz e o Senhor vos acompanhe»⁵²².

Ao olharmos a história do Missal, sobretudo a partir da reforma promovida pelo Vaticano II, vemos como que um crescendo no evidenciar de uma alegria celebrada. É o caso das Orações Eucarísticas mais recentes, que mencionámos e, ainda, algumas das novidades que fomos referindo no que à terceira edição do Missal respeita⁵²³.

3.3.2. Próprio do Tempo. A Alegria própria de cada Tempo

A celebração da Eucaristia foi, desde sempre, envolvida pelo sentimento da alegria: a celebração é alegre!⁵²⁴ E a sua fonte é, como vimos, o mistério pascal de Cristo, que celebramos: «aí é que está a fonte da alegria»⁵²⁵. O momento da anamnese, nas diferentes Orações Eucarísticas, e em que a memória da Igreja se torna presença⁵²⁶, evidencia a centralidade do Mistério Pascal. A título de exemplo, podemos olhar agora à Oração Eucarística III:

«Celebrando agora, Senhor, o memorial
da paixão redentora do vosso Filho,
da sua admirável ressurreição e ascensão aos céus,
e esperando a sua vinda gloriosa»⁵²⁷.

⁵¹⁹ Ritos da Comunhão. *Missal Romano*, 695.

⁵²⁰ Cf. *Missal Romano*, 695.

⁵²¹ Orações sobre o Povo. *Missal Romano*, 717.

⁵²² Ritos de Conclusão. *Missal Romano*, 701.

⁵²³ Cf. Peixoto, «A nova edição do missal português», 41–52.

⁵²⁴ Cf. Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 233.

⁵²⁵ Silva, 233.

⁵²⁶ Cf. Corbon, *A Fonte da Liturgia*, 10.

⁵²⁷ Oração Eucarística III. *Missal Romano*, 674.

Importa, por isso, no decorrer do ano celebrativo, e concretamente nos próprios de cada Tempo, começarmos pela celebração da Páscoa anual, pois, como rezamos numa das Orações coletas da Oitava da Páscoa, «todos os anos nos alegrais com a solenidade da ressurreição de Cristo»⁵²⁸, que é «desde os tempos da comunidade primitiva a festa da libertação, da alegria pela fidelidade e amor de Deus às suas criaturas, a festa do louvor divino pela glória de Jesus ressuscitado»⁵²⁹, para, depois, percebermos e prosseguirmos todo um rasto de alegria que se espalha por toda a celebração do ano litúrgico.

Vimos já que o Tempo Pascal se inicia com a Vigília Pascal, e sabemos que poucas celebrações são tão ricas em conteúdo e simbolismo como esta celebração⁵³⁰; nela, celebramos «a obra da redenção e a perfeita glorificação de Deus como memória, presença e espera»⁵³¹. Nela, a Igreja «espera em vigília a ressurreição de Cristo e a celebra nos sacramentos» (*NGAL*, 21). Entre Lucernário, Liturgia da Palavra, Liturgia Batismal e Liturgia Eucarística⁵³², a alegria é, como anteriormente mencionado, uma das dimensões presentes. Desde logo, com o Lucernário e, concretamente, com o Precónio Pascal, já aprofundado em toda a sua dimensão de alegria. Outros dois momentos evocam, aqui de forma mais especial, o júbilo pascal, a alegria pascal: o canto do *Gloria* e do *Aleluia*, já na Liturgia da Palavra. O hino do *Gloria* ganha especial relevo na Vigília Pascal, indicando o Missal que só neste momento se acendem as velas do altar, onde, geralmente, se iluminam plenamente as igrejas, e se tocam os sinos⁵³³, evidenciando-se o júbilo ou alegria de toda a Igreja, depois de o mesmo estar suprimido durante a Quaresma, acontecendo o mesmo no Advento (cf. *IGMR*, 53). O canto do *Aleluia* é outro exemplo da alegria vivida nesta noite, e que, durante todo o Tempo Pascal, se canta de modo especial (cf. *NGAL*, 22). Na Vigília, propõe-se que seja entoado solenemente pelo celebrante principal, de forma gradual, por três vezes e com a respetiva repetição pelo coro e assembleia⁵³⁴. Quando a Vigília Pascal tem como celebrante principal um bispo, sugere-se que este canto seja precedido de um anúncio feito por um diácono ou leitor que, dirigindo-se ao bispo, diz: «Reverendíssimo Padre, anuncio-vos uma grande alegria, que é: Aleluia» (*CB*, 352). O canto do *Aleluia*, que precede a leitura do Evangelho da Ressurreição, é, assim, um anúncio alegre, que reflete a alegria pascal.

⁵²⁸ Oração coleta de Quarta-feira da oitava da Páscoa. *Missal Romano*, 357.

⁵²⁹ Hans Kessler, *La Resurrección de Jesus* (Salamanca: Sígueme, 1989), 339.

⁵³⁰ Cf. E. Aliaga, «El Triduo Pascual», em *La celebración en la Iglesia. Ritmos y tiempos de la celebración*, vol. III (Salamanca: Sígueme, 2014), 119.

⁵³¹ Aliaga, 121.

⁵³² Cf. Aliaga, 121–26.

⁵³³ Cf. *Missal Romano*, 336.

⁵³⁴ Cf. Liturgia da Palavra da Vigília Pascal. *Missal Romano* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022), 336.

Esta marca da alegria continua, contudo, presente ao longo da celebração ou, se preferirmos, ao longo de todo o tempo litúrgico da Páscoa. A Vigília Pascal, ainda na sua Liturgia da Palavra, revisita a história da salvação do Povo de Israel. Esta história não deixa de se ligar à alegria, desde logo com a criação, como reflete uma das Orações pós-leitura proposta: «Senhor nosso Deus, que de modo admirável criastes o homem e de modo mais admirável o redimistes, dai-nos a graça de resistir às seduções do pecado com a sabedoria do espírito, para merecermos chegar às alegrias eternas»⁵³⁵. A celebração da Vigília decorre, assim, como que em crescendo, do Lucernário até à celebração dos sacramentos da Iniciação Cristã. Este crescendo é evidenciado não só pelo percorrer da história do Povo de Israel, até à Ressurreição, mas também pela luz crescente até ao hino do *Gloria*, pelo canto repetido ao longo da procissão⁵³⁶ e, ainda, no canto do *Aleluia*, onde propõe subir gradualmente o tom⁵³⁷.

Com a Liturgia Eucarística entramos no «núcleo da Vigília Pascal»; aqui celebramos os «primeiros momentos do grande dia esperado: o dia que fez o Senhor, o nascer do dia que viu Cristo Ressuscitado»⁵³⁸. Como refere E. Aliaga, tudo quanto a Igreja celebra durante o todo o ano litúrgico converge nesta Eucaristia e parte desta mesma Eucaristia pascal⁵³⁹.

A alegria marca a celebração até ao seu final. Na Bênção solene proposta, afirma-se: «A vós que, terminados os dias da paixão do Senhor, celebrais com alegria a festa da Páscoa, Deus vos conceda a graça de chegar um dia às alegrias da Páscoa eterna»⁵⁴⁰.

Celebramos, por isso, o dia de Páscoa «exultando de alegria pascal»⁵⁴¹. Na despedida, com a repetição do «aleluia», despede-se o povo e manifesta-se a «jubilosa alegria»⁵⁴²: «Ide em paz e o Senhor vos acompanhe. Aleluia. Aleluia», ao que todos respondem «graças a Deus. Aleluia. Aleluia»⁵⁴³. Aspeto que se observa durante toda a oitava da Páscoa⁵⁴⁴ e, após os cinquenta dias que formam o Tempo Pascal, com a solenidade do Pentecostes, onde se observa novamente a repetição do «aleluia» na despedida⁵⁴⁵. Despedida que, por todo o Tempo Pascal, pode assumir um especial tom de alegria, como nos sugere o Missal: «Levai a todos a alegria do Senhor ressuscitado. Aleluia. Ide em paz e o Senhor vos acompanhe»⁵⁴⁶.

⁵³⁵ Liturgia da Palavra da Vigília Pascal. *Missal Romano*, 333.

⁵³⁶ Cf. *Missal Romano*, 314.

⁵³⁷ Cf. *Missal Romano*, 336.

⁵³⁸ Aliaga, «El Triduo Pascual», 126.

⁵³⁹ Cf. Aliaga, 126.

⁵⁴⁰ Ritos finais da Vigília Pascal. *Missal Romano*, 352.

⁵⁴¹ Oração sobre as oblatas do Domingo de Páscoa. *Missal Romano*, 354.

⁵⁴² Aliaga, «El Triduo Pascual», 126.

⁵⁴³ Despedida da solenidade da Páscoa. *Missal Romano*, 352.

⁵⁴⁴ Cf. *Missal Romano*, 353.

⁵⁴⁵ Cf. *Missal Romano*, 422.

⁵⁴⁶ Ritos de Conclusão no Tempo Pascal. *Missal Romano*, 701.

Uma alegria prometida e antecipada, alegria do céu que já se começa a saborear na terra⁵⁴⁷, desde já celebrada e vivida, que se prolonga por todo o Tempo Pascal, conforme realçado em todos os seus Prefácios, que afirmam vivermos a «plenitude da alegria pascal»⁵⁴⁸, como vimos. Os cinquenta dias que constituem este Tempo «celebram-se na alegria e exultação como um único dia de festa» (NGAL, 22).

Já referimos os Prefácios pascais e a dimensão da alegria que os caracteriza. O Tempo Pascal evidencia a sua alegria também pelas Orações – coletas, sobre as oblatas e depois da comunhão – próprias deste Tempo. E evidencia-se uma alegria que é esperada, ou prometida, mas também o modo como devemos viver a celebração dos mistérios celebrados, do Mistério Pascal, e a espera dessa alegria prometida: já com alegria. Nelas se pede que o povo, por Ele salvo, para que «se alegrem com a ressurreição»⁵⁴⁹; para que, «em todo o tempo, possamos alegrar-nos com estes mistérios pascais» que celebramos, para que sejam, para nós, «causa de alegria eterna»⁵⁵⁰; fala-se de uma «Igreja em festa», pois lhe foi dada «tão grande alegria», pedindo que possa «tomar parte na felicidade eterna»⁵⁵¹; que «exulte sempre» o povo «com a renovada juventude da alma, de modo que, alegrando-se agora por se ver restituído à glória da adoção divina, aguarde o dia da ressurreição na esperança da felicidade eterna»⁵⁵²; que nos faça «exultar em santa alegria e em filial ação de graças, porque a ascensão de Cristo (...) é a nossa esperança»⁵⁵³.

As Bênçãos solenes próprias do Tempo Pascal, além da já citada, confirmam esta mesma alegria. Na Bênção solene proposta para o Tempo Pascal pede-se ao Pai que «conceda a alegria das suas bênçãos»⁵⁵⁴; na que se propõe para a solenidade da Ascensão, que o Filho «conceda a alegria de sentir que, segundo a sua promessa, está convosco até ao fim dos tempos»⁵⁵⁵; na que se propõe para a solenidade do Pentecostes, que o Pai nos «alegre com as suas bênçãos» e «conforte sempre com os dons do Espírito Santo»⁵⁵⁶, sendo a alegria, como vimos, um desses dons.

Vemos, deste modo, nos Prefácios, Orações e Bênçãos solenes próprias deste Tempo, confirmada a alegria pascal, a alegria cristã, prometida, mas, desde já, antecipada, celebrada e vivida. É assim a alegria cristã.

⁵⁴⁷ Cf. Oração coleta de Terça-feira da oitava da Páscoa. *Missal Romano* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022), 356.

⁵⁴⁸ Cf. *Missal Romano*, 420/542-555.

⁵⁴⁹ Oração depois da comunhão da Sexta-feira de oitava da Páscoa. *Missal Romano*, 359.

⁵⁵⁰ Oração sobre as oblatas de Sábado da oitava da Páscoa. *Missal Romano*, 360.

⁵⁵¹ Oração sobre as oblatas de Segunda-feira da Semana II do Tempo Pascal. *Missal Romano*, 363.

⁵⁵² Oração coleta do Domingo III da Páscoa. *Missal Romano*, 369.

⁵⁵³ Oração coleta da Missa do Dia da solenidade da Ascensão do Senhor. *Missal Romano*, 402.

⁵⁵⁴ Bênção solene para o Tempo Pascal. *Missal Romano*, 707.

⁵⁵⁵ Bênção solene para a solenidade da Ascensão do Senhor. *Missal Romano*, 708.

⁵⁵⁶ Bênção solene para a solenidade do Pentecostes. *Missal Romano*, 708.

A alegria pascal, ou cristã, não se confina, como vimos, somente ao Tempo Pascal; prolonga-se por toda a celebração do ano litúrgico. É o que pretendemos evidenciar ou confirmar de seguida.

Ainda nos restantes denominados Tempos Fortes, podemos encontrar plasmada essa mesma alegria. Desde logo naquele que se considera ser um segundo epicentro do ano litúrgico, que «inaugurou a plenitude do tempo»⁵⁵⁷, ou seja, na solenidade do Nascimento do Senhor que, depois da Páscoa, é a maior solenidade cristã⁵⁵⁸. Sendo a celebração da Páscoa a mais importante do ano litúrgico, «não só historicamente como também pelo seu conteúdo teológico-litúrgico», não deixa de se evidenciar um «forte paralelismo entre estes ciclos e de que estão construídos de maneira similar»⁵⁵⁹. É a partir destes, e através do ano litúrgico, que celebramos todo o mistério de Cristo, desde a sua encarnação até à sua ascensão, juntamente com a efusão do Espírito Santo e da sua segunda vinda (cf. *SC*, 102). Não se trata de dois acontecimentos, mas antes de dois momentos de um único e mesmo mistério⁵⁶⁰.

Este mistério é anunciado, desde logo, pelos anjos como uma grande alegria (cf. Lc 2, 10). Aqui, «Deus nasceu no homem e o homem em Deus: lugar do nascimento e do conhecimento, limiar onde a morte se detém interdita, silêncio da alegria e do desabrochar»⁵⁶¹. E, tal como com os anjos, a alegria manifesta-se desde o primeiro momento, neste caso com a Missa da Vigília celebrada na tarde do dia 24 de dezembro, que inaugura o Tempo do Natal, e onde se dá, desde logo, graças ao Senhor porque todos os anos nos alegra com a esperança da salvação⁵⁶², Missa onde se volta a cantar o hino do *Gloria*⁵⁶³, à semelhança do referido em relação ao Tempo Pascal. Alegria que se intensifica com a Missa da Noite de Natal, o que se demonstra, desde logo, com a Antífona de entrada: «Exultemos de alegria no Senhor, porque nasceu na terra o nosso Salvador. Hoje desceu do céu sobre nós a verdadeira paz»⁵⁶⁴. Uma alegria que vem de Deus, que nos dá «a alegria de celebrar o nascimento do nosso Redentor»⁵⁶⁵, e que está associada à salvação que, pelo seu Filho, vem de Deus. Assim, o grande tema da Liturgia do Natal é o Senhor que «se manifesta para nossa redenção»⁵⁶⁶. Por isso, a Igreja acolhe o Redentor e celebra com alegria o mistério do Seu nascimento⁵⁶⁷.

⁵⁵⁷ Corbon, *A Fonte da Liturgia*, 31.

⁵⁵⁸ Cf. Martín, «Tiempo Sagrado, Tiempo Liturgico y Misterio de Cristo», 44.

⁵⁵⁹ G. Ramis, «Año litúrgico. Ciclo de adviento-navidad-epifanía», em *La celebración en la Iglesia. Ritmos y tiempos de la celebración*, vol. III (Salamanca: Sígueme, 2014), 172.

⁵⁶⁰ Cf. Corbon, *A Fonte da Liturgia*, 32.

⁵⁶¹ Corbon, 30.

⁵⁶² Cf. Oração coleta da Missa da vigília do Natal do Senhor. *Missal Romano* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022), 156.

⁵⁶³ Cf. *Missal Romano*, 156.

⁵⁶⁴ Antífona de entrada da Missa da noite do Natal do Senhor. *Missal Romano*, 157.

⁵⁶⁵ Oração depois da comunhão da Missa da noite do Natal do Senhor. *Missal Romano*, 158.

⁵⁶⁶ Ramis, «Año litúrgico. Ciclo de adviento-navidad-epifanía», 183.

⁵⁶⁷ Cf. Ramis, 185.

O dia de Natal confirma esta mesma alegria, uma alegria vinculada à salvação que vem de Deus. Com a Missa da aurora, vemos essa confirmação com a Antífona de comunhão: «Alegra-te, filha de Sião. Exulta, filha de Jerusalém. Eis o teu Rei, o Santo de Israel, que vem salvar o mundo»⁵⁶⁸, Missa que celebramos «com santa alegria»⁵⁶⁹. É a solenidade que vem, como se reza na Oração sobre as oblatas da Missa do dia, instituir entre os humanos a plenitude do culto divino⁵⁷⁰. Une o céu à terra. É, podemos afirmar, o primeiro encontro com a alegria plena que é o próprio Cristo, o Deus feito Humano. A redenção é como que «um admirável e *sagrado intercâmbio* entre Deus e o homem», e é «neste admirável intercâmbio que se realiza a nossa redenção»⁵⁷¹. Intercâmbio que, como vimos atrás, se concretiza na Eucaristia, naquilo que denominamos por dinâmica de alegria.

Na solenidade da Sagrada Família, celebrada na Oitava do Natal, a alegria surge associada à vida eterna, às alegrias eternas⁵⁷². Na reta final da Oitava, dia 31 de dezembro, com a Oração depois da comunhão, rezamos pelo povo: «para que, com as alegrias que dispodes no seu caminho, se dirija mais confiadamente para os bens eternos»⁵⁷³. As alegrias associadas à vida aqui na terra, e não só divinas, e que também encontram em Deus a sua Fonte.

A Oitava do Natal termina com uma outra solenidade, a de Santa Maria Mãe de Deus, d'Aquela que exultou de alegria no Senhor (cf. Lc 1, 47), onde pedimos que, «assim como celebramos festivamente as primícias da vossa graça, tenhamos também a alegria de receber os seus frutos»⁵⁷⁴, num dia em que «recebemos com alegria os vossos sacramentos nesta solenidade em que proclamamos a Virgem santa Maria, Mãe do vosso Filho e Mãe da Igreja»⁵⁷⁵.

A Bênção solene proposta para o Tempo do Natal recorda a alegria do Nascimento e pede que se encham de alegria os fiéis: «Deus, que enviou os anjos para anunciarem aos pastores a grande alegria do nascimento do Salvador, encha de alegria as vossas almas e faça de vós mensageiros do seu Evangelho»⁵⁷⁶. Alegria que volta a ser evocada na Bênção proposta para a solenidade da Epifania: «Como os santos Magos, guiados pela estrela, encontraram o Menino no presépio de Belém, possais vós também, ao fim da vossa peregrinação sobre a terra,

⁵⁶⁸ Antífona da comunhão da Missa da aurora do Natal do Senhor. *Missal Romano*, 159.

⁵⁶⁹ Oração depois da comunhão da Missa da aurora do Natal do Senhor. *Missal Romano*, 159.

⁵⁷⁰ Cf. Oração sobre as oblatas da Missa do dia do Natal do Senhor. *Missal Romano* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022), 160.

⁵⁷¹ Ramis, «Año litúrgico. Ciclo de adviento-navidad-epifanía», 185.

⁵⁷² Cf. Oração coleta da Sagrada Família. *Missal Romano* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022), 161.

⁵⁷³ Oração depois da comunhão do dia 31 de dezembro. *Missal Romano*, 165.

⁵⁷⁴ Oração sobre as oblatas da solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. *Missal Romano*, 166.

⁵⁷⁵ Oração depois da comunhão da solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. *Missal Romano*, 167.

⁵⁷⁶ Bênção solene para o Tempo do Natal. *Missal Romano*, 705.

encontrar com alegria a Cristo, luz de Deus»⁵⁷⁷. Uma Igreja que peregrina com alegria e para a Alegria, que é Cristo.

O Tempo do Natal é, assim, o tempo das festas do *initium redemptionis*⁵⁷⁸. Na comemoração do nascimento do Redentor «saudamos e celebramos a nossa redenção»⁵⁷⁹. Há, por esta mesma razão, alegria associada à sua celebração.

Os dois tempos restantes que compõem os denominados Tempos Fortes, o Advento e a Quaresma, têm também presente a dimensão da alegria. O Advento como «tempo de preparação para a solenidade do Natal» (*NGAL*, 39), e a Quaresma como tempo em que se «prepara para a celebração do Mistério Pascal» (*NGAL*, 27). São, pelo que referimos até aqui acerca do Natal e da Páscoa, tempos que preparam para a alegria e que, portanto, antecipam já a alegria que se celebra de forma especial nas solenidades da Natal e Páscoa, nas suas oitavas e seus respetivos tempos litúrgicos.

O Tempo do Advento, com o qual se inicia o ano litúrgico⁵⁸⁰, é um Tempo de «piedosa e alegre expectativa» (*NGAL*, 39), pois nele, além de ser um tempo de preparação para a comemoração da primeira vinda, olhámos já para a segunda vinda no fim dos tempos (cf. *NGAL*, 39).

A Oração coleta do primeiro dia ferial do Advento evidencia-nos o modo como devemos louvar: «Senhor nosso Deus, fazei-nos esperar ansiosamente a vinda do vosso Filho, para que, quando Ele bater à nossa porta, nos encontre vigilantes na oração e alegres no seu louvor»⁵⁸¹. É a confirmação de que louvor e alegria estão relacionados, como vimos atrás, e reflete aquele que é o principal tema da primeira parte do Advento – até ao dia 16 de dezembro inclusive –, a segunda vinda do Senhor⁵⁸², o que não exclui que a primeira, o Natal, também não seja tema, o que se manifesta no Prefácio I do Advento, que se intitula «As duas vindas de Cristo», onde se desenvolve o tema das duas vindas:

«Ele veio a primeira vez,
na humildade da natureza humana,
realizar o eterno desígnio do vosso amor
e abrir-nos o caminho da salvação;
de novo há de vir, no esplendor da sua glória,
para nos dar em plenitude os bens prometidos,

⁵⁷⁷ Bênção solene para a solenidade da Epifania. *Missal Romano*, 706.

⁵⁷⁸ Cf. Ramis, «Año litúrgico. Ciclo de adviento-navidad-epifanía», 186.

⁵⁷⁹ Ramis, 186.

⁵⁸⁰ Cf. Martín, «Tiempo Sagrado, Tiempo Litúrgico y Misterio de Cristo», 43.

⁵⁸¹ Oração coleta de Segunda-feira da semana I do Advento. *Missal Romano*, 122.

⁵⁸² Cf. Ramis, «Año litúrgico. Ciclo de adviento-navidad-epifanía», 187.

que, entretanto, vigilantes na fê, ousamos esperar»⁵⁸³.

As Orações, como referimos, reforçam a ideia da espera, da preparação para a vinda, desde logo também a primeira: «Deus todo-poderoso, que fazeis chegar aos confins da terra o anúncio do Salvador, preparai-nos para acolher com alegria a glória do seu nascimento»⁵⁸⁴. A cada Advento pedimos, por isso, que nos dê, de novo, a alegria⁵⁸⁵. Alegria para celebrar a festa da nossa salvação, como o Natal é denominado no último Domingo do Advento⁵⁸⁶.

As Antífonas de entrada e comunhão são outro dos exemplos que evidenciam a alegria que também é própria deste Tempo. Aliás, é da Antífona do III Domingo do Advento que vem a denominação de Domingo da Alegria, ou Domingo *Gaudete*, e, concretamente, da primeira palavra desta Antífona: «Alegrai-vos sempre no Senhor. Exultai de alegria: o Senhor está perto»⁵⁸⁷, embora não seja a única a ter como tema a alegria⁵⁸⁸. A primeira palavra da Antífona «dá a este domingo – justamente a meio do caminho de Advento – um tom de alegria e esperança, porque já está próximo o Senhor»⁵⁸⁹. Alegria que a Oração coleta deste Domingo reforça pedindo que, chegados às «solenidades da nossa salvação», as possamos celebrar «com renovada alegria»⁵⁹⁰. Neste Domingo, no lugar do paramento roxo, pode optar-se pelo rosa (cf. *IGMR*, 346). Pelos mesmos motivos, encontra paralelo com o IV Domingo da Quaresma⁵⁹¹, o Domingo *Laetare*. Neles, «pode-se dar um maior relevo aos adornos e à música, apesar de se estar a meio de um tempo caracterizado pelo uso moderado destes elementos»⁵⁹². Não deixa de ser uma marca importante, no sentido do que aqui procuramos, que, num tempo de maior contenção, de modo a preparar e não antecipar a alegria plena das solenidades, a alegria não deixe de estar presente, sendo-lhe dedicado, inclusive, um Domingo em cada um destes tempos.

Formulário próprio possuem as Missas feriais do Advento que se celebrem entre os dias 17 e 24 de dezembro, excetuando o Domingo⁵⁹³. A eucologia destes dias reflete, naturalmente, já a proximidade da solenidade do Natal; são uma preparação mais próxima da solenidade do Natal⁵⁹⁴ e, neste sentido, mais focados na primeira vinda. E, desde logo, no seu primeiro dia, dia 17, a alegria está presente, na Antífona de entrada: «Alegram-se os céus, exulte a terra: o

⁵⁸³ Prefácio I do Advento. *Missal Romano*, 510.

⁵⁸⁴ Oração coleta de Terça-feira da semana II do Advento. *Missal Romano*, 130.

⁵⁸⁵ Cf. Oração coleta de Quinta-feira da semana III do Advento. *Missal Romano*, 139.

⁵⁸⁶ Cf. Oração depois da comunhão do Domingo IV do Advento. *Missal Romano*, 141.

⁵⁸⁷ Antífona de entrada do Domingo III do Advento. *Missal Romano*, 135.

⁵⁸⁸ Cf. *Missal Romano*, 122 e 128.

⁵⁸⁹ J. Aldazábal, «Gaudete», site, *Secretariado Nacional de Liturgia*. (site), acedido 25 de agosto de 2024, https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=176.

⁵⁹⁰ Oração coleta do Domingo III do Advento. *Missal Romano*, 135.

⁵⁹¹ Cf. *Missal Romano*, 223.

⁵⁹² Aldazábal, «Dicionário elementar de liturgia».

⁵⁹³ Cf. *Missal Romano*, 142.

⁵⁹⁴ Cf. Ramis, «Año litúrgico. Ciclo de adviento-navidad-epifanía», 186.

Senhor visitará o seu povo»⁵⁹⁵. Surge, desde logo e no início da celebração do primeiro destes dias, como que a marcar o modo como estes dias devem ser vividos: numa alegre expectativa. O dia de Natal está próximo: «Eis que vem o desejado de todos os povos»⁵⁹⁶. E a alegria vai-se, digamos, alimentando, fortalecendo, pelos sacramentos e concretamente pela Eucaristia, como pedimos: «ao saborearem os vossos sacramentos, encontrem a alegria da verdadeira paz»⁵⁹⁷.

A alegria marca o início, com a Antífona de entrada do dia 17, mas também o final, com a Oração depois da comunhão do dia 24, na sua Missa matutina, deste tempo dentro do Tempo do Advento, onde pedimos que, «assim como nos preparamos para celebrar o santo nascimento do vosso Filho [estamos já na véspera de Natal], possamos também receber com alegria o dom da sua vida imortal»⁵⁹⁸. Nestas celebrações mais próximas do Natal, preparámo-nos para as «festas do Redentor»⁵⁹⁹, pois a Encarnação surge associada à Redenção: «celebrando com sincera humildade o mistério da sua encarnação, mereçamos alcançar os frutos da sua redenção gloriosa»⁶⁰⁰. Neste período, um dos Prefácios possíveis é o Prefácio II do Advento: nele pedimos, já na proximidade das festas natalícias, «a graça de nos prepararmos com alegria para o mistério do seu nascimento, a fim de nos encontrar vigilantes na oração e celebrando os seus louvores»⁶⁰¹, associando a alegria ao louvor, como já referimos, mas também à vigilância na oração. A atitude vigilante, característica do Advento⁶⁰², é uma atitude, também ela, alegre.

A Bênção solene própria do Advento destaca igualmente a alegria, associada à espera ou à esperança, pedindo que nos conserve «firmes na fé, alegres na esperança e generosos na caridade» e caracterizando a espera característica do Advento, que acontece «na alegria espiritual»⁶⁰³, novamente em referência às duas vindas de Cristo.

Há quem refira, por sua vez, três vindas de Cristo, que «são o eixo sobre o qual se constrói a teologia do Advento, três vindas que se relacionam e explicam mutuamente»⁶⁰⁴, e nesta temática da alegria, julgamos, importar referir. Assim, há as duas vindas referidas e tema do Advento e, com a Liturgia, com a celebração, há uma outra vinda⁶⁰⁵. Neste sentido, se as duas vindas são motivo de alegria, como vimos até aqui, a terceira também só o poderá ser, como, aliás, também o vimos anteriormente, quando nos referimos à Liturgia.

⁵⁹⁵ Antífona de entrada do dia 17 de dezembro. *Missal Romano*, 145.

⁵⁹⁶ Antífona de comunhão do dia 17 de dezembro. *Missal Romano*, 145.

⁵⁹⁷ Oração depois da comunhão. *Missal Romano*, 148.

⁵⁹⁸ Oração depois da comunhão da Missa matutina do dia 24 de dezembro. *Missal Romano*, 152.

⁵⁹⁹ Ramis, «Año litúrgico. Ciclo de adviento-navidad-epifanía», 190.

⁶⁰⁰ Oração coleta do dia 22 de dezembro. *Missal Romano*, 150.

⁶⁰¹ Prefácio II do Advento. *Missal Romano*, 514.

⁶⁰² Cf. Prefácio I do Advento. *Missal Romano* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022), 510.

⁶⁰³ Bênção solene para o Tempo do Advento. *Missal Romano*, 704.

⁶⁰⁴ Ramis, «Año litúrgico. Ciclo de adviento-navidad-epifanía», 191.

⁶⁰⁵ Cf. Ramis, 190–91.

Com o Tempo da Quaresma, concluímos a abordagem a todos os tempos que compõem os denominados Tempos Fortes. A Quaresma está para a Páscoa como o Advento para o Natal. Assim, destina-se, essencialmente, a preparar a celebração da Páscoa, ou seja, a Liturgia quaresmal prepara para as celebrações pascais (cf. *NGAL*, 27). Destacam-se, ainda assim, além da preparação da Páscoa, outros dois elementos, que estão naturalmente em relação entre si e que explicam a natureza e história deste Tempo: a preparação para receber ou renovar os sacramentos pascais e, ainda, a comemoração dos quarenta dias de Jesus em oração e luta contra o mal⁶⁰⁶.

Este Tempo visa, assim, que os fiéis alcancem maior compreensão do mistério de Cristo, como se reza, desde logo, no I Domingo da Quaresma⁶⁰⁷. Na celebração da Eucaristia, ao longo da Quaresma, pede-se que nos prepare para «celebrarmos dignamente as festas pascais»⁶⁰⁸.

Nas Orações próprias da Quaresma, o tema da penitência, renovação, purificação e perdão dos pecados, surge, muitas vezes, associado à alegria. Uma alegria prometida: «purificado o nosso olhar espiritual, possamos alegrar-nos um dia na visão da vossa glória»⁶⁰⁹; ou, como referido noutra Oração, «purifique do pecado e nos torne participantes da alegria celeste»⁶¹⁰. Uma alegria vivida/testemunhada: «curai a fragilidade das suas almas, de modo que, obtendo o perdão das culpas, se alegrem sempre com a vossa bênção»⁶¹¹; ou, como nos refere uma outra Oração: «que preparastes os auxílios necessários à nossa fraqueza, fazei que os recebamos com alegria e manifestemos na vida os seus frutos de santidade»⁶¹². Uma alegria celebrada: «celebrando com alegria a observância quaresmal»⁶¹³. Uma alegria celebrada que é depois anunciada: «que a observância deste santo tempo da Quaresma disponha o coração dos vossos fiéis para celebrarem dignamente o mistério pascal e anunciarem aos homens a alegria da salvação»⁶¹⁴. Chegamos, por isso, ao fim de uma Quaresma bem celebrada, vivida e testemunhada com a «alegria dos nossos corações purificados»⁶¹⁵.

Como já referimos, a Quaresma tem, a exemplo do Advento, um Domingo especialmente dedicado à alegria, o denominado Domingo *Laetare*⁶¹⁶, que se celebra no IV

⁶⁰⁶ Cf. J. Bellavista, «La preparacion a la Pascua: la Cuaresma», em *La Celebración en la Iglesia. Ritmos y Tiempos de la Celebración*, vol. III (Salamanca: Sígueme, 2014), 161.

⁶⁰⁷ Cf. Oração coleta do Domingo I da Quaresma. *Missal Romano*, 196.

⁶⁰⁸ Oração sobre as oblatas do Domingo II da Quaresma. *Missal Romano*, 205.

⁶⁰⁹ Oração Coleta do Domingo II da Quaresma. *Missal Romano*, 205.

⁶¹⁰ Oração depois da comunhão de Segunda-feira da semana II da Quaresma. *Missal Romano*, 208.

⁶¹¹ Oração sobre o povo de Terça-feira da semana II da Quaresma. *Missal Romano*, 209.

⁶¹² Oração coleta de Sexta-feira da semana IV da Quaresma. *Missal Romano*, 231.

⁶¹³ Oração coleta de Sábado da semana III da Quaresma. *Missal Romano*, 222.

⁶¹⁴ Oração coleta de Terça-feira da semana IV da Quaresma. *Missal Romano*, 228.

⁶¹⁵ Oração sobre as oblatas de Segunda-feira da semana V da Quaresma. *Missal Romano* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022), 236.

⁶¹⁶ Cf. J. Aldazábal, «Laetare», site, *Secretariado Nacional de Liturgia*, acessado 23 de agosto de 2024, https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=224.

Domingo. O tom da alegria que lhe é conferido «coincide com o meio da Quaresma e, portanto, introduz a perspectiva de proximidade do final do jejum e a alegria da Páscoa»⁶¹⁷. O tom da alegria, além de se fazer sublinhar pela permissão de uso de adornos no altar e do uso de instrumentos na celebração, bem como da possibilidade de usar paramento rosa em vez do roxo⁶¹⁸, é dado, tal como no Domingo *Gaudete*, pela Antífona de entrada, novamente na sua primeira palavra: «Alegra-te, Jerusalém; rejubilai, todos os seus amigos. Exultai de alegria, todos vós que participastes no seu luto e podereis beber e saciar-vos na abundância das suas consolações»⁶¹⁹. Aliás, as Antífonas de entrada e comunhão propostas para este Tempo falamos, diversas vezes, de alegria⁶²⁰.

Também a Bênção solene proposta para este Tempo não esquece a alegria que lhe está associada, pedindo ao Senhor que conceda, «como ao filho pródigo, a alegria do regresso a sua casa»⁶²¹.

No culminar do Tempo da Quaresma, temos aquela que denominamos por Semana Santa, que se inicia com o Domingo de Ramos na Paixão do Senhor⁶²². Neste Domingo, a Igreja recorda a entrada de Jesus em Jerusalém, a fim de se cumprir o Mistério Pascal⁶²³.

A proposta de admoção, para a primeira forma de celebração indicada, introduz-nos na celebração e no seu sentido. O Povo reúne-se, «em união com toda a Igreja», para dar início à «celebração do mistério pascal do Senhor, isto é, da sua paixão e ressurreição»⁶²⁴. Foi para isso que Jesus Cristo entrou triunfante na cidade de Jerusalém⁶²⁵. Assim, durante a Semana Santa, acompanhamos «o Senhor, de modo que, participando agora na sua cruz, mereçamos um dia tomar parte na sua ressurreição»⁶²⁶.

Introduzidos na Semana Santa e no seu sentido, na sua essência, que é o próprio Mistério Pascal, a Oração de bênção dos ramos deixa também algumas indicações sobre esta celebração, uma celebração festiva que tem já no horizonte a entrada na Jerusalém celeste⁶²⁷.

Para a procissão que se segue à Bênção e à proclamação do Evangelho, são-nos propostas, pelo Missal, Antífonas que expressam o tom alegre desta celebração, como vimos, festiva. Desde logo, a primeira proposta: «As crianças de Jerusalém foram ao encontro do

⁶¹⁷ Aldazábal.

⁶¹⁸ Cf. *Missal Romano*, 223.

⁶¹⁹ Antífona de entrada do Domingo IV da Quaresma. *Missal Romano*, 223.

⁶²⁰ Cf. *Missal Romano*, 213, 219, 228 e 230.

⁶²¹ Bênção solene para o Tempo da Quaresma. *Missal Romano*, 706.

⁶²² Cf. *Missal Romano*, 243.

⁶²³ Cf. *Missal Romano*, 243.

⁶²⁴ *Missal Romano*, 244.

⁶²⁵ Cf. *Missal Romano*, 244.

⁶²⁶ *Missal Romano*, 244.

⁶²⁷ Cf. Oração de bênção dos ramos. *Missal Romano*, 244.

Senhor com ramos de oliveira, clamando com alegria: Hossana nas alturas»⁶²⁸, o que se repete na segunda proposta⁶²⁹. O Hino a Cristo Rei é outro exemplo no que respeita à alegria deste momento. Nele, «exulta o universo de alegria», demonstrando, ainda e também, a «alegria do povo resgatado»⁶³⁰. E o mesmo se pode dizer do responsório proposto para a entrada na igreja, no término da procissão:

«V. Ao entrar o Senhor na cidade santa,
as crianças de Jerusalém, com ramos de palmeira,
anunciaram a ressurreição da vida,
cantando alegremente:
R. Hossana nas alturas.
V. Quando o povo ouviu dizer
que Jesus vinha para Jerusalém,
saiu ao seu encontro com ramos de palmeira,
cantando alegremente:
R. Hossana nas alturas»⁶³¹.

Evidencia-se uma alegria que chega a todos, não obstante este ser denominado por Domingo da Paixão do Senhor, que há quem considere mais próprio denominar⁶³², embora o Missal coloque primeiro a denominação «Domingo de Ramos»⁶³³.

O tema da Ressurreição está já muito presente, e, também com ele, o da alegria. Assim, pedimos que nos faça chegar, «pela sua ressurreição, às alegrias do reino que esperamos»⁶³⁴.

De uma das Orações sobre o povo propostas, uma novidade do novo Missal para cada dia da Quaresma⁶³⁵, retira-se uma expressão que caracteriza este tempo de especial preparação para a Páscoa. Nela, pede-se que o povo se prepare para a «celebração das festas pascais, não só pela observância corporal, mas principalmente pela pureza de alma»⁶³⁶. E aqui podemos estabelecer um paralelismo com a alegria de que temos vindo a falar ao longo dos capítulos deste trabalho: também a alegria, mais que uma coisa exterior e visível, é algo que está no nosso interior e vem, como vimos até aqui, de Deus e de nos sabermos salvos pelo Mistério Pascal de seu Filho.

⁶²⁸ Antífona I para a Procissão do Domingo de Ramos. *Missal Romano*, 249.

⁶²⁹ Cf. Antífona II para a procissão do Domingo de Ramos. *Missal Romano*, 250.

⁶³⁰ Hino a Cristo Rei para a procissão do Domingo de Ramos. *Missal Romano*, 251.

⁶³¹ Responsório para a entrada da procissão de ramos na igreja. *Missal Romano*, 251.

⁶³² Cf. Bellavista, «La preparacion a la Pascua: la Cuaresma», 170.

⁶³³ Cf. *Missal Romano*, 243.

⁶³⁴ Oração depois da comunhão do Domingo de Ramos. *Missal Romano*, 255.

⁶³⁵ Cf. Peixoto, «A nova edição do missal português», 47–48.

⁶³⁶ Oração sobre o povo de Segunda-feira da Semana Santa. *Missal Romano*, 256.

A Quaresma e, dentro desta, a Semana Santa, conduz-nos ao Tríduo Pascal. Aqui, celebramos os «mistérios principais da nossa redenção»⁶³⁷. É o «ponto culminante de todo o ano litúrgico» (NGAL, 18). Do «sagrado Tríduo da Paixão e Ressurreição do Senhor» (NGAL, 18) vimos já toda a parte da Ressurreição, com a Vigília Pascal e o dia de Páscoa, mas importa olhar agora ao restante Tríduo. Este começa com a Missa da Ceia do Senhor (cf. NGAL, 19), na Quinta-feira Santa. Nesta celebração, que comemora o «tríplice dom do Sacerdócio ministerial, da Eucaristia e do mandamento novo do amor»⁶³⁸, os altares podem ser ornamentados, e canta-se o hino do *Gloria*, juntamente com os sinos, o que só voltará a acontecer na Vigília Pascal⁶³⁹. Sinais da alegria motivada pelos dons mencionados.

A celebração da Paixão do Senhor, na Sexta-feira Santa, um dia centrado nos «eventos que vão da condenação à morte até à crucifixão de Cristo»⁶⁴⁰, divide-se em três partes: a Liturgia da Palavra, a Adoração da Cruz e a Sagrada comunhão⁶⁴¹.

Relativamente à temática da alegria, sobre a qual temos vindo a refletir, há dois momentos que importa destacar. Desde logo, no terminar da Liturgia da Palavra, a Oração dos Fiéis, neste dia solenemente rezada numa fórmula distinta do habitual durante o ano litúrgico⁶⁴².

Na prece «pelos que não creem em Deus», evidencia-se a alegria como marca da fé; pede-se que «pela retidão e sinceridade da sua vida, cheguem ao conhecimento do verdadeiro Deus» e, aí, que «todos se alegrem»⁶⁴³. Já na prece «pelos atribulados» evidencia-se a alegria que permanece, porque vem de Deus, também nas dificuldades, pedindo-se «que todos tenham a alegria de encontrar em suas dificuldades o auxílio da vossa misericórdia»⁶⁴⁴.

Outro momento da celebração da Paixão do Senhor que importa referir é o da Adoração da Cruz. Neste momento, pelas Antífonas propostas para este momento pelo Missal, evidencia-se a alegria que, pela cruz, chegou até nós com a Ressurreição: «Adoramos, Senhor, a vossa Cruz, louvamos e glorificamos a vossa ressurreição: pela árvore da cruz veio a alegria ao mundo inteiro»⁶⁴⁵. Facto que o hino proposto também evidencia:

«Porto feliz preparaste
Para o mundo naufragado
E pagaste por inteiro
O preço da redenção,

⁶³⁷ *Missal Romano*, 268.

⁶³⁸ Bento XVI, *Quaresma e Páscoa* (Lisboa: Paulus, 2018), 174.

⁶³⁹ Cf. *Missal Romano*, 271.

⁶⁴⁰ Bento XVI, *Quaresma e Páscoa*, 174.

⁶⁴¹ Cf. *Missal Romano*, 283.

⁶⁴² Cf. Oração Universal da Celebração da Paixão. *Missal Romano*, 284–98.

⁶⁴³ Oração Universal da Celebração da Paixão. *Missal Romano*, 295.

⁶⁴⁴ Oração Universal da Celebração da Paixão. *Missal Romano*, 297.

⁶⁴⁵ Antífona para a adoração da santa Cruz. *Missal Romano*, 300.

Pois o Sangue do Cordeiro
Resgatou as nossas culpas.

Cruz fiel e redentora,
Árvore nobre, gloriosa,
Nenhuma outra nos deu
Tal ramagem, flor e fruto»⁶⁴⁶.

Celebramos, portanto, a Paixão e Morte de Cristo na esperança da ressurreição⁶⁴⁷. E esta esperança na ressurreição faz com que, mesmo em momentos como estes, a alegria esteja sempre presente, tenha sempre lugar. Um cristão nunca pode, por isso, dispensar a sua alegria, que é Cristo, o próprio, Morto e Ressuscitado.

O Tempo Comum, que celebra o «mistério de Cristo na sua globalidade, especialmente nos domingos» (*NGAL*, 43), dá continuidade e faz a ligação entre os restantes tempos mencionados. Será a alegria um desses fatores de ligação, um elo? Como que um fio condutor? A Oração depois da comunhão do III Domingo do Tempo Comum parece trazer-nos, desde logo nos inícios do Tempo Comum, uma possível resposta. Nela, rezamos para que «nos alegremos sempre nestes dons sagrados»⁶⁴⁸, ou seja, para que haja sempre alegria na celebração dos sacramentos e, concretamente, na Eucaristia. E, logo no Domingo seguinte, reforçamos: «e nos alegrarmos no vosso louvor»⁶⁴⁹.

Tudo isto «unidos na alegria e no amor de Cristo»⁶⁵⁰, numa Igreja congregada na alegria e que serve ao Senhor na tranquilidade e na alegria⁶⁵¹. A ideia de caminho, ou peregrinação, para as «alegrias eternas» continua presente e é, portanto, transversal a todo o ano litúrgico: pedimos que os sagrados mistérios nos «santifiquem na vida presente e nos conduzam às alegrias eternas»⁶⁵², evidenciando-se uma alegria que permanece e tem em vista, como meta, uma alegria plena e eterna, que sejamos «participantes da felicidade celeste»⁶⁵³, para alcançarmos um dia em plenitude o que agora celebramos⁶⁵⁴. Antecipada e prometida, se preferirmos.

Assim, a Igreja Peregrina, «no meio da instabilidade deste mundo», fixa o seu coração «onde se encontram as verdadeiras alegrias»⁶⁵⁵, na certeza, expressada já próxima do final do

⁶⁴⁶ Hino para a adoração da santa Cruz. *Missal Romano*, 304.

⁶⁴⁷ Cf. Oração sobre o povo da Celebração da Paixão. *Missal Romano*, 307.

⁶⁴⁸ Oração depois da comunhão do Domingo III do Tempo Comum. *Missal Romano*, 429.

⁶⁴⁹ Antífona de entrada do Domingo IV do Tempo Comum. *Missal Romano*, 430.

⁶⁵⁰ Oração depois da comunhão do Domingo V do Tempo Comum. *Missal Romano*, 431.

⁶⁵¹ Cf. Oração coleta do Domingo VIII do Tempo Comum. *Missal Romano*, 434.

⁶⁵² Oração sobre as oblatas do Domingo XVII do Tempo Comum. *Missal Romano*, 443.

⁶⁵³ Oração coleta do Domingo XXVI do Tempo Comum. *Missal Romano*, 452.

⁶⁵⁴ Cf. Oração depois da comunhão do Domingo XXX do Tempo Comum. *Missal Romano*, 456.

⁶⁵⁵ Oração coleta do Domingo XXI do Tempo Comum. *Missal Romano*, 447.

Tempo Comum, com o Domingo XXXIII, de que é uma «felicidade duradoira e profunda ser fiel ao autor de todos os bens»⁶⁵⁶. Com Deus, a alegria não é momentânea e superficial, apenas exterior. É uma alegria que perdura e que brota do encontro com Ele, e concretamente da celebração dos seus sagrados mistérios, dos Sacramentos.

Alegria que é, ainda, expressada por variadíssimas Antífonas de entrada e comunhão dispersas um pouco por todo o Tempo Comum, como se pode verificar com os domingos VII, XIII, XXI, XXX, XXXI e XXXIII⁶⁵⁷. Não podemos esquecer, em igual sentido, os Prefácios indicados para este Tempo. Neles se evidencia a centralidade pascal em todo o ano litúrgico, incluindo o Tempo Comum, desde logo pelos Prefácios dominicais I e II⁶⁵⁸. Sempre celebramos o Mistério Pascal de Cristo e sempre vivemos «na esperança da Páscoa eterna»⁶⁵⁹.

Importa olhar com mais atenção o Prefácio X Dominical do Tempo Comum, intitulado «O Dia do Senhor». Nele desenvolve-se a teologia do dia do Senhor, do Domingo, que, antes, desenvolvemos como dia da Alegria. Este Prefácio dá também o seu contributo no que respeita à dimensão da alegria referente ao Domingo, que o Prefácio caracteriza como «dia de festa», em que a Igreja «reunida para escutar a palavra da salvação e participar no pão da vida, celebra o memorial do Senhor ressuscitado, na esperança do domingo que não tem ocaso, quando toda a humanidade entrar no vosso descanso», Domingo que esperamos com «feliz esperança»⁶⁶⁰.

Começamos o nosso percurso pelo ano litúrgico pela Ressurreição e terminámos com a Ressurreição, falámos sempre da Páscoa e, por isso, sempre da alegria pascal: «andámos de Páscoa em Páscoa, até à Páscoa eterna»⁶⁶¹.

Importa, contudo, ainda olhando ao Tempo Comum, uma referência às denominadas solenidades do Senhor no Tempo Comum⁶⁶², ou seja, a solenidade da Santíssima Trindade, a solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, a solenidade do Sagrado Coração de Jesus e, ainda, no Domingo que encerra o Tempo Comum e o ano litúrgico, a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo.

No que à temática da alegria respeita destaca-se, entre estas solenidades, a do Sagrado Coração de Jesus. No Prefácio próprio deste dia, encontramos como que um mote para todo o ano litúrgico, para a celebração dos sacramentos:

«Elevado sobre a cruz,
com admirável amor deu a sua vida por nós

⁶⁵⁶ Oração coleta do Domingo XXXIII do Tempo Comum. *Missal Romano*, 459.

⁶⁵⁷ Cf. *Missal Romano*, 433–59.

⁶⁵⁸ Cf. *Missal Romano*, 564–66.

⁶⁵⁹ Prefácio VI Dominical do Tempo Comum. *Missal Romano*, 566.

⁶⁶⁰ Prefácio X Dominical do Tempo Comum. *Missal Romano*, 574.

⁶⁶¹ Cf. Contracapa. Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*.

⁶⁶² Cf. *Missal Romano*, 461–71.

e, do seu lado trespassado, fez brotar sangue e água,
símbolo dos sacramentos da Igreja,
para que todos os homens,
atraídos ao Coração aberto do Salvador,
possam beber, com alegria, nas fontes da salvação»⁶⁶³.

É com alegria que nos dirigimos à Fonte, ao próprio Cristo que se dá nos sacramentos, explorando a imagem dos Sacramentos, da Liturgia, como fonte, e fonte que tem a sua nascente no Lado Aberto de Cristo, no Seu Sagrado Coração, como rezamos no Prefácio citado. E, ao celebrar a solenidade do Coração de Cristo, recordamos com alegria as maravilhas do Seu amor⁶⁶⁴.

A encerrar o Tempo Comum e o ano litúrgico temos a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, e, novamente com o Prefácio próprio desta solenidade, encontramos a referência à alegria, concretamente ao «óleo da alegria»⁶⁶⁵, também referido na solenidade do Batismo do Senhor, igualmente no seu Prefácio⁶⁶⁶.

Terminamos o Tempo Comum, assim, pedindo ao Senhor que «obedecendo com santa alegria aos mandamentos de Cristo, Rei do universo, mereçamos viver para sempre com Ele no reino celeste»⁶⁶⁷. É Um reino de alegria (cf. Rm 14, 17).

Ainda no campo das solenidades, temos as de dia fixo, não vinculadas a um determinado Tempo litúrgico. Falámos de Cristo, já no primeiro capítulo, como plenitude da alegria. A solenidade da Anunciação do Senhor, a 25 de março, é naturalmente motivo de alegria para uma Igreja que «reconhece a sua origem na Encarnação» e que procura «sentir a alegria de celebrar, nesta solenidade, os mistérios do seu Salvador»⁶⁶⁸.

Relativamente, ainda, ao mistério da Encarnação como motivo de alegria, passamos a uma outra solenidade, a do Nascimento de São João Batista, «o Precursor do Senhor, que já no seio materno, por virtude do Espírito Santo, exultou de alegria com a vinda da salvação humana, profetizando, com o próprio nascimento, o Senhor Jesus Cristo»⁶⁶⁹. A alegria marca também esta solenidade, desde logo com a Antífona de entrada da Missa da Vigília: «Será grande aos olhos do Senhor e cheio do Espírito Santo desde o seio materno. Muitos se hão de alegrar pelo seu nascimento»⁶⁷⁰. Uma solenidade em que a Igreja pede «o dom da alegria espiritual»⁶⁷¹ e

⁶⁶³ Prefácio da solenidade do Sagrado Coração de Jesus. *Missal Romano*, 467.

⁶⁶⁴ Cf. Oração coleta da solenidade do Sagrado Coração de Jesus. *Missal Romano*, 466.

⁶⁶⁵ Prefácio da solenidade de Cristo Rei do universo. *Missal Romano*, 470.

⁶⁶⁶ Cf. Prefácio do Batismo do Senhor. *Missal Romano*, 182.

⁶⁶⁷ Oração depois da comunhão da solenidade de Cristo Rei do universo. *Missal Romano*, 471.

⁶⁶⁸ Oração sobre as oblatas da solenidade da Anunciação do Senhor. *Missal Romano*, 831.

⁶⁶⁹ *Missal Romano*, 885.

⁶⁷⁰ Antífona de entrada da solenidade do Nascimento de São João Batista. *Missal Romano*, 885.

⁶⁷¹ Oração coleta da Missa do dia da solenidade do Nascimento de São João Batista. *Missal Romano*, 886.

«se alegra com o nascimento de São João Batista», pedindo «a graça de reconhecer o autor do seu renascimento espiritual n’Aquele cuja vinda ao mundo foi anunciada pelo Precursor»⁶⁷². Alegria que o Prefácio próprio reforça, pois não só antes de nascer «exultou de alegria, sentindo a presença do Salvador» como «quando veio ao mundo, muitos se alegraram pelo seu nascimento»⁶⁷³.

As duas solenidades marianas não vinculadas a um Tempo específico, a solenidade da Assunção de Nossa Senhora, a 15 de agosto, e a solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Maria, a 8 de dezembro, têm também, naturalmente, a marca da alegria presente, concretamente nas respectivas Antífonas de entrada. Na Missa do dia da Assunção de Nossa Senhora: «Exultemos de alegria no Senhor, ao celebrar este dia de festa em honra da Virgem Maria. Na sua Assunção alegram-se os anjos e cantam louvores ao Filho de Deus»⁶⁷⁴; já na solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria: «Exulto de alegria no Senhor, a minha alma rejubila no meu Deus, que me revestiu com as vestes da salvação e me envolveu com o manto da justiça, como esposa adornada com suas joias»⁶⁷⁵.

Importa, ainda, fazer referência à solenidade de Todos os Santos. Falamos daqueles «que estão com Cristo na glória» e a quem a Igreja dedica uma «celebração festiva»⁶⁷⁶. Igreja que, ainda Peregrina, venera já a memória daqueles cuja companhia alegra os céus, na Igreja Celeste, para que «se estimule com o seu exemplo, se conforte com a sua proteção e, com eles, receba a coroa do triunfo, na visão eterna da divina majestade»⁶⁷⁷. Uma Igreja Peregrina, rumo à Jerusalém Celeste, chamada à santidade, e que exulta de alegria no Senhor, ao celebrar este dia de festa em honra de Todos os Santos⁶⁷⁸. Nesta solenidade, «alegram-se os anjos e cantam louvores ao Filho de Deus»⁶⁷⁹.

A alegria marca a solenidade, tal como o expressa o seu Prefácio:

«Hoje nos dais a alegria de celebrar a cidade santa,
a nossa mãe, a Jerusalém celeste,
onde a assembleia dos santos, nossos irmãos,
glorifica eternamente o vosso nome.
Peregrinos dessa cidade santa,

⁶⁷² Oração depois da comunhão da Missa do dia da solenidade do Nascimento de São João Batista. *Missal Romano*, 889.

⁶⁷³ Prefácio da solenidade do Nascimento de São João Batista. *Missal Romano*, 887.

⁶⁷⁴ Antífona de entrada da Missa do dia da solenidade da Assunção da Virgem Maria. *Missal Romano*, 944.

⁶⁷⁵ Antífona de entrada da solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Maria. *Missal Romano*, 1039.

⁶⁷⁶ *Missal Romano* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022), 1007.

⁶⁷⁷ *Missal Romano*, 1007.

⁶⁷⁸ Cf. Antífona de entrada da solenidade de Todos os Santos. *Missal Romano* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022), 1007.

⁶⁷⁹ Antífona de entrada da solenidade de Todos os Santos. *Missal Romano*, 1007.

para ela caminhamos na fé e na alegria,
ao vermos glorificados os ilustres membros da Igreja,
que nos destes como exemplo e auxílio
para a nossa fragilidade»⁶⁸⁰.

Somos peregrinos que caminham na alegria. E, por isso, pedimos, nesta solenidade, que passemos «desta mesa de peregrinos ao banquete da pátria celeste»⁶⁸¹.

Não sendo solenidade, mas surgindo no calendário e celebração no seguimento da solenidade de Todos os Santos, encontramos a Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, na qual a Igreja, «depois da sua solicitude em celebrar com os devidos louvores todos os seus filhos que se alegram no céu, quer interceder diante de Deus pelas almas de todos os que nos precederam», para que, «purificados de toda a mancha do pecado, sejam associados aos cidadãos celestes, para poderem gozar da visão da felicidade eterna»⁶⁸².

É um dia onde se fala, sobretudo, de ressurreição, da esperança da ressurreição, orando para que «seja fortalecida a nossa esperança na ressurreição»⁶⁸³ dos que já partiram, e «por quem celebrámos o Mistério Pascal»⁶⁸⁴. E, se assim é, falamos também de alegria, sobretudo das «alegrias da bem-aventurança eterna»⁶⁸⁵. Vivemos as celebrações deste dia, e, podemos dizer, as celebrações exequiais daqueles que partem, como se refere no Prefácio I dos Defuntos, na «esperança da feliz ressurreição»⁶⁸⁶.

Podemos dizer que a solenidade de Todos os Santos, e também a Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, são a celebração, no seu conjunto, das alegrias eternas que vamos referindo ao longo do ano litúrgico, e para as quais peregrinamos «purificados pelo Mistério Pascal»⁶⁸⁷, ou seja, pela sua celebração peregrinamos para a «alegria que não tem fim»⁶⁸⁸.

3.4. Viver a Alegria celebrada

A Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*, do Concílio Vaticano II, afirma ser necessário que os fiéis «celebrem a Liturgia com retidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam» (SC, 11). A Liturgia pede, por isso, que exista coerência não só entre

⁶⁸⁰ Prefácio da solenidade de Todos os Santos. *Missal Romano*, 1008.

⁶⁸¹ Oração depois da comunhão da solenidade de Todos os Santos. *Missal Romano*, 1009.

⁶⁸² *Missal Romano*, 1010.

⁶⁸³ Oração coleta da Missa I da Comemoração de todos os fiéis defuntos. *Missal Romano*, 1010.

⁶⁸⁴ Oração depois da comunhão da Missa I da Comemoração de todos os fiéis defuntos. *Missal Romano*, 1011.

⁶⁸⁵ Oração coleta da Missa II da Comemoração de todos os fiéis defuntos. *Missal Romano*, 1011.

⁶⁸⁶ Prefácio I dos Defuntos. *Missal Romano*, 628.

⁶⁸⁷ Oração depois da comunhão da Missa II da Comemoração de todos os fiéis defuntos. *Missal Romano*, 1012.

⁶⁸⁸ Bênção solene para celebrações pelos defuntos. *Missal Romano*, 714.

o que se diz, ou reza, e o que se crê, a *Lex orandi/celebrandi* e *Lex credendi*, a que já nos referimos, mas também destas com o nosso agir. Entre, portanto, o que se celebra, acredita e vive, *Lex vivendi*. É assim que cooperamos com a graça de Deus (cf. *SC*, 11). São as quatro dimensões das denominadas «leis fundamentais da vida em Cristo»⁶⁸⁹, a que nos alude o Catecismo da Igreja.

A alegria celebrada tem, por isso, que ser alegria vivida – detemo-nos nestas duas dimensões. As palavras pronunciadas, rezadas, que vimos até aqui, necessitam de encontrar, agora, correspondência no nosso viver. Aliás, a própria Liturgia «autodefine-se como vida vivida na coerência da Fé, celebração e vida»⁶⁹⁰. É aquilo que, já no século IV, era definido por Santo Inácio de Antioquia como viver «segundo o Domingo»⁶⁹¹, ou seja, viver segundo o que se celebra no Domingo, que é viver na «esperança da ressurreição», sendo esta que «nos permite – e exige – viver na alegria»⁶⁹². Se, atrás, vimos o dinamismo próprio da Liturgia, e em especial da Eucaristia, como um dinamismo de alegria, vemos agora um dinamismo que se pode dizer ser «da Liturgia à vida e da vida à Liturgia», como sendo «o dinamismo decisivo que constrói a comunidade cristã»⁶⁹³.

E, assim, neste dinamismo, a alegria da Liturgia só pode ser alegria vivida. A alegria que se manifesta na celebração deve manifestar-se na vida. Não separando Liturgia e vida, mas, antes, demonstrando precisamente a união entre estas como um único dinamismo, um dinamismo de alegria.

Na procura desta correspondência/coerência entre o que se celebra e vive, está, assim, o modo como participámos na Liturgia. A participação, tão querida ao Concílio Vaticano II (cf. *SC*, 10-11; 48), como alertou o Papa Bento XVI, não pretende fazer referência à «mera atividade exterior durante a celebração», mas antes «ser entendida, em termos mais substanciais, a partir duma maior consciência do mistério que é celebrado e da sua relação com a vida quotidiana» (*SCAR*, 52). Como refere Romano Guardini, a «primeira coisa exigida destes cristãos reunidos, é a participação ativa, viva, de coração e de espírito»⁶⁹⁴.

Celebração e vida não se podem separar. Procura-se, assim e ainda hoje, atender à recomendação do Concílio Vaticano II, de que os cristãos não entrem na Eucaristia «como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, ativa e piedosamente» (*SC*, 48). Só com esta consciência poderão viver em coerência com o que

⁶⁸⁹ Ratzinger, «Introdução», 10.

⁶⁹⁰ Cordeiro, «Da Liturgia à Vida», 204.

⁶⁹¹ Inácio de Antioquia, *Epístola aos Magnésios*, PG 5, 670.

⁶⁹² Duque, *No corpo do tempo*, 112.

⁶⁹³ Cordeiro, «Da Liturgia à Vida», 204.

⁶⁹⁴ Guardini, *O Espírito da Liturgia*, 26.

celebram, vivendo em «fidelidade à fé professada e celebrada»⁶⁹⁵. Objetivo que se atinge, concretamente, por meio «duma boa compreensão dos ritos e orações» e sendo «instruídos pela palavra de Deus» (SC, 48).

O mistério «acreditado» e «celebrado» possui «em si mesmo um tal dinamismo, que faz dele princípio de vida nova em nós e forma da existência cristã», no sentido em que, «comungando o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, vamo-nos tornando participantes da vida divina de modo sempre mais adulto e consciente» (SCAR, 70). Assim, a «vida eterna começa em nós, já agora, através da mudança que o dom eucarístico gera na nossa vida» (SCAR, 70). É um ser com Cristo a que nos leva não só a Eucaristia, mas todos os sacramentos⁶⁹⁶.

A relação entre a celebração e a vida, ou, se preferirmos celebração, crença e vida, está, portanto, naquilo que é a essência da Liturgia. A contemplação e vivência do Mistério de Cristo cumpre-se «na vida de cada um dos fiéis e encontra a sua adequada expressão e atualização na Liturgia»⁶⁹⁷. Deste modo, «acreditar, celebrar e viver são dimensões da integração no mesmo e único Mistério de Cristo que a Liturgia da Igreja sempre torna presente à vida pessoal e comunitária da fé»⁶⁹⁸. A fonte é, para todas estas dimensões – acreditada, rezada, celebrada e vivida – sempre a mesma: o Mistério Pascal de Cristo (cf. SCAR, 34).

Apresentam-se, contudo, na vida do cristão, dificuldades que se traduzem, não raras vezes, numa difícil ligação ou coerência entre o que se celebra e o que se vive, desde logo a alegria de que vimos refletindo, com os cristãos vistos, não raras vezes, como crentes não alegres⁶⁹⁹, cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa (cf. EG, 6). Mas, se é o próprio Cristo quem dá a plenitude da sua alegria aos que n'Ele creem (cf. Jo 17, 13), se a alegria era característica das primeiras comunidades (cf. At 2, 46) e se, como vimos, há alegria na celebração de todo o ano litúrgico, a falta de alegria dos cristãos acaba por ser um sinal da não correspondência entre o que se acredita e celebra e o que se vive. Talvez porque «aquilo que cremos por fé torna-se, depois, psicologicamente débil, não incide na personalidade, é apenas verdade intelectual ou teológico-espiritual, mas parece não atingir os sentimentos nem roçar no coração»⁷⁰⁰.

A alegria não demonstrada pode significar isso mesmo, que «é verdade acreditada, mas não gozada, ou, talvez, não seja acreditada até ao fundo», e por isso, ao contrário do que fomos vendo como motivo de alegria, «não nos basta saber que somos filhos de Deus Altíssimo e

⁶⁹⁵ Ratzinger, «Introdução», 10.

⁶⁹⁶ Cf. Cordeiro, «Da Liturgia à Vida», 212.

⁶⁹⁷ Martín, «Tiempo Sagrado, Tiempo Litúrgico y Misterio de Cristo», 59.

⁶⁹⁸ Cordeiro, «Da Liturgia à Vida», 212.

⁶⁹⁹ Cf. Cencini, *A alegria. Sal da vida cristã*, 6.

⁷⁰⁰ Cencini, 28.

feitos à sua imagem e semelhança para colher a nossa dignidade e sermos felizes (...) o coração (ou o tesouro) da pessoa, nestes casos, está noutra lugar»⁷⁰¹. Ora, a «alegria será tanto maior quanto mais houver um único grande amor no centro da nossa vida»⁷⁰².

Urge, neste sentido, recentrarmos o nosso viver cristão na sua fonte maior, que é a Eucaristia, e, concretamente, na dominical, a Páscoa semanal, o dia da Alegria. Dando agora resposta ao apelo que ficou, em parte, sem resposta no regresso às igrejas após um dos momentos críticos da pandemia Covid-19, em 2020: «voltemos com alegria à Eucaristia!»⁷⁰³.

3.5. Que caminhos para uma alegria vivida?

A tradição cristã legou-nos um clima de alegria que caracteriza a celebração do Domingo⁷⁰⁴. É a «alegria que brota do encontro eucarístico com o Esposo»⁷⁰⁵. Referimo-nos, portanto, a uma alegria que se exprime na «grande tradição teológica e espiritual» e que podemos encontrar, por exemplo, «na teologia de alto nível e na Liturgia»⁷⁰⁶, como vimos. Não será, assim, algo que agora se descobriu, mas antes algo que, aqui sim, precisa de ser redescoberto.

3.5.1. Valorização do Domingo

O cristianismo não pode ser, em caso algum, a religião da tristeza, mas sim, e sempre, da alegria. E o Domingo, como dia da Alegria, terá de ser o irradiador da alegria para o quotidiano, para a semana que inicia. Dar o mote, como dia da Alegria e primeiro dia da semana, ao quotidiano cristão, tal como a Páscoa o é para o ano litúrgico, e, assim, unir a Liturgia à vida e a vida à Liturgia. É, uma vez mais, a alegria como vínculo, como elo.

Sendo Cristo, no seu Mistério Pascal, o «protagonista da celebração dominical», o centro do Domingo, como dia festivo que é, não pode ser outro que não a Eucaristia, que «faz deste dia a festa do Senhor para nós»⁷⁰⁷.

Contudo, como respondeu Paul De Clerck à questão de como fazer para os féis viverem com alegria a Eucaristia dominical, é preciso que, em primeiro lugar, as pessoas venham⁷⁰⁸. E,

⁷⁰¹ Cencini, 28.

⁷⁰² Cencini, 57.

⁷⁰³ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «Voltemos com alegria à Eucaristia!», site, *Conferência Episcopal Portuguesa*, acessado 5 de setembro de 2024, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/voltemos-com-alegria-a-eucaristia/>.

⁷⁰⁴ Cf. Martín, *El Domingo, Fiesta de los Cristianos*, 152.

⁷⁰⁵ Martín, 150.

⁷⁰⁶ Kasper, *La alegría del cristiano*, 61.

⁷⁰⁷ Martín, *El Domingo, Fiesta de los Cristianos*, 153.

⁷⁰⁸ Cf. Paul De Clerck, *A Inteligência da Liturgia* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022), 120.

para tomarem a iniciativa de virem, é necessário que reconheçam tudo quanto foi dito até aqui e, em particular, o que se referiu nas diferentes partes do segundo capítulo. É necessário também que encontrem na celebração dominical tudo quanto foi evidenciado até aqui. Urge, neste sentido, que a pastoral das paróquias se volte para a valorização do Domingo como dia da comunidade e da Alegria.

Importa, antes de mais, olhar à celebração dominical, que deve ser o «centro de toda a comunidade»⁷⁰⁹, e procurar encontrar caminhos para a recuperação da ligação entre a alegria da Liturgia, espelhada diretamente nos textos litúrgicos e, por isso, celebrada, e a vivência dessa mesma alegria, na celebração e fora dela, no quotidiano, por cada um dos fiéis. Caso contrário, continuaremos, como alerta Armando Matteo, com «um Deus que continua a ser celebrado sem alegria», o que dá lugar, afirma, «à convicção corrente de que a alegria deve ser celebrada precisamente sem Deus»⁷¹⁰.

A Eucaristia dominical, como, aliás, toda a Liturgia, deve ser bem celebrada, como alerta António Bravo Tisner, que considera que o banquete da nossa salvação não pode ser triste, alertando para a rotina que, muitas vezes, priva a assembleia celebrante da verdadeira alegria⁷¹¹. É essencial cuidar da celebração nos seus vários momentos, nas suas várias componentes, de modo que a sua essência não fique ofuscada ou distorcida, mas antes se evidencie, na sua nobre simplicidade⁷¹², a alegria que dela brota.

Neste sentido, revela-se essencial uma boa preparação da Liturgia dominical. Começando pela sua celebração. Importa que o celebrante principal conheça bem o Missal. Já nos detivemos na sua importância e vimos, inclusive, algumas das novidades que este trouxe, multiplicando os textos litúrgicos disponíveis⁷¹³, permitindo ao celebrante explorar uma grande diversidade de textos, que podem, assim, ir mais facilmente ao encontro da realidade concreta da assembleia celebrante, que também ganharia em conhecer melhor o Missal, e, também claro, da Liturgia da Palavra e do tempo litúrgico celebrado.

Na Liturgia dominical, dois elementos assumem especial relevo, a ponto de serem obrigatórios ao Domingo: a Homilia e a Oração dos Fiéis (cf. *DD*, 49). E podem ser muito importantes no pretendido com esta nossa reflexão. Os aspetos referidos – textos litúrgicos; realidade concreta da assembleia celebrante; Liturgia da Palavra; Tempo litúrgico – podem, com as homilias, ser cuidadosamente aprofundados, na ligação entre estes.

⁷⁰⁹ Martín, *El Domingo, Fiesta de los Cristianos*, 165.

⁷¹⁰ Armando Matteo, *Converter Peter Pan* (Prior Velho: Paulinas, 2022), 152.

⁷¹¹ Cf. Antonio Bravo Tisner, *Meditaciones sobre la alegría cristiana* (Salamanca: Sígueme, 2012), 185.

⁷¹² Cf. Cordeiro, «Da Liturgia à Vida», 203.

⁷¹³ Cf. Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa, «Celebrar e viver melhor a Eucaristia», em *Apresentação do Missal Romano na terceira edição* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022), 14–15.

A mistagogia, no sentido do que neste trabalho queremos reforçar, pode ser um importante elemento a ter em conta nas homilias. Enzo Bianchi pede mesmo que os celebrantes principais sejam mistagogos, sabendo «com poucas palavras, fazer penetrar no sentido dos sinais e das ações realizadas»⁷¹⁴; é, como o definiu Bento XVI numa das suas catequeses sobre os Padres da Igreja, ir «do rito ao mistério»⁷¹⁵. E talvez este seja um aspeto que dificulta uma alegria verdadeiramente vivida: a não compreensão dos ritos e textos litúrgicos.

Neste âmbito da mistagogia, ganhava especial relevo a referência à Oração depois da comunhão, que é uma «invocação ao Senhor, para que a participação no mistério torne a todos conformes com o corpo de Cristo», com o objetivo de que as vidas de todos os celebrantes «se ajustem e harmonizem com a eucaristia recebida»⁷¹⁶. Os cristãos, «convocados cada Domingo para viver e confessar a presença do Ressuscitado, são chamados, na sua vida quotidiana, a tornarem-se evangelizadores e testemunhas» (DD, 45). E aqui, a Oração depois da comunhão e o Rito de conclusão «hão de ser, sob este aspeto, melhor entendidos e valorizados, para que todos os participantes na Eucaristia sintam mais profundamente a responsabilidade que daí lhes advém» (DD, 45). E tantas vezes, como vimos, é expressamente de alegria que falamos nestas Orações, Bênçãos finais e despedidas. Deste modo, tal como os discípulos de Emaús depois de terem reconhecido Cristo ressuscitado na «fração do pão» (cf. Lc 24,30-32), sentimos a exigência de partilhar com os irmãos a alegria de ter encontrado o Senhor (cf. Lc 24,33-35). Com isto, fica feito o convite a que também eles queiram partilhar da alegria deste encontro. O testemunho como convite ideal. Convidados a «viver em festa, com sentido pascal»⁷¹⁷.

O outro aspeto que poderia merecer especial atenção na celebração é, como referido, a Oração Universal. É «por meio dela que a função sacerdotal que compete ao Povo de Deus é exercida»⁷¹⁸. Nela «enumeram-se juntamente as necessidades não só daquela comunidade cristã, mas da humanidade inteira» (DD, 38). Corresponde ao que a Igreja assume na Constituição *Gaudium et Spes*: «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo (...) a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história» (GS, 1). A Igreja, na sua celebração, une-se à humanidade, ao concreto das suas vidas. Seria pertinente, e a Liturgia prevê que isso

⁷¹⁴ Bianchi, *Presbíteros: Palavra e Liturgia*, 6.

⁷¹⁵ Bento XVI, «Audiência Geral», site, *Vatican*, acessado 6 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070627.html.

⁷¹⁶ Bianchi, *Presbíteros: Palavra e Liturgia*, 20.

⁷¹⁷ J. Aldazábal, «El domingo, día del Señor», em *La Celebración en la Iglesia. Ritmos y Tiempos de la Celebración*, vol. III (Salamanca: Sígueme, 2014), 93.

⁷¹⁸ Bianchi, *Presbíteros: Palavra e Liturgia*, 13.

possa acontecer, acrescentando preces, por exemplo⁷¹⁹, que as preces refletissem o viver da comunidade celebrante, nas suas circunstâncias específicas, como sinal de proximidade às vidas concretas dos crentes, de ligação, uma Liturgia que se une à vida concreta de cada um e das suas comunidades. Preces que brotassem do «coração vivo daqueles que participam na Missa»⁷²⁰, e que a assembleia as sentisse como suas.

Aspetos que poderiam, naturalmente, ser acompanhados por uma maior atenção às intercessões, já no seio das Orações Eucarísticas, nas partes previstas e conforme Missal, por exemplo, com as memórias dos vivos, quando previstas e justificadas, dos defuntos, com menção do Padroeiro da comunidade, da Igreja Local, etc., levando, de forma mais evidente, a Oração Eucarística também ao encontro da realidade concreta da assembleia celebrante.

Referimos estes momentos, mas outros poderiam ser pertinentes. Aliás, o cuidado é para a celebração no seu todo, e sempre tendo em conta a assembleia celebrante, sobretudo no sentido da participação, que, sabemos, não designa «uma atividade qualquer (participação confundida com agitação), mas a participação na própria ação litúrgica; o objetivo consiste em fazer de modo que a assembleia se torne o sujeito da ação litúrgica»⁷²¹. Não tem, por isso, de ser apenas num sentido ministerial, numa «tarefa» mais ou menos litúrgica, mas caminhando sempre no sentido de sentirem a Oração da Igreja como Oração de todos e do humano todo, de todos se sentirem celebrantes. E a Liturgia exige, precisamente, que assim seja, um «total envolvimento do crente, que não participa de algo, mas celebra Alguém, de modo pessoal e ao mesmo tempo, comunitário», celebrar exige, por isso, a «vida inteira envolvida»⁷²².

O celebrante principal pode condicionar a forma de viver a celebração litúrgica, como refere o Papa Francisco (cf. *DDes*, 54). Importa, por isso, uma referência à *ars celebrandi* que, implicando a todos, porque todos são celebrantes, implica, de modo especial, o celebrante principal, o ministro ordenado, que deve «ter uma solicitude muito particular por ela» (*DDes*, 54), pois é «formado precisamente para presidir à assembleia celebrante» (*DDes*, 56). A *ars celebrandi*, ou arte de celebrar, é uma «forma de cuidar e crescer na compreensão vital dos símbolos da Liturgia» (*DDes*, 48). Permite ir, mais uma vez, além do rito (cf. *DDes*, 48). E, portanto, para que o faça bem feito, é de «fundamental importância que o sacerdote tenha a consciência viva de ser, pela misericórdia de Deus, uma presença particular do Senhor ressuscitado» (*DDes*, 57) e, portanto, com grande responsabilidade no que à alegria da

⁷¹⁹ Cf. *Oração Universal. Domingos, Feriados, Comuns e Rituais* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2013), 14.

⁷²⁰ Matteo, *Converter Peter Pan*, 147.

⁷²¹ De Clerck, *A Inteligência da Liturgia*, 22.

⁷²² Aparecida Machado, «Espiritualidade Litúrgica e Amadurecimento Humano-Espiritual» (São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016), 32, <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/27519/1/APARECIDA%20DONIZETE%20MACHADO.pdf>.

celebração respeita, a alegria do Ressuscitado que vimos salientando. Que atuem como verdadeiros colaboradores da alegria (cf. 2 Cor 1, 24).

Importa, no que concerne à alegria da celebração, ter em conta o carácter festivo que a Liturgia e, concretamente, a Eucaristia dominical, como dia da Ressurreição, deve ter. Urge «garantir à celebração aquele carácter festivo que convém ao dia comemorativo da Ressurreição do Senhor» (DD, 50). Pode ter-se perdido por diversos fatores, como as mudanças sociais, com o trabalho ao domingo, e clericais, com a acumulação de missas pelos presbíteros e consequente falta de tempo, ou até mesmo a secularização característica das últimas décadas nas nossas sociedades ocidentais, e que resulta num rápido processo de erosão no sentido cristão do Domingo⁷²³, mas importa, hoje, reclamar à Igreja «a recuperação do sentido festivo e alegre das suas celebrações, a superação de formalismos estáticos, de frios ritualismos»⁷²⁴.

O realçar do carácter festivo da Eucaristia dominical assume-se ainda mais desafiante nos domingos do Tempo Comum, que «não se apresentam nem como grandes festas nem em relação direta com as circunstâncias das nossas vidas»⁷²⁵. Ora, como refere Dionisio Borobio, a dimensão festiva da Eucaristia, como de qualquer outra festa, não se pode improvisar, exige cuidado e preparação, exige tempo e dedicação⁷²⁶.

3.5.2. Valorização do Canto

A dimensão festiva da celebração dominical pode encontrar a sua expressão facilitada através do canto. Importa «dar a devida atenção ao canto da assembleia, já que este é particularmente apto para exprimir a alegria do coração, faz ressaltar a solenidade e favorece a partilha da única fé e do mesmo amor» (DD, 50). Na sua preparação, importa «ter a preocupação da sua qualidade, tanto no referente aos textos como às melodias, para que tudo aquilo que de criativo e original hoje se propõe, esteja de acordo com as disposições litúrgicas e seja digno daquela tradição eclesial» (DD, 50). Importa um especial empenho em «incentivar todos a cantar e em ensinar a todos os cânticos litúrgicos», sendo este aspeto «a estrada real para dar ao Domingo aquilo em que consiste verdadeiramente o Domingo»⁷²⁷.

O canto adquire uma assumida importância na Liturgia. Bento XVI afirma mesmo que «não podemos falar de Liturgia sem falarmos também de música religiosa», assumindo ainda

⁷²³ Cf. Aldazábal, «El domingo, día del Señor», 72.

⁷²⁴ Dionisio Borobio, *Celebrar para vivir. Liturgia y Sacramentos de la Iglesia* (Salamanca: Sígueme, 2003), 22.

⁷²⁵ De Clerck, *A Inteligência da Liturgia*, 120.

⁷²⁶ Cf. Borobio, *Celebrar para vivir. Liturgia y Sacramentos de la Iglesia*, 24.

⁷²⁷ Matteo, *Converter Peter Pan*, 147.

um aspeto como factual: «quando decai a Liturgia, decai a música sagrada, e quando se entende e se vive a Liturgia corretamente, aparece a boa música»⁷²⁸.

E, nesta dimensão festiva ou da alegria a que nos vimos referindo, a música, o canto nas celebrações, pode ser bastante significativo na hora de entender onde está a alegria na celebração. Aliás, na sua forma mais solene, a Liturgia não é dita: é cantada⁷²⁹. Também na Liturgia Celeste, os «vinte e quatro anciãos proclamam o seu canto de louvor (...) o nosso louvor a Deus, na Liturgia, é tão-só o antegozo dessa alegria»⁷³⁰. Canto que é, muitas vezes, «ecumenicamente comum, o que dá um testemunho impressionante da alegria cristã»⁷³¹. É, muitas vezes, com o canto que nos sintonizamos com a Liturgia Celeste, é o que acontece com o hino do *Gloria*, o *Sanctus* e o *Agnus Dei*⁷³².

O canto nas celebrações pode ser, por isso, a manifestação mais evidente e eficaz da alegria da Liturgia que pretendemos realçar e uma verdadeira antecipação das alegrias eternas. Uma Liturgia que «canta com os anjos»⁷³³.

Contudo, o carácter festivo da celebração, e do Domingo de uma forma geral, pode-se manifestar de variadas formas. O toque festivo dos sinos, o especial cuidado com os espaços litúrgicos, nos seus adornos e beleza, por exemplo com as flores. Também a beleza e o cuidado das alfaias litúrgicas. As igrejas abertas seria outro alegre sinal deste dia, para visita de Cristo no Sacrário ou momento de adoração ao Santíssimo Sacramento, que «prolonga e intensifica quanto aconteceu» na Eucaristia festivamente celebrada, e «torna possível um acolhimento verdadeiro e profundo de Cristo»⁷³⁴.

3.5.3. Valorização da Formação Litúrgica

Ainda neste sentido da valorização litúrgica, de uma forma geral, mas especialmente da Eucaristia dominical, importa fomentar uma boa formação litúrgica. Como reconhece o Papa Francisco, hoje as pessoas «perderam a capacidade de compreender a ação simbólica, que é um traço essencial do ato litúrgico» (*DDes*, 27). E este é um aspeto desafiante, até porque, não raras vezes, orientamos os nossos esforços «apenas para as modalidades da celebração», e por isso as formações «não nos ajudam verdadeiramente a penetrar no mistério litúrgico»⁷³⁵, e, claro, na

⁷²⁸ Ratzinger, *Un Canto Nuevo para el Señor*, 160.

⁷²⁹ Kasper, *La alegría del cristiano*, 65.

⁷³⁰ Radcliffe, *A arte de viver em Deus. A imaginação cristã para elevar o real*, 234.

⁷³¹ Kasper, *La alegría del cristiano*, 9.

⁷³² Cf. Kasper, 65.

⁷³³ Ratzinger, *Un Canto Nuevo para el Señor*, 149.

⁷³⁴ Bento XVI, «Angelus», site, *Vatican*, acedido 5 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2007/documents/hf_ben-xvi_ang_20070610.html

⁷³⁵ Roger Etchegaray, «Prefácio», em Jean Corbon, *A Fonte da Liturgia* (Lisboa: Paulinas, 1999), 6.

sua alegria. A formação litúrgica necessária tem de ter em conta a realidade do mundo moderno, que a Igreja procura reconhecer sobretudo desde o Concílio Vaticano II (cf. *DDes*, 29), para que não fique a falar sozinha.

A formação litúrgica pretendida pode concretizar-se de duas formas distintas: «a formação para a Liturgia e a formação pela Liturgia» (*DDes*, 34). A primeira procura ajudar a que cada um possa «adquirir a capacidade de compreender os textos eucológicos, a dinâmica ritual e o seu significado antropológico» (*DDes*, 35). É um primeiro passo para que os fiéis possam entrar verdadeiramente no Mistério celebrado (*DDes*, 36), num desafio que é constante; por isso mesmo, a formação só faz sentido se for permanente, como, aliás, defende o Papa Francisco (cf. *DDes*, 38). Ao mesmo nos desafiou o 5º Congresso Eucarístico Nacional, que falou da necessidade de uma mais cuidada formação litúrgica, para «uma presença alegre, consciente, ativa e frutuosa da celebração»⁷³⁶.

Quanto à segunda – formação pela Liturgia – realiza-se pela participação na celebração (cf. *DDes*, 40). E para esta contribui, obviamente e sobretudo no sentido em que vimos falando, o que referimos até aqui. A Liturgia é, por si só e na sua celebração, «abundante fonte de instrução para o povo fiel» (*SC*, 33). Requer-se, para isto, que a celebração seja preparada, cuidada e bem celebrada, como vimos até aqui. E assim, «quando a Igreja reza, canta ou age», «a fé dos presentes é alimentada», e todos se «elevam a Deus» (*SC*, 33).

Sabemos que a Liturgia atual «revalorizou o Domingo como centro e eixo da semana»⁷³⁷. Importa que a celebração em si, a pastoral e toda a ação eclesial deixem isso bem patente. Ter o Domingo como objeto privilegiado da ação pastoral das comunidades⁷³⁸. Afinal a Eucaristia deve ser cume e fonte de toda a ação da Igreja (cf. *SC*, 10). Importa que, «mais do que o resultado de programas elaborados, uma pastoral abrangente, orgânica e integrada», se coloque a «Eucaristia dominical, fundamento de comunhão, no centro da vida da comunidade» (*DDes*, 37).

3.5.4. Valorização da *Lectio Divina* e de outros aspetos

Além da já referida valorização litúrgica, importa, neste sentido, incrementar mecanismos que à Eucaristia dominical conduzam, de forma mais consciente. Podemos pensar, além das já referidas formações litúrgicas, em catequeses sobre o Domingo e o seu sentido, bem como proporcionar uma *Lectio Divina* semanal sobre a Liturgia da Palavra dominical. Uma

⁷³⁶ «Conclusões do 5º Congresso Eucarístico Nacional», site, *Congresso Eucarístico*, acessado 6 de setembro de 2024, <https://congressoeucaristico.pt/conclusoes-do-5-o-congresso-eucaristico-nacional/>

⁷³⁷ Martín, «Tiempo Sagrado, Tiempo Litúrgico y Misterio de Cristo», 42.

⁷³⁸ Conferência Episcopal Portuguesa, *Instrução Pastoral sobre o Domingo e sua celebração*, 11.

equipa que acolha a assembleia celebrante, e uma preparação mais próxima à hora da Eucaristia, como ensaio de cânticos ou admoção introdutória ao espírito celebrativo, também poderia ser importante.

Tudo isto são aspetos que podem ir no sentido da valorização do dia do Senhor. Toda a pastoral paroquial deveria, assim, ter como que princípio e meta a Eucaristia dominical, ter como que um fio condutor que a todos reunisse na celebração dominical. Reconhecido o centro da nossa fé, importa que toda a pastoral – toda a atividade paroquial ou comunitária – parta da Eucaristia e para ela convirja.

O Domingo, como «dia dos sacramentos»⁷³⁹, deveria ser também tema no que à preparação dos diversos sacramentos respeita, sobretudo os de Iniciação Cristã, optando, sempre que possível, por realizá-los ao Domingo e, não acontecendo assim, não deixando de transmitir aos recetores dos sacramentos a importância e centralidade do Domingo, bem como a sua celebração comunitária.

A Eucaristia dominical, ou uma delas, deveria assumir um valor comunitário, no sentido de reunir toda a comunidade, tanto quanto possível. Evitar a dispersão da comunidade, para que melhor se reconheça que a Eucaristia «é uma ação conjunta da cabeça que é Cristo e da Igreja que é o seu Corpo»⁷⁴⁰, que é toda a assembleia celebrante, e se tenha a celebração da Palavra e Eucaristia como construtoras da comunidade⁷⁴¹. Que não seja uma mera rotina, em que cada um cumpre simplesmente um preceito ou um costume, mas antes, como «o dia que expressa mais claramente a identidade da própria Igreja assembleia, a comunidade reunida», onde, antes ainda de se começarem a «escutar os cânticos ou as leituras, é já uma manifestação da presença do Senhor ressuscitado entre os seus»⁷⁴². E, no sentido da valorização da Eucaristia dominical, ajudaria o não dispersar da comunidade, o não multiplicar de «missas», muitas vezes sem conseguir os recursos suficientes para garantir a sua digna e festiva celebração. E isto acontece, sobretudo e precisamente, nos dias festivos⁷⁴³, o que acaba por afetar a valorização pretendida.

É aquilo a que Armando Matteo nos desafia: «menos missas e mais Missa»⁷⁴⁴. Assim, mais facilmente evidenciaríamos qual o centro da comunidade, mais facilmente reuniríamos a comunidade e poderíamos valorizar a celebração dominical, destacando o seu carácter festivo e a sua alegria, que, desejamos, seja levada para toda a semana, para o quotidiano de cada um, testemunhando-a e partilhando-a.

⁷³⁹ Aldazábal, «El domingo, día del Señor», 95.

⁷⁴⁰ Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 111.

⁷⁴¹ Cf. Aldazábal, «El domingo, día del Señor», 71–72.

⁷⁴² Aldazábal, 88.

⁷⁴³ Cf. Matteo, *Converter Peter Pan*, 139.

⁷⁴⁴ Matteo, 139.

A chave para uma alegria celebrada e vivida, entendemos, pode ser o Domingo. Assumir este dia como um dos valores fundamentais da comunidade cristã que é⁷⁴⁵. Ter no Domingo a origem e como que o resumo semanal de todo o ciclo do ano cristão⁷⁴⁶, de toda a alegria que lhe está intrínseca, com o seu carácter festivo, a sua gratuidade e inutilidade imediatas, e que constituem «o aspeto mais universalmente percebido e partilhado pela cultura contemporânea»⁷⁴⁷, são aspetos que devemos ter em conta como oportunidades que são para a sua valorização, no sentido pretendido. Isto porque a sociedade poderá estar mais receptiva a entender e a aceitar a sua importância e centralidade.

O Domingo é um dia para valorizar a comunidade, no sentido de pertença e nas relações entre os seus membros. Um convívio paroquial, por exemplo, onde se prolonga e partilha a alegria da comunidade que celebra a Ressurreição. Também, como dia da caridade que é (cf. *SCAR*, 73), pode ser um dia de especial incentivo no que ao apelo e exercício da caridade respeita.

Aliás, como defende Júlían López Martín, os cristãos, vivendo o Domingo «conforme a alegria do dia do Senhor, e defendendo-o de todas as tentativas de secularização e até da anulação como dia de descanso, prestam um grande serviço à mesma sociedade em que vivem»⁷⁴⁸. Há aspetos comuns a valorizar, e a Igreja pode encontrar no Domingo e na sua valorização uma ponte com a sociedade atual e para as suas características e necessidades, sobretudo no que respeita à questão do dia do descanso e, claro está, da alegria e felicidade a que todo o humano, por natureza, aspira⁷⁴⁹.

Que a Igreja, ou seja, todos os batizados, a partir do Domingo e sua celebração, sejam capazes de irradiar «a alegria de anunciar a morte de Jesus Cristo e de celebrar a sua ressurreição, até que ele venha», pois, só assim, «através d'Ele e de nós, a nossa Liturgia resplandecerá»⁷⁵⁰.

⁷⁴⁵ Cf. Aldazábal, «El domingo, día del Señor», 171.

⁷⁴⁶ Aldazábal, 72.

⁷⁴⁷ Martín, *El Domingo, Fiesta de los Cristianos*, 152.

⁷⁴⁸ Martín, 153.

⁷⁴⁹ Cf. Anselm Grün, *As Oito Bem-Aventuranças. Caminho para uma vida bem conseguida* (Braga: Apostolado da Oração, 2010), 5-6.

⁷⁵⁰ Cassingena-Trévedy, *La Belleza de la Liturgia*, 94.

CONCLUSÃO

Refletimos sobre a alegria. Balizámos de que alegria pretendíamos falar e, ao longo deste trabalho, fomos levados como que a uma viagem *por* essa mesma alegria, na esperança de que contribua, de alguma maneira, para uma viagem *para* a alegria, esta última imagem utilizada por António Couto para falar da alegria pascal e do Tempo Pascal⁷⁵¹. Tudo isto conscientes de que o necessário seria mesmo uma *viragem* para a alegria.

Alegria por onde, como pudemos perceber, o cristianismo já andou. Está na sua essência. Basta, para tal, determo-nos na Sagrada Escritura para perceber isso mesmo. É nela, e concretamente a partir dos Atos dos Apóstolos e das Cartas de Paulo, que melhor se evidencia a alegria dos primeiros cristãos e das suas primeiras comunidades. A comunidade modelo caracterizava-se pela alegria (cf. At 2, 42-47). Marca distintiva da fé dos cristãos (cf. At 9, 39).

Uma viagem que, não obstante as muitas e boas alegrias que vamos encontrando no caminho que, sendo humanas e terrenas não deixam de ter em si algo de divino também, nos conduz à fonte da verdadeira alegria, uma alegria que não perece, mas antes permanece: a alegria que vem de Deus, do encontro com Ele e da salvação que em nós opera. Uma alegria que resiste às dificuldades e aos sofrimentos, certa do nosso futuro pascal⁷⁵² e da antecipação desse futuro, pois, desde já, experimentamos as alegrias do reino, como vimos em tantos dos textos litúrgicos citados.

Não é algo novo, tampouco uma descoberta. Vimos que está na essência do cristianismo, que deu, de certo modo, mote ao II Concílio do Vaticano – *Gaudet Mater Ecclesiae* – e aos tempos que se seguiram, embora timidamente. Com o pontificado do Papa Francisco, a alegria voltou a servir de mote, a ser uma presença mais constante, como é o caso das suas três primeiras exortações apostólicas. O que aqui se demonstra é que é necessário redescobrir essa alegria que jorra da Fonte, que parte daquilo em que acreditamos, que está na nossa celebração, e que precisamos de a levar para a vida, testemunhá-la e partilhá-la. Vivê-la. Fazer com que o cristianismo seja, de facto, a religião da alegria, no sentido em que isto se manifeste no viver quotidiano cristão. Existem dificuldades que saltam à vista, e de que fomos falando, mas também oportunidades para recuperar a alegria vivida.

Nesta viagem, que mais não é que um recentrar ou um olhar à essência, *por* e *para* a alegria, fomos à Fonte: o Mistério Pascal de Cristo. Depois vimos que essa fonte jorra, é a Liturgia da Igreja. E jorra para a vida de cada um que a procura, concretamente nos sacramentos e sobretudo na Eucaristia. A alegria cristã surge, por isso, vinculada à essência do cristianismo,

⁷⁵¹ Couto, *A Nossa Páscoa*, 61.

⁷⁵² Cf. Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 27.

ao centro da sua fé. A falta de alegria denuncia a perda do centro, diz-nos que é preciso ir à fonte, ao centro da nossa fé, ao Mistério Pascal de Cristo.

Assim, depois de vermos de que alegria se trata, vimos aquela que é a sua fonte. E, depois de evidenciarmos o que acreditamos, vimos o que verdadeiramente celebramos. E não restam dúvidas: celebramos a Alegria! Celebramos Cristo!

Temos, portanto, uma alegria que tem a sua fonte na Páscoa e que chega depois à vida concreta de cada um pela Liturgia e os Sacramentos, sobretudo ao Domingo, dia do Senhor, Páscoa semanal, dia da Alegria e dia dos sacramentos. Temos como que um fio condutor que une a Páscoa e a sua alegria às nossas vidas que se transformam, por isso, em vidas alegres, capazes de testemunhar e partilhar essa alegria, cada vez que se dá este encontro com a Alegria que brota da Liturgia, desse encontro com o Senhor. Encontro com o Ressuscitado que, tal como aconteceu com os discípulos, só pode ser causa de alegria (cf. Jo 20, 19-23). Hoje, é na Liturgia que se dá esse encontro (cf. *DDes*, 11), onde Cristo se faz presente (cf. *SC*, 7).

E, no Missal, encontramos um verdadeiro compêndio da alegria. Celebramos com alegria; pedimos para viver na alegria; falamos dos motivos da nossa alegria; olhamos já às alegrias eternas; antecipamos essa alegria eterna, experimentando-a desde já. Falamos da alegria divina, da alegria futura e antecipada, mas também da alegria humana que se manifesta desde já na vida cristã, no concreto do quotidiano de cada um, de cada crente que celebra e vive a sua fé. Liturgia e vida unem-se.

A alegria, confirmamos, não é específica de um Tempo ou solenidade. É transversal a toda a Liturgia. Toca todos os sacramentos e todo o ano litúrgico. Abrange toda a celebração dos Mistérios de Cristo, centrada no seu Mistério Pascal. E a Eucaristia é disso o maior exemplo, é uma verdadeira celebração de alegria⁷⁵³.

Por fim, referimo-nos à vida: uma alegria acreditada e celebrada tem de ser vivida. Afinal, evidenciamos a única alegria, como salientámos um único Deus.

A descoberta desta alegria pode ser mesmo a chave para que a Igreja fortaleça a sua ligação com a humanidade, partilhando desta aspiração que é comum a todos os humanos, a aspiração à felicidade, a uma vida feliz. E que contributo nós poderíamos dar!

E por onde começar? Pelo Domingo. Fazer com que o Domingo seja a alegria da nossa semana, da semana que se inicia. A alegria que vem desde a Fonte, como nos referimos, e que desemboca no Domingo, dia da Alegria. Seguindo o fio condutor entre Páscoa e Mistério Pascal, Liturgia e Eucaristia, chegámos à Páscoa semanal, o Domingo com a sua Eucaristia dominical. E fomos conduzidos por um fio condutor, um rasto, se preferirmos, que é o da

⁷⁵³ Cf. Kasper, *La alegría del cristiano*, 65.

alegria. O dia do Senhor, dia da Alegria, apresenta-se, por isso, com todo o seu significado e centralidade, como o dia que melhor pode devolver, digamos assim, a alegria aos fiéis que, como vimos, de facto e muitas vezes, não a vivem e, conseqüentemente, não a testemunham. E haverá melhor testemunho para que outros creiam que a alegria? Não há melhor testemunho que o da alegria⁷⁵⁴.

Além do mote lançado por João XXIII, com a alegria, o Concílio Vaticano II traz também consigo a valorização do Domingo como fundamento e centro de todo o ano litúrgico que é (cf. *SC*, 106). A valorização da Eucaristia dominical; o Domingo como dia da comunidade; uma pastoral que valorize a centralidade do Domingo; catequeses sobre o Domingo; formação litúrgica para todos os fiéis. Estes são alguns dos aspetos da vida da Igreja e de cada comunidade em específico que se revelam essenciais para que se celebre verdadeiramente esta alegria e a mesma possa irradiar para a vida das comunidades e para a vida concreta de cada um, que depois a testemunha aos restantes, numa evangelização que parte da Eucaristia e que seja marcada pela alegria (cf. *EG*, 1).

Haveria, com toda a certeza, muito mais a escrever acerca da alegria cristã, no seu aprofundamento bíblico, na piedade popular, nos santos da Igreja. São numerosos os testemunhos de alegria cristã. Contudo, todos eles têm uma fonte de alegria comum. E a sua fonte de alegria é esta que apresentamos, não pode ser outra: o Mistério Pascal de Cristo.

O encontro dominical com o Senhor não pode deixar ninguém indiferente. É preciso criar, ou facilitar, as condições necessárias para que esse encontro verdadeiramente aconteça. E aconteça na alegria, com o caráter festivo que o Domingo e a celebração da Eucaristia, bem como dos restantes sacramentos, neste dia devem ter de forma mais significativa.

A *viagem* ou *viragem* para a alegria pode efetivar-se, criar raízes, com a recuperação da centralidade da Eucaristia dominical, com toda a ação das comunidades a convergir para esta celebração festiva, marcada pela alegria. E, assim, Domingo a Domingo, há uma alegria que cresce e permanece, porque alimentada pelo Pão da Eucaristia, o Pão dos peregrinos⁷⁵⁵ que, com alegre esperança, podem cantar: «Vamos com alegria para a casa do Senhor!»⁷⁵⁶.

⁷⁵⁴ Cf. Reggio, *Por qué la alegría?*, 16.

⁷⁵⁵ Cf. Silva, *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*, 338.

⁷⁵⁶ Refrão do salmo da solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo. *Lecionário Dominical. Ano C*, 406.

BIBLIOGRAFIA

1. Sagrada Escritura

Bíblia. Os Quatro Evangelhos e os Salmos. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 2019.

Bíblia Sagrada. Lisboa e Fátima: Difusora Bíblica, 2013.

2. Magistério

Bento XVI. *Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Sacramentum Caritatis*. AAS 99 (2007): 105-180.

———. *Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Verbum Domini*. AAS 102 (2010): 681-787.

———. *Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae Porta Fidei*. AAS 103 (2011): 723-734.

Celebração da Confirmação. Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 2018.

Celebração da Penitência. Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 1997.

Celebração do Baptismo. Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 2017.

Celebração do Matrimónio. Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 2008.

Cerimonial dos Bispos. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 1990.

Concílio Ecuménico Vaticano II. *Allocutio Ioannis XXIII in Sollemni SS. Concilii Inauguratione Gaudet Mater Ecclesia*. AAS 54 (1962): 786-796.

———. *Constitutio de Sacra Liturgia Sacrosanctum Concilium*. AAS 56 (1964): 97-138.

———. *Constitutio Dogmatica de Ecclesia Lumen Gentium*. AAS 57 (1965): 5-67.

———. *Constitutio pastoralis Gaudium et Spes*. AAS 58 (1966): 1025-1120.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Instrução Pastoral sobre o Domingo e sua celebração*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1978.

Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. «Voltemos com alegria à Eucaristia!» Site. *Conferência Episcopal Portuguesa*. Acedido 5 de setembro de 2024. <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/voltemos-com-alegria-a-eucaristia/>.

Francisco. *Adhortatio Apostolica Gaudete et Exsultate*. AAS 110 (2018): 1111-1161.

———. *Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Amoris Laetitia*. AAS 108 (2016): 311-446.

- . *Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Evangelii Gaudium*. AAS 105 (2013): 1019-1137.
- . *Litterae Apostolicae Desiderio Desideravi*. AAS 114 (2022): 799-825.
- . *Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae Aperuit illis*. AAS 111 (2019): 1495-1504.
- João Paulo II. *Epistula Apostolica Dies Domini*. AAS 90 (1998): 713-766.
- . *Litterae Encyclicae Dominum et Vivificantem*. AAS 78 (1986): 809-900.
- . *Litterae Encyclicae Ecclesia de Eucharistia*. AAS 95 (2003): 433-475.
- Lecionário Dominical. Ano A*. Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 1992.
- Lecionário Dominical. Ano C*. Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 1994.
- Liturgia Horarum*, editio typica. Romae: Typis Polyglottis Vaticanis, 1974. Tradução portuguesa: *Liturgia das Horas*. Vol. III. Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 2000.
- Liturgia Horarum*, editio typica. Romae: Typis Polyglottis Vaticanis, 1974. Tradução portuguesa: *Liturgia das Horas*. Vol. II. Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 2013.
- Missale Romanum*, editio typica. Romae: Typis Polyglottis Vaticanis, 1970. Tradução portuguesa: *Missal Romano*. Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022.
- Oração Universal. Domingos, Feriados, Comuns e Rituais*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2013.
- Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos*. Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 1992.
- Paulo VI. *Adhortatio Apostolica Gaudete in Domino*. AAS 67 (1975): 289-322.
- . *Litterae Apostolicae Sub Plumbo Datae Apostolorum Limina*. AAS 66 (1974): 289-307.
- Secretariado Nacional de Liturgia. *Instrução Geral do Missal Romano (IGMR)*. Tradução portuguesa da 3ª edição típica latina. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.
- Unção e Pastoral dos Doentes*. Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 1994.

3. Bibliografia geral

- Agostinho. *Confissões*. PL 32, 659-868.
- . *Sermão 223 A*. PL 38, 1092-1093.
- Aldazábal, J. «El domingo, día del Señor». Em *La Celebración en la Iglesia. Ritmos y Tiempos de la Celebración*, III:71–98. Salamanca: Sígueme, 2014.
- . «Gaudete». Site. *Secretariado Nacional de Liturgia*. (blog). Acedido 23 de agosto de 2024. https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=176.

———. «Laetare». Site. *Secretariado Nacional de Liturgia*. (blog). Acedido 23 de agosto de 2024. https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=224.

Aliaga, E. «El Triduo Pascual». Em *La celebración en la Iglesia. Ritmos y tiempos de la celebración*, III:99–127. Salamanca: Sígueme, 2014.

Alves, Manuel Isidro. «Ressurreição e fé pascal». *Didaskalia*, n.º 19:2 (1989): 275–541.

Andresen, Sophia de Mello Breyner. *Obra Poética*. Porto: Assírio & Alvim, 2015.

Augé, Matias. «Teologia do Ano Litúrgico». Em *O Ano Litúrgico*, 9–34. São Paulo: Paulinas, 1991.

Augustin, George. *Colaboradores da vossa alegria. O ministério sacerdotal hoje*. Prior Velho: Paulinas, 2015.

Bellavista, J. «La preparacion a la Pascua: la Cuaresma». Em *La Celebración en la Iglesia. Ritmos y Tiempos de la Celebración*, III:153–70. Salamanca: Sígueme, 2014.

Bento XVI. «Angelus». Site. *Vatican*. Acedido 5 de setembro de 2024. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2007/documents/hf_ben-xvi_ang_20070610.html

———. «Audiência Geral». Site. *Vatican* (blog). Acedido 6 de setembro de 2024. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070627.html.

———. «Encontro do Papa Bento XVI com o Clero de Roma». Site. *Vatican*. Acedido 11 de junho de 2024. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130214_clero-roma.html.

———. «Mensagem do Papa Bento XVI para a XXVII Jornada Mundial da Juventude 2012». Site. *Vatican*. Acedido 4 de dezembro de 2023. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20120315_youth.html.

———. *Os Sacramentos. Sinais de Deus no Mundo*. Cascais: Lucerna, 2020.

———. *Quaresma e Páscoa*. Lisboa: Paulus, 2018.

Bernal, J. M. *Para vivir el Año Litúrgico. Una visión genética de los ciclos y de las fiestas*. Estella: Verbo Divino, 1997.

Bianchi, Enzo. *Presbíteros: Palavra e Liturgia*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2020.

Bilbao, Gabino Uríbarri. *El Hijo se hizo carne. Cristología fundamental*. Salamanca: Sígueme, 2021.

Blázquez, Ricardo. *La Iglesia. Misterio, Comunión, Misión*. Salamanca: Sígueme, 2017.

- Borobio, Dionisio. *Celebrar para vivir. Liturgia y Sacramentos de la Iglesia*. Salamanca: Sígueme, 2003.
- Boselli, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019.
- Bouyer, Louis. *O Mistério Pascal*. Lisboa: União Gráfica, 1969.
- Cabasilas, Nicolau. *A vida em Cristo*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2020.
- Cabecinhas, Carlos. «Celebração Litúrgica do Mistério Pascal». *Communio* 2, n.º XXVII (2010): 181–92.
- Calduch-Benages, Nuria. *Nacidos para la alegría*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2016.
- Cassingena-Trévedy, François. *La Belleza de la Liturgia*. Salamanca: Sígueme, 2008.
- Cencini, Amedeo. *A alegria. Sal da vida cristã*. Prior Velho: Paulinas, 2010.
- Chupungco, Anscar J. «Apresentação». Em *O Ano Litúrgico*, 5–6. São Paulo: Paulinas, 1991.
- Claudiel, Paul. *A anunciação a Maria*. Cascais: Lucerna, 2006.
- Coelho, António. *Meditações sobre a alegria*. Braga: Apostolado da Oração, 2010.
- Congresso Eucarístico Nacional. «Conclusões do 5º Congresso Eucarístico Nacional». Site. *Congresso Eucarístico*. Acedido 6 de setembro de 2024. <https://congressoeucaristico.pt/conclusoes-do-5-o-congresso-eucaristico-nacional/>
- Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa. «Celebrar e viver melhor a Eucaristia». Em *Apresentação do Missal Romano na terceira edição*, 13–18. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022.
- Corbon, Jean. *A Fonte da Liturgia*. Lisboa: Paulinas, 1999.
- Cordeiro, José. *A sacramentalidade da celebração eucarística*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2024.
- . «Apresentação». Em *Liturgia: a vitalidade da Igreja*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018.
- . «Apresentação». Em *A Eucaristia. Evocação e Celebração do Mistério Pascal*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019.
- . «Apresentação». Em *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021.
- . «Apresentação». Em *Apresentação do Missal Romano na terceira edição*, 5–11. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022.
- . *Corações ao alto. Introdução à Liturgia da Igreja*. Lisboa: Paulus, 2014.
- . «Da Liturgia à Vida». *Didaskalia* II, n.º XLIV (2014): 203–13.

- Correia, José Frazão. «Olhar as alegrias e as tristezas do nosso mundo - o olhar justo e o consentimento à vida». Em *Alegria! Nada nem ninguém te roube a alegria. Atas 11ª Sessão de Estudos de Espiritualidade Inaciana*, 91–106. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2016.
- Couto, António. *A Nossa Páscoa*. Lisboa: Paulus, 2013.
- . «“Todos lá nascemos”: a celebração do Mistério Pascal». *Igreja e Missão*, n.º 200 (2005): 237–50.
- Cunha, Jorge Teixeira da. «A Eucaristia e a Missão da Igreja. Uma reflexão sobre a Sacramentum caritatis de Bento XVI». *Didaskalia XXXVIII*, n.º 2 (2008): 311–26.
- De Clerck, Paul. *A Inteligência da Liturgia*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022.
- Dupont, Jacques. *A Mensagem das Bem-aventuranças*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1990.
- Duque, João Manuel. *No corpo do tempo*. Braga: Frente e Verso, 2021.
- Fabris, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.
- Falsini, Rinaldo. *A Liturgia*. Apelação: Paulus, 1999.
- Fernández, Marta García. «“Un Niño nos ha nacido” (Is 9, 5). Algunas anotaciones sobre el tema de la alegría en la Biblia». *Sal Terrae, La Alegría*. «Os lo repito: Estad Alegres» (Fl 4, 4), Tomo 101/11, n.º 1.184 (2013): 973–86.
- Forte, Bruno. *Porquê confessar-se? A Reconciliação e a beleza de Deus*. Lisboa: Paulus, 2013.
- François Varillon. *Alegria de Crer e de Viver*. Braga: Apostolado da Oração, 2013.
- Grün, Anselm. *As Oito Bem-Aventuranças. Caminho para uma vida bem conseguida*. Braga: Apostolado da Oração, 2010.
- Guardini, Romano. *O Espírito da Liturgia*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.
- Guerriero, Elio. «Introdução». Em *Os Sacramentos. Sinais de Deus no Mundo*, 7–10. Cascais: Lucerna, 2020.
- Kasper, Walter. *La alegría del cristiano*. Salamanca: Sal Terrae, 2019.
- . *La Liturgia de la Iglesia*. Cantabria: Sal Terrae, 2015.
- Kessler, Hans. *La Resurrección de Jesús*. Salamanca: Sigueme, 1989.
- Lamelas, Isidro Pereira. «De Demócrito e Isaac a Jesus Cristo: O riso na construção do Deus dos cristãos». *REVER: Revista de Estudos da Religião* 23, n.º 1 (2023): 13–35. <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2023vol23i1a2>.
- Lewis, C. S. *Surpreendido pela Alegria*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.
- Lorrain, Monique. *Discernir. O que é que se passa em nós?* Braga: Apostolado da Oração, 2008.

Machado, Aparecida. «Espiritualidade Litúrgica e Amadurecimento Humano-Espiritual». Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016. <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/27519/1/APARECIDA%20DONIZETE%20MACHADO.pdf>.

Manuel Luís. *Salmos Responsoriais*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019.

Martín, Julián López. *El Domingo dia del Señor*. Madrid: Editorial Católica, 1985.

———. *El Domingo, Fiesta de los Cristianos*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1992.

———. «Tiempo Sagrado, Tiempo Litúrgico y Misterio de Cristo». Em *La Celebración en la Iglesia. Ritmos y Tiempos de la Celebración*, III:31–70. Salamanca: Sígueme, 2014.

Matteo, Armando. *Converter Peter Pan*. Prior Velho: Paulinas, 2022.

Mendonça, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2015.

———. «Nada nem ninguém te roube a alegria: estratégias e caminhos». Em *Alegria! Nada nem ninguém te roube a alegria. Atas 11ª Sessão de Estudos de Espiritualidade Inaciana*, 107–17. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2016.

———. *O Tesouro Escondido. Para uma arte da procura interior*. Prior Velho: Paulinas, 2011.

Morrice, W. G. «Gioia». Em *Dizionario di Paolo e delle sue lettere*, 761–63. Milano: San Paolo, 1999.

Nouwen, Henri. *O regresso do filho pródigo*. Braga: Apostolado da Oração, sem data.

Papa Francisco. «Alegria Cristã: meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela de Santa Marta». Site. *Vatican*. Acedido 12 de dezembro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180528_alegria-crista.html.

———. «Catequeses. A paixão pela evangelização: o zelo apostólico do crente. O anúncio é alegria». Site. *Vatican* (blog). Acedido 11 de dezembro de 2023. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2023/documents/20231115-udienza-generale.html>.

———. «Mensagem do Papa Francisco para a XXXVIII Jornada Mundial da Juventude 2023». Site. *Vatican* (blog). Acedido 12 de dezembro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20231109_messaggio-giovani_2023.html.

———. *Na Alegria: o encontro com Jesus transforma a nossa tristeza em alegria*. Amadora: Farol, 2020.

———. «Um novo olhar sobre a confissão, o sacramento da alegria». *Vatican* (blog). Acedido 20 de março de 2024. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-09/papa-francisco-confissao-sacramento-alegria-editorial.html>.

Pascal, Blaise. *Pensamientos*. Madrid: El Cid Editor, 2003.

Peixoto, José da. «A nova edição do missal português». Em *Apresentação do Missal Romano na terceira edição*, 19–54. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022.

Radcliffe, Timothy. *Na margem do mistério. Ter fé em tempos de incerteza*. Prior Velho: Paulinas, 2016.

Radcliffe, Timothy. *A arte de viver em Deus. A imaginação cristã para elevar o real*. Prior Velho: Paulinas, 2021.

Ramis, G. «Año litúrgico. Ciclo de adviento-navidad-epifanía». Em *La celebración en la Iglesia. Ritmos y tiempos de la celebración*, III:171–96. Salamanca: Sígueme, 2014.

Ratzinger, Joseph. *Caminhar juntos na Fé*. Braga: Apostolado da Oração, 2005.

———. «Introdução». Em *Catecismo da Igreja Católica. Compêndio*, 9–11. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2005.

———. *Introdução ao Espírito da Liturgia*. Prior Velho: Paulinas, 2020.

———. *Un Canto Nuevo para el Señor*. Salamanca: Sígueme, 2011.

Reggio, Pius-Aimone. *Por qué la alegría?* Madrid: Ediciones Rialp, 2012.

Rodrigues, Pedro Ferreira de Almeida e Gonçalves. «“Oh noite ditosa, em que o céu se une à terra”. Uma leitura da dimensão cósmica do Exultet e da Vigília Pascal». Universidade Católica Portuguesa, 2022. <http://hdl.handle.net/10400.14/39390>.

Schmemmann, Alexander. *Para la vida del mundo: Liturgia, Sacramentos, Missão*. Salamanca: Sígueme, 2019.

Silva, Luís Manuel Pereira da. *Nascemos da Páscoa. O memorial do mistério pascal*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021.

Tisner, Antonio Bravo. *Meditaciones sobre la alegría cristiana*. Salamanca: Sígueme, 2012.

Ursúa, María Prieto. «Sucedáneos de la Alegría». *Sal Terrae, La Alegría*. «Os lo repito: Estad Alegres» (Fl 4, 4), Tomo 101/11, n.º 1.184 (2013): 987–99.

Varillon, François. *A Páscoa de Jesus*. Braga: Apostolado da Oração, 2007.

———. *Síntese da Fé Católica*. Braga: Apostolado da Oração, 1997.

Vasconcelos, Eder. *Pedagogia da Alegria: uma senda para encontrar a vivacidade*. São Paulo: Paulinas, 2020.

Von Balthasar, Urs. *Teodrammatica IV: L'azione*. Milano: Jacka Book, 1986.